

João Carlos Marinho

# João Carlos Marinho



## O GÊNIO DO CRIME

O GÊNIO DO CRIME



36.<sup>a</sup> EDIÇÃO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# O GÊNIO DO CRIME

João Carlos Marinho

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marinho, João Carlos M29g  
O gênio do crime / João Carlos Marinho. – 33ª ed  
33ª ed.

São Paulo : Global, 1989

ISBN: 85-260-0177-9

1. Ficção policial e de mistério - Literatura

Infanto-juvenil I. Título.  
88-1724

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Estórias de detetives: Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Ficção policial: Literatura infanto-juvenil 028.5
3. Literatura juvenil 028.5

© *João Carlos Marinho, 1986*

34ª edição: 1989  
35ª edição: 1990  
**36ª edição: 1990**

*Supervisão editorial:* Luiz Roberto Benati

*Revisão:* Ana A. Rotondano (controle)

Antônio José Fonseca Franz Keppler

*Produção gráfica:* Hélio Daziano

*Capa e ilustração do miolo:* Estúdio Gepp e Maia

*Arte-final:* Wilson Garcia

nº de catálogo: 1760

Direitos reservados:

***Global editora e distribuidora Ltda.***

Rua França Pinto. 836	Rua Mariz e Barros. 39
Fone: (011) 572-4473	conjs. 26/36
Cep 04016 - V. Mariana	Fone: (021) 273-5944
Cx Postal 45329	Cep 20270 - Tijuca
São Paulo SP	Rio de Janeiro RJ

*Dedico este livro à minha querida avó Cecília do Val Marinho.*

*Agradeço demais o estímulo que me deu o grande amigo José Osório.*

# CONTEÚDO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

O GÊNIO DO CRIME

# Capítulo 1





Era um mês de outubro em São Paulo, tempo de flores e dias nem muito quentes nem muito frios, e a criançada só falava no concurso das figurinhas de futebol.

Deu mania, mania forte, dessas que ficam comichando o dia inteiro na cabeça da gente e não deixa pensar em mais nada. Quem enchia o álbum ganhava prêmios bons e jogava-se abafa pela cidade: São Paulo estava de cócoras batendo e virando. Batia-se de concha, de mão mole, de quina, com efeito, de mão dura, conforme o tamanho do bolo, o jeito do chão e o personalíssimo estilo de cada um.

Na Escola Primária Três Bandeiras o sino anunciou o recreio e o Edmundo saiu voando da classe para encontrar o Pituca no pátio. Os dois estudavam no admissão, mas o Edmundo estava no 5.º ano A e o Pituca no 5.º ano B, e não tinham podido conversar ainda naquela manhã. Edmundo estava aflito: faz dois meses que só faltava o Rivelino para encher o álbum e poder ir lá na fábrica receber o prêmio. Comprara toneladas de envelopinhos e o Rivelino não saía, virou a cidade nos abafas até de Vila Matilde e do Tucuruvi e num dia foi num treino do Corinthians falar com o próprio Rivelino, inutilmente, porque o jogador também colecionava e não conseguia encontrar a figura dele mesmo.

Finalmente o Pituca veio com a novidade: disseram que no Largo de São Bento tinha um cambista que vendia as figurinhas abertas; o fulano encomendava a figurinha que queria e no dia seguinte o cambista trazia. Custava caro mas era garantido. Edmundo quis ir no mesmo dia, porém, tinha morrido um tio e o enterro seria naquela tarde, daí ter dado o dinheiro para o Pituca encomendar.

O enterro foi triste, Edmundo só pensava no Rivelino e teve que suportar um discurso de beira de cova que durou uma hora, dum parente que gostava de fazer discurso em festa de aniversário e casamento; uma oração poderosa, onde se elogiava a vida do defunto, o sacrifício que fez para vencer na vida, seu horror aos vícios, pois nunca fumara nem bebera, acordando cedo e dormindo antes das dez, seu equilíbrio e seu caráter, terminando o orador por apontar ameaçadoramente o dedinho aos presentes e proclamar que não se iludissem, todos morreriam, não sobraria ninguém.

Na hora da janta telefonou ao Pituca e o telefone estava enguiçado; quis ir lá mas a mãe não deixou porque no outro dia tinha sabatina. Para facilitar a decoração dos nomes Edmundo costumava formar times de futebol que é um sistema muito bom e chama mnemotécnica. A sabatina era sobre o Amazonas e seus afluentes e Edmundo escalou uma linha de ataque formada por Juruá, Purus, Madeira, Tapajós e o Xingu, na ponta esquerda, mas a imaginação estava longe e confundia as coisas: o jogo foi interrompido no meio porque os ingleses roubaram a bola de borracha e Rivelino toda hora entrava no lugar do Tapajós e metia um gol na Inglaterra. Ia tirar zero, inevitavelmente, mas o importante era que o Pituca trouxesse o Riva.

Encontrou o Pituca risonho embaixo do abacateiro do pátio.

— Como é, encomendou o Rivelino?

— Tive sorte, nem precisou encomendar para amanhã. Sobrou um de um cliente que não veio buscar e comprei. Está aqui.

— Iupi! — Edmundo deu um pulo. Tirou o álbum da bolsa e queria colar imediatamente a figurinha. Pituca explicou que o diretor proibiu a secretária de emprestar cola aos alunos depois que o Ricardão colou os cabelos da Cecília que sentava na frente.

— Se não colar agora eu estouro!

Nisso o Bolachão se aproximou com aquela cara redonda de quem nunca fica triste nem alegre.

— O Bolacha! Vem cá, quem sabe me dá uma ideia. Quero colar o Rivelino e não emprestam mais cola.

O gordo sempre comia a merenda durante as duas primeiras aulas e andava à procura do que mastigar no recreio. Interessou-se no problema.

— A ideia eu tenho, só que não dou. Vendo.

— Já sei, pelo meu lanche. Toma aqui e disimbucha.

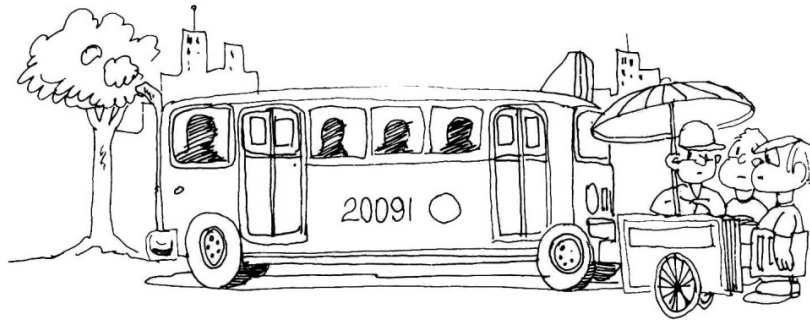
O gordo pegou o sanduíche, comeu, e sem dizer isso saiu trotando as banhas e enfiou-se no corredor. Dali a pouco estava de volta mas com nada na mão.

— Como é, Bolacha? Cadê a cola?

O gordo mostrou o dedão polegar besuntado de amarelo. Pediu uma explicação para a secretária e, quando a mulher virou as costas, ele mergulhou o dedão no vidro. Edmundo deu uma gargalhada, passou as costas da figurinha no dedo do gordo, e colou no álbum. Passou o lenço em volta, para tirar o espirro da cola, centralizou, ajeitou mais um pouco e bateu palmas. O álbum estava cheio. Agora só faltava ir na fábrica buscar o prêmio: uma bola número três e um completo jogo de camisas tamanho infantil do time que se escolhesse.



# Capítulo 2



Depois da aula Edmundo e Pituca foram direto para a fábrica sem nem pensar no almoço. Tomaram o ônibus e desceram numa praça onde perguntaram ao sorveteiro se sabia o lugar da fábrica. O sorveteiro não sabia, mas três meninos, que jogavam abafa na calçada, ali perto, sabiam, e se ofereceram para levar Edmundo e Pituca. No caminho foram conversando.

— Você vai escolher que camisa?

— Corinthians.

— E depois que entregam o prêmio, eles ficam com o álbum?

— Não. Tem um velhinho que carimba todas as figurinhas e devolve.

— Bonito que é o álbum cheio. Vocês encheram de sociedade?

— É só meu. O Pituca tem o dele mas faltam quatro figurinhas.

Quando dobraram a terceira esquina apareceu a placa vermelha e amarela:

## *FÁBRICA DE FIGURINHAS ESCANTEIO*

Era um prédio velho, de dois andares, com jardim na frente e um portão de ferro. O jardim estava um ajuntamento de crianças, para mais de cem, e pareciam desiludidos. Edmundo puxou conversa numa rodinha e ficou sabendo que a fábrica interrompera a entrega dos prêmios. Até quinze dias antes estava entregando normalmente, mas aí parou, e sempre que algum ia com álbum cheio se desculpavam e mandavam voltar na semana que vem, que iam comprar nova remessa de prêmios e outras desculpas.

Um pequenininho sentado na grama pingava lágrimas em cima do álbum, um grandão descabelado ia de rodinha em rodinha, para discutir e gesticular muito, e a raiva deles era tão grande que quase que se enxergava ela parada no ar, como uma nuvem. A raiva estava no ponto de estourar, e estourou, na hora que o descabelado pegou uma pedra e atirou na vidraça do prédio; foi uma corrida que parecia formigueiro cutucado, a molecada se espalhou elétrica no jardim procurando onde tinha pedras e começaram o bombardeio em cima da fábrica. Não sobrou vidraça nenhuma, xingavam o dono de ladrão, arrancavam as plantas das raízes e jogaram a lata do lixo no meio da rua.

Três operários saíram de dentro para enfrentar a revolução, mas logo um levou uma bodocada no nariz, de espichar sangue, e os dois, mais o do nariz, deram meia-volta rápido e se entocaram de onde tinham saído.

Raiva é raiva, quando um está sozinho e tem raiva grande, ninguém segura, quanto mais num bando ajuntado de mais de cem; resolveram botar fogo na fábrica porque não tinha mais vidraça de quebrar e nem planta para arrancar. No porão havia uma porção de pilhas de papel, desses de imprimir figurinhas,

jogaram querosene em cima, e iam botar fogo. Foi nisso que Edmundo subiu a pequena escada da varanda e falou:

— Acho tolice fazer incêndio; de que adianta? O melhor é ir na polícia denunciar esse homem. É capaz da polícia obrigá-lo a dar os prêmios.

Uns não gostaram e jogaram pedras no Edmundo e o chamaram de marica e de molóide, mas teve um guri que gritou forte:

— Ele está certo! Meu pai é advogado. Vamos lá que ele resolve.

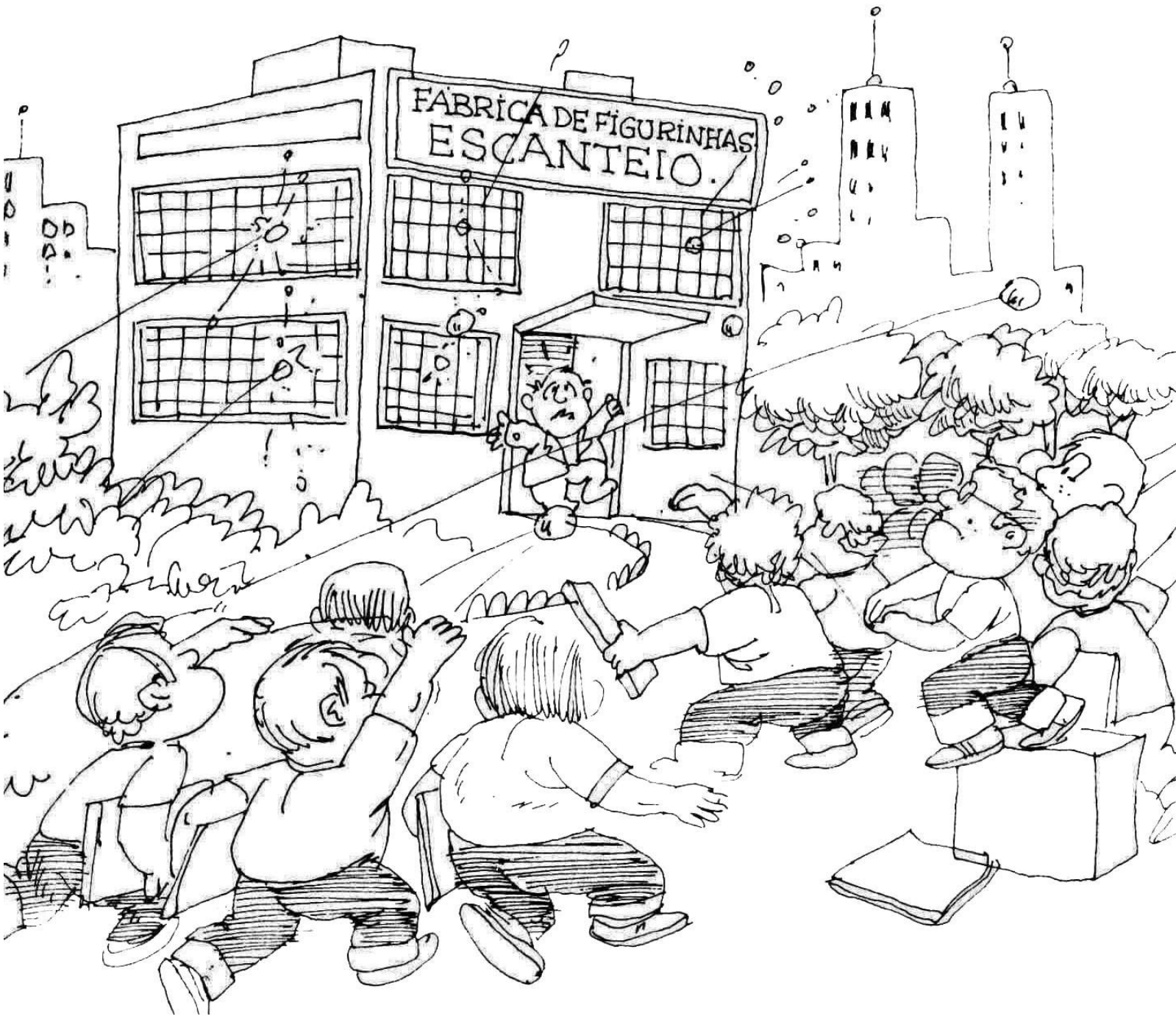
Pararam um pouco para pensar, discutiram, e resolveram ir no advogado. Aquela turminha de álbum na mão encheu dois ônibus e foram parar na Rua Barão de Itapetininga, subiram no décimo quinto andar dum arranha-céu, e o que coube entrou na sala do advogado, o resto ficando na sala de espera e pelo corredor. Contaram o caso e o advogado falou:

— A Fábrica de Figurinhas Escanteio prometeu um prêmio a quem enchesse o álbum; vocês encheram e ela tem que cumprir a promessa. A lei obriga as pessoas a cumprirem o que prometem. Vou fazer uma petição ao juiz; deixem seus nomes e endereços com minha secretária.

Daí a cinco dias todos receberam uma carta marcando hora para se reunirem no escritório.

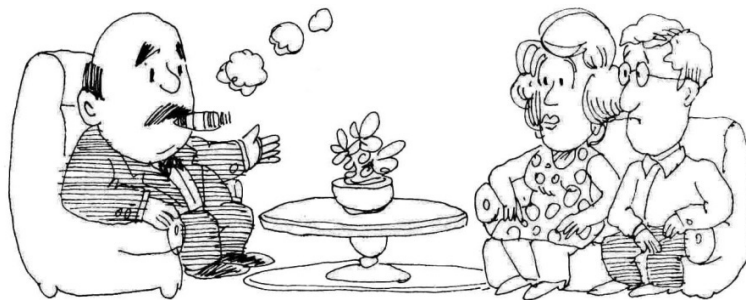
— É — disse o advogado. — O caso está resolvido. Logo que o dono da fábrica soube que ia ser denunciado, veio aqui e falou que os prêmios estão à disposição de vocês. Podem ir buscar.

Os amigos do Edmundo festejaram o uniforme do Corinthians dando uma goleada no time da outra rua: 7 a 1. Convidaram o advogado que deu o simbólico pontapé inicial.



FABRICA DE FIGURINHAS  
ESCANTEIO.

# Capítulo 3



— Edmundo, desça aqui embaixo que tem visita para você. Era a voz do pai. Edmundo fechou o caderno de português, trocou o chinelo pelo sapato e desceu.

— Boas-noites, meu bom menino.

Quem cumprimentou foi um senhor baixo gordo careca sentado no sofá e que fumava um charuto comprido. Edmundo não conhecia.

— Sou o seu Tomé, dono da Fábrica de Figurinhas Escanteio. Descobri seu endereço pela relação do advogado.

— Muito prazer.

— Assisti aquela bagunça da janela do segundo andar; se não fosse você incendiavam minha fábrica.

Seu Tomé contou o reboliço para seu Cláudio e dona Elvira e elogiou muito a coragem do Edmundo, comparou com Demóstenes.

— Puxa! — exclamou dona Elvira. — Que crianças, incendiar uma casa assim assim. Credo!

— Não os culpo minha boa senhora, não os culpo. Sabe-se com que sacrifício os meninos encheram os álbuns, tinham que ficar desesperados. Por muito menos os adultos fazem coisas piores.

Deu uma puxada no charuto e franziu a sobrancelhona.

— Os senhores não imaginam o que está acontecendo comigo. Esta vida; vemos as desgraças acontecerem aos outros e não imaginamos que um dia. . . bom, vamos ao assunto: existe por aí uma fábrica clandestina falsificando minhas figurinhas difíceis. Fazem exatamente iguais às minhas e vendem para a criançada.

Fez uma pausa olhando a subida da fumaça do charuto.

— No meu, como em qualquer concurso, o número de prêmios deve ser limitado — não poderia entregar um jogo de camisetas a cada colecionador. Por isso as figurinhas difíceis são produzidas em menor quantidade. Mas agora, com esse derrame de figurinhas falsas, o número de álbuns cheios ficou maior que a minha capacidade de comprar prêmios.

— Compreendo porque havia tantos meninos com álbuns cheios — disse seu Cláudio.

— Aí é que está. Tive que tomar dinheiro emprestado para comprar os prêmios que entreguei. A senhora vê, o senhor vê, passar esta vergonha na minha idade, ser chamado de caloteiro, o que que é.

A empregada serviu um cafezinho na bandeja e, ao pegar o pires, viram que seu Tomé estava muito nervoso, com a mão tremendo; a xícara deu três pulinhos e quase derrama. Tomou o café e continuou.

— Os falsários vendem as figurinhas abertas, não tem nem graça, cada um encomenda a que quer. Vendem caro, levam o dinheiro e quem paga o prêmio sou eu. E são perfeitas, é impossível diferenciá-las das de verdade. Vou é à falência, não aguento mais.

— Vamos seu Tomé — disse seu Cláudio. — A polícia há de prender esses falsários.

— Não adianta, já tentei. As figurinhas falsas são vendidas por cambistas, no centro da cidade. . .

— O Pituca comprou no Largo de São Bento — interrompeu Edmundo. — Lá tem um cambista. Seu Tomé prosseguiu:

— A polícia já prendeu três cambistas. No dia seguinte aparece outro vendendo figurinha em lugar diferente.

— Os cambistas presos podem ser forçados a dar o endereço da fábrica clandestina.

— Impossível. Nenhum deles nunca viu a fábrica clandestina e nem o seu dono.

— E onde vão buscar as figurinhas que vendem?

— Recebem-nas por sistemas diferentes, é uma coisa muito bem feita. O cambista não vê a pessoa que lhe entrega a figurinha e nem a que recebe o dinheiro. E, cada vez que um cambista é preso, mudam o sistema. Topei com um gênio do crime, um supercérebro. Além da polícia, contratei os melhores detetives particulares do país, e não deu em nada. Ah, meu bom Jesus!

Umás lágrimas pingaram no rosto de seu Tomé e ele tirou um lenço enorme e limpou e passou também na careca que estava suando bastante. Ficou calado um minuto e de repente se levantou depressa e pôs a mão no ombro de Edmundo.

— Meu bom menino, você é minha última esperança. Esse negócio de figurinhas pertence ao mundo das crianças; um adulto investigando logo desperta suspeitas. Você é valente, decidido, venho lhe pedir: me descubra a fábrica clandestina!

Falou de um arranco e ficou parado no meio da sala, num jeito envergonhado de quem já sabia que os pais não iam gostar. Seu Cláudio procurou falar macio para não melindrar o bom homem:

— Tenho pena do senhor seu Tomé. Está se vendo que é um homem honesto e merece ajuda. Mas não posso deixar meu filho se meter numa aventura perigosa.

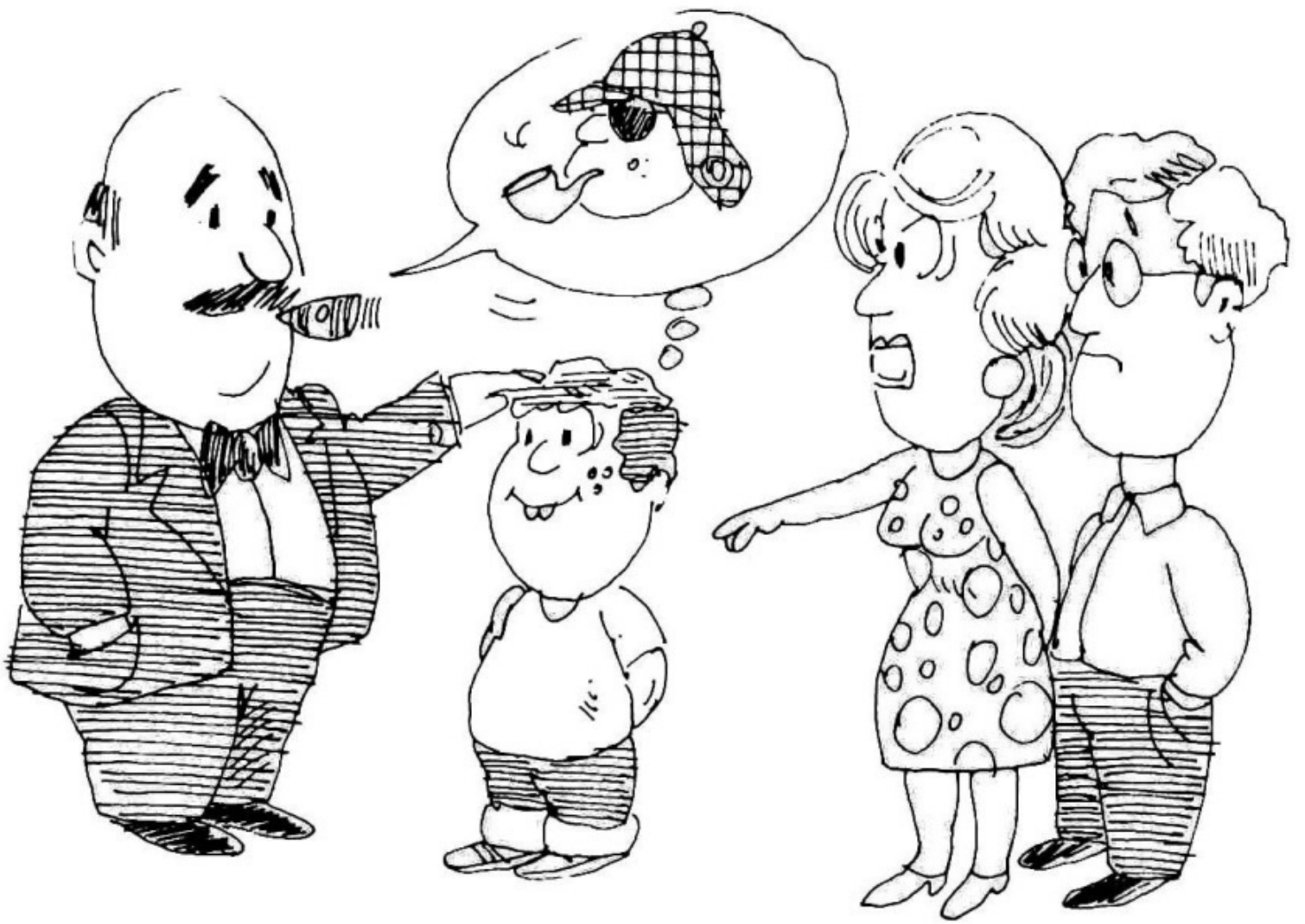
Dona Elvira é que se aborreceu e falou áspera:

— O senhor endoideceu? Pôr Edmundo no meio de larápios! Matam meu filho, matam meu filho! Não repita uma coisa dessas!

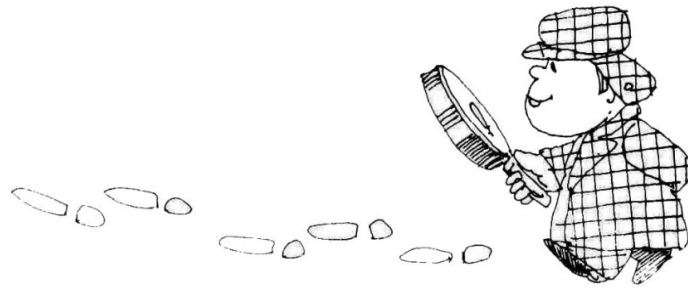
Seu Tomé olhou no chão, catou o chapéu e saiu:

— Os senhores me desculpem.





# Capítulo 4



Falar de aventura de detetive para um menino da idade e da saúde de Edmundo é uma ideia sedutora.

E seu Tomé merecia ser ajudado; numa época em que as fábricas de brinquedo e os comerciantes só andam inventando brinquedo sem graça, o seu Tomé tinha criado um concurso bom de verdade. Dava prêmios caros, como esse jogo de onze camisas, as figurinhas eram impressas em papel de primeira e os álbuns eram caprichados: três páginas para cada time; uma para colar as figurinhas dos onze jogadores, mais a do técnico, e duas com informações sobre a vida do clube e a dos jogadores, quantos gols marcara, quantas jogara no estrangeiro, quantas jogara na seleção, qual a maior emoção, a maior tristeza, e coisinhas assim que a gente lê gostoso.

O Pituca aderiu imediatamente, mas o Bolacha não.

— Escuta aqui — disse o gordo. — Eu não coleciono figurinhas, detesto futebol e tenho horror de história de detetive. Se você está com complexo de herói o problema é teu.

— Eu sabia — observou Pituca. — O gordo é incapaz de um gesto altruístico.

— Gesto altruístico. Esse pirralho lê as coisas no jornal e fica repetindo.

Às duas da tarde Edmundo e Pituca desceram do ônibus e foram andando o caminho que dava na fábrica. No meio do segundo quarteirão um táxi parou rente da calçada e ouviram a voz:

— Ei! Pulem cá dentro.

Era o Bolacha repimpochado no banco traseiro do táxi. Entraram e o chão do carro estava todo sujo de casca de maçã e milho refugo de pipoca.

— Então gordo, resolveu vir?

— Ué, será que sou transparente, não está me vendo?

— Por que mudou de ideia?

— Porque sim.

— É, você fica gastando sua mesada em táxi e depois vem pedir dinheiro emprestado.

— O pai não me dá mesada, tenho conta livre, saco quanto quero, não sou funcionário.

Seu Tomé os atendeu numa sala do segundo andar, as janelas estilhaçadas por causa da revolta de dias antes.

— Já temos uma pista importantíssima — falou Pituca. — É o cambita do Largo de São Bento.

— Essa pista eu conheço faz tempo — respondeu seu Tomé. — Pus dois detetives atrás dele e foram sempre despistados.

Chupou uma baforada do charutão.

— Meus bons meninos, entrego o caso a vocês; façam como quiserem, comecem por onde acharem bom, eu não darei palpites. O importante é que encontrem a fábrica clandestina.

Deu uma palmada na costela do Edmundo.

— Agora que estamos combinados vou lhes mostrar a fábrica. Verão como nascem as figurinhas de

que tanto gostam.

Levou os meninos pelos departamentos da fábrica, viram a embalagem, as esteiras rolantes, o automático de fechar os envelopinhos, a secção de prêmios e desceram no porão para ver a tipografia, onde as máquinas tipográficas imprimiam as figurinhas.

— Olha quantas letrinhas de chumbo nessa caixa! — exclamou Pituca.

— São os tipos, pedacinhos de chumbo com uma letra em relevo na ponta. Tem de todas as letras do alfabeto; a gente escolhe, atarracha na máquina, depois bate no papel, que nem carimbo, e sai a impressão. Esses pequenos retângulos de chumbo aqui são os clichês que imprimem a cara dos jogadores.

Seu Tomé explicou demoradamente a técnica da impressão, chamou Um tipógrafo e mandou-o compor um bloco de tipos, para os meninos aprenderem bem.

Depois subiram de novo no primeiro andar e entraram na biblioteca muito elegante de estantes de jacarandá da Bahia e um tapete peludo que a gente pisava e nem fazia barulho.

Nessa biblioteca é que apanho as informações da vida dos jogadores que ponho no álbum. Tudo que já foi publicado falando de futebol tem aí.

Edmundo e Pituca entusiasmaram-se e foram pegando da estante jornais antigos que falavam de partidas famosas acontecidas antes deles nascerem e que só conheciam pelas conversas animadas dos pais e tios. Seu Tomé ajudava a tirar os livros e jornais da estante, tinha uns que estavam encarapitados lá em cima e era preciso subir numa escada especial de rodinhas que deslizava costeando a estante. Dava explicações e contava passagens engraçadas:

— Nesse, Corinthians e Vasco do Rio-São Paulo de 1950 o Baltazar desempatou de cabeça. Meus meninos, que alegria! O Cabecinha; joguei meu chapéu no ar e nem sei onde foi parar. Um bom chapéu, nunca mais o vi.

O gordo dormia absolvido da vida encolhido no sofá vermelho de couro legítimo. Deu um ronco de rinoceronte e seu Tomé olhou no relógio e viu que era hora de criança jantar.

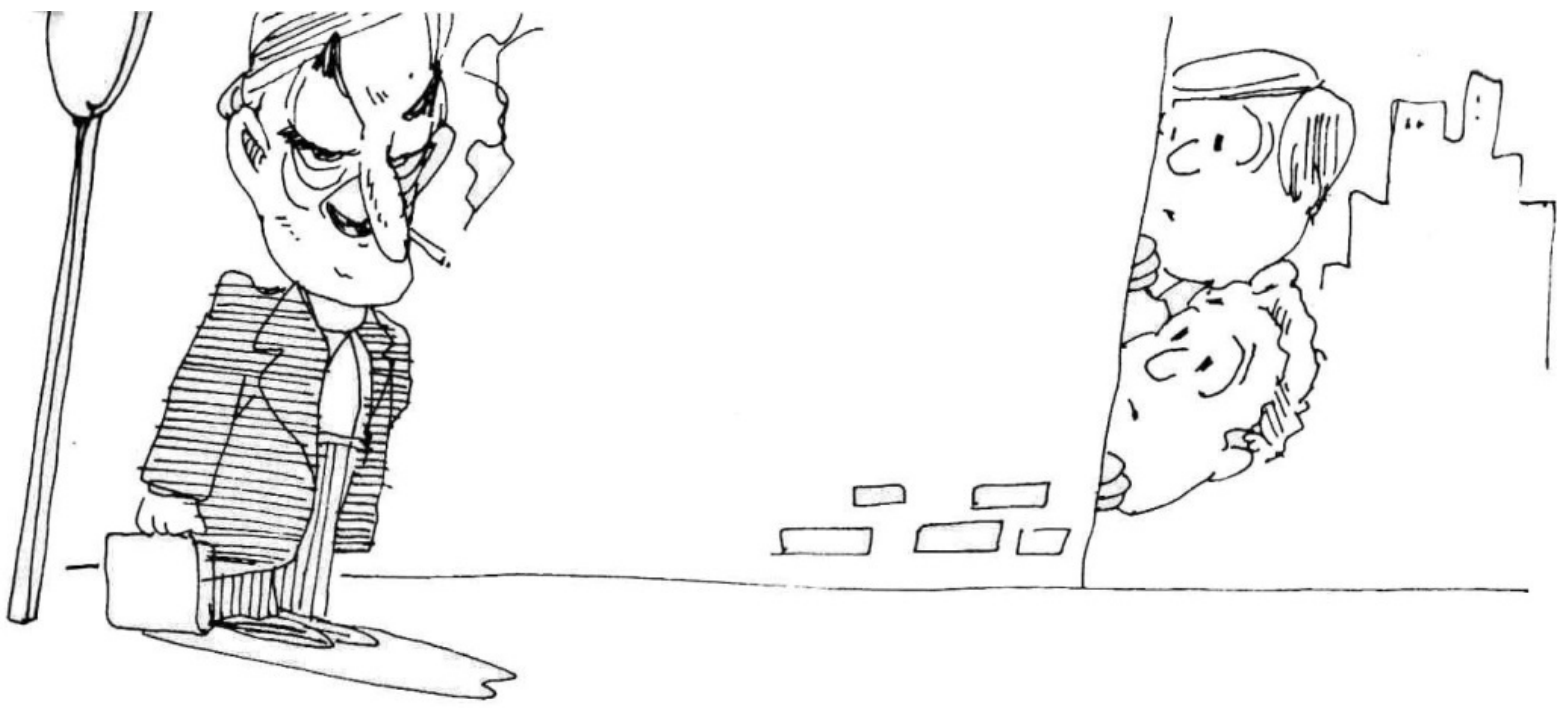
— A prosa está boa mas é hora de irem para casa. Mando meu chofer levá-los.

Abraçou muito forte os três amigos.

— Confio em vocês meus bons meninos.



# Capítulo 5



— Sabemos que o cambista não vai na fábrica clandestina mas tem um lugar onde faz as encomendas a recebe as figuras — disse Edmundo.

— Já sei — fez Pituca. — Seguimos o homem e descobrimos o sistema de contacto com a fábrica.

— Isso! — concordou Edmundo. — O sistema de contacto é que é o principal. Depois não tem problema; seguimos o fulano que recebe as encomendas e damos lá.

— Parabéns — cumprimentou o gordo. — O chefe já está preso e engradado. Avisem à família dele que visita na cadeia é quartas e sábados, para levarem chocolatinhos.

— Não concorda com nosso plano?

— Não disse que não.

— Mas está fazendo pouco.

— Ouvi dizer que o chefe da quadrilha é um gênio do crime, Se botar a mão nele fosse assim, seria o burro do crime.

— De qualquer maneira é por aí que temos que começar. Vamos ao Largo de São Bento hoje, o Pituca faz uma encomenda e eu sigo o cambista.

Às duas da tarde Edmundo e Pituca estavam no meio do Largo de São Bento vendo a paulistanada cruzar rápido por ali naquele passo de zatopeque que paulista usa quando anda devagar.

— O Bolacha de novo atrasado — disse Pituca. — Eu bem que te falei, não era para pôr o gordo nisso.

— Vá fazer a encomenda.

O cambista estava na calçada da frente encostado numa loja; sujeito feio, de terno largo, sobrando pano e cara de velhaco.

Pituca cruzou a rua, de passo firme, tirou a lista do bolso e entregou. O cambista pegou, leu sem pressa, olhou um bocado de tempo no menino e disse:

— Dez figurinhas difíceis, hein, meu chapa. Custa muito, sabe?

— Sei e quero para amanhã sem falta.

— Já que, por hipótese, vou lhe contar um motivo: o seguinte é esse, em vez de dez, leva quinze. Te vendo esses da lista e mais o Rildo, o Carlos Alberto, o Ademir, o Leivinha e o Teia.

— Tenho dinheiro só para dez.

— Estou dizendo que leva quinze mas não paga quinze. Paga só quatorze, faço um abatimento. Leva quinze e morre com quatorze, uma de graça, pelo certo, de ponta a ponta.

— Quero essas dez aí do papel.

— Pense bem meu chapinha, a sorte não desfruta e se arrepende depois. Quando virar homem vai ser artista na televisão, pode escrever aí.

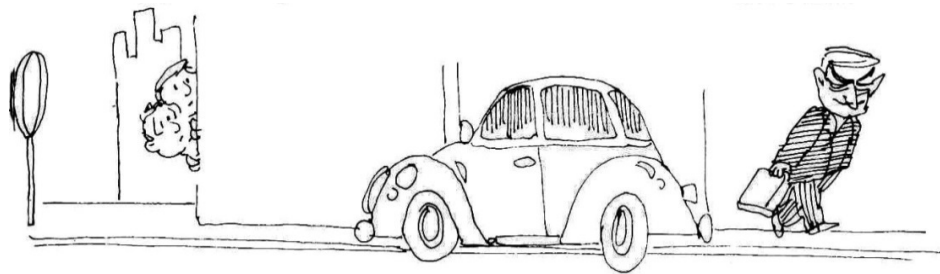
Pituca estava desnorteado com o discurso mas gostou do elogio. O cambista continuava:

— Estamos combinados, amanhã o nossa amizade leva quinze e paga quatorze, uma de graça.

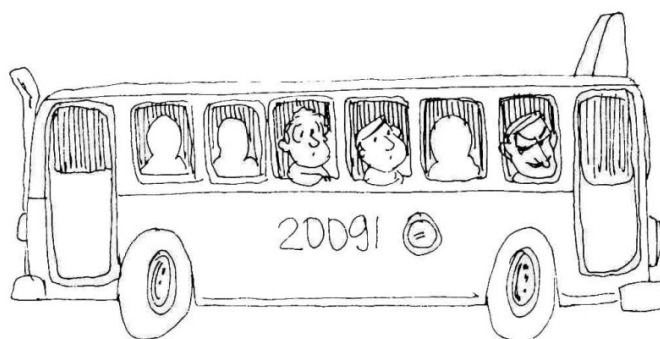
— Certo, até amanhã seu cambista.

Edmundo ficou espiando de longe: Pituca se afastou e vieram chegando outras crianças a falar com o cambista, fazendo encomendas, pagando, levando troco e recebendo figurinhas. Havia uns que eram mais falantes que o próprio cambista, feito um pequerrucho que deu um discurso de mais de vinte minutos e o cambista fazia gesto de interromper e dar sua opinião e o garotinho não deixava, fazia outro gesto de "pera aí deixa eu falar" e continuava, lengue lengue; pena que, na distância, Edmundo não dava para ouvir a conversa.

Quando o relógio do mosteiro bateu três e meia, o cambista conferiu o seu oclóque com o da igreja, fechou a malinha e foi embora pela rua de São Bento. Edmundo foi atrás. O malandro pegou a Praça do Patriarca e desceu a Galeria Prestes Maia.



## Capítulo 6



O cambista cruzou o Vale do Anhangabaú, entrou num ônibus da linha Santo Amaro e foi sentar-se no primeiro banco. Edmundo sentou-se um pouco atrás.

Logo que o ônibus saiu, o cambista virou o pescoço e olhou os passageiros de um em um, bem devagar. Olhava com um olho duro frio gelado, nem sinal de risonhão que usava para tratar as crianças no negócio das figuras.

"Na certa está querendo ver se está sendo seguido por algum detetive" — pensou Edmundo.

Edmundo aguentou a encaração de modo natural; não piscou e não franziu e não ficou daquele jeito pouco à vontade que muitos ficam quando são olhados sem saber onde olhar e onde mexer as mãos. Ficou ali simples como se estivesse indo para casa depois das compras.

Na esquina da Avenida Brasil, o cambista puxou o sinal e desceu, e Edmundo tum-tum desceu atrás. Fez que amarrava o cadarço do sapato na beira dum muro baixo e deixou o malandro tomar seu rumo.

O cambista parou mais adiante e tomou o segundo ônibus que passou; Edmundo entrou espremido quando a porta já ia fechando. O malandro sentou-se no primeiro banco, tornou a virar o pescoço e recomeçou a função de olhar todo mundo.

Edmundo reparou que, quando relou nele, o olhar demorou um pouco mais. O cambista desceu na Avenida Rebouças, andou um pedaço e parou noutro ponto de ônibus.

"Nessa viagem é que não vou que não sou ingênuo" — pensou Edmundo. "Pode me reconhecer; vou pegar um táxi".

Fez sinal de mão para um que passava.

— Onde vamos? — perguntou o motorista.

— Entre nessa esquina, dê a volta e espere um momento.

O carro manobrou e ficou parado na esquina, fora da vista do malandro. Assim que o cambista subiu no ônibus Edmundo entrou no táxi.

— Siga aquele ônibus colado nele.

— Por quê?



— Estou seguindo um bandido que vende figurinhas falsas.

O chofer riu.

— Anda lendo muita história em quadrinho rapaz. Enfim o dinheiro é seu, faça bom gasto.

— O senhor não acredita mas é verdade.

Foram seguindo o ônibus e em cada parada Edmundo fiscalizava os passageiros que desciam. O cambista desceu na Avenida Paulista esquina da Brigadeiro Luiz Antônio. Atravessou a avenida e tomou a Brigadeiro como quem vai para o centro.

— Entra na Brigadeiro — pediu Edmundo.

— Me desculpe seu sherloque mas é proibido virar à esquerda. Tenho que dar a volta no quarteirão.

— Vire assim mesmo, pago em dobro.

— Calminha, garoto. Está vendo o guarda ali? Se furo sinal e entro na contra-mão, me toma a carteira de chofer.

"Se vou esperar perco o homem de vista" — pensou Edmundo.

Saiu do táxi e atravessou correndo a Avenida Paulista. O cambista ia longe descendo a calçada da Brigadeiro; fez sinal para um táxi, subiu e foi-se. Edmundo pegou a calçada da Brigadeiro, esperou um táxi, subiu também e mandou descer chispado a Brigadeiro.

— Pé na tábua que dou gorjeta grande!

O cambista tomara um DKW vermelho e o táxi do menino foi varando, passando todo mundo; nas esquinas Edmundo olhava bem para ver se o malandro entrara por uma delas mas no fim da rua teve que se convencer que não adiantava mais.

"Bem que o seu Tomé disse que o homem era hábil em despistação. De qualquer maneira aprendi muita coisa e o dia não foi inútil".

## Capítulo 7



Depois do jantar foram na casa do Bolacha que era o ponto marcado para as conferências da investigação; o gordo tinha um quarto nos fundos especial dele só para brincar onde podiam conversar sem importunação.

O sujeito que inventou a bagunça por certo se sentiria encabulado se visitasse o arraial do Bolacha: soldadinhos, índios, livros, revistinhas, capas de discos e discos sem capas, cascas de amendoim e amendoim sem cascas, trem elétrico, com muito trilho, autoramas, bombinhas de São João, mecha de balão, vara de pescar, bilhete de rifa — pior que mato onde tem cobra a gente tinha que escolher o pedacinho de pisar e olhando para o chão não esquecer de olhar a frente porque senão sim é que decapitava o pescoço num arame esticado que era o teleférico do Pão de Açúcar; a caixinha escorria na inclinação do arame de parede a parede.

No fundo do seu império reinava sentado o gordo fechado em seus pensamentos nos quais não prestava nenhuma atenção: o que fazia era comer torradas numa tostadeira automática que apitava quando o pão estava no ponto e por um mecanismo de mola jogava o pão no ar feito foguete e com tal precisão que caía no prato do lado sempre no mesmo lugar. E enquanto passava a geleia vermelha na torrada aterrissada já punha outro quadrado de pão na máquina e o tempo justo de comer essa uma é que a máquina levava para apitar a outra.

Edmundo e Pituca entraram.

— Sim senhor seu lambão! Por que não foi encontrar-nos na cidade hoje?

— O Pirata ficou doente e fui chamar o veterinário.

— Olha, Bolacha, estamos numa investigação, coisa séria, temos que largar o resto de lado. Eu também deixei uma porção de coisas para ir seguir o cambista.

— Meu cachorro é mais importante que estas figurinhas; conheço-o desde que nasci.

— Devia ter ido — insistiu Pituca.

Edmundo contou as coisas que aconteceram; Pituca escutava e o gordo seguia comendo as torradas que pulavam e apitavam. Entre uma e outra escutava também.

— Impossível seguir esse homem de ônibus — disse Edmundo. — Senta na frente e vira o pescoço para examinar os passageiros; na terceira viagem reconhece facilmente quem andou as duas primeiras.

— Aí está — observou Pituca. — Seguimos ele de carro desde o começo.

— Ele pensou nisso também — respondeu Edmundo. — Depois da terceira viagem, desce num lugar que não se pode virar à esquerda de carro. Tem dois sistemas de despistamento: um contra seguidores de ônibus e outro contra os de carro.

— E você, Bolacha. Não disse nada. Que é que acha?

— Acho que sim.

— Que sim o teu nariz. Ô gordo besta, esquece um pouco essa coisa de fazer aeroplano de torrada e ajuda a gente a pensar.

— Por enquanto não pensaram nada, só choveram no molhado.

— Falou o sabichão — disse Pituca, enfezado. — Chovemos no molhado enquanto o supergênio embucha oito torradas e por cima nem oferece.

— Uai, ninguém pediu.

— E nem se pode pensar direito, com essa máquina maluca apitando e sapecando torradas no ar. Eu bem que estava pensando uma ideia boa, mas, na parte principal, que a ideia estava quase saindo, Piiiiiii, passou um pão voando na frente da minha cara. Desconcentra a gente, não pode.

Edmundo interrompeu a discussão:

— Devemos esperá-lo de carro, já na esquina da Brigadeiro, embicado para o centro. Sabemos que ele vai lá.

— Negativo — disse o gordo.

— Mas por quê?

— O sistema de despistamento desse capiau é tomar três ônibus, descer numa contramão, entrar nela e tomar um táxi. É um arranjo teórico que não precisa dos mesmos trajetos para se fazer.

Deu uma mastigada treque-treque e continuou:

— Não vai repetir o mesmo caminho todo dia, não é burro. O que repete é o sistema. Cada vez toma três ônibus diferentes e desce numa contramão diferente. Contramão é que não falta.

— Precisamos achar uma falha nesse sistema.

Edmundo e Pituca pensaram uns minutos e o gordo continuou comendo as torradas apitadas.

— Olha — disse Edmundo. — Perdi o homem de vista porque custei para descer do táxi. Agora sabemos que na terceira viagem desce numa rua de contramão onde é proibido virar de carro; não será preciso ficar esperando para saber onde vai. Vira na contramão, é lógico. Então nós, assim que ele descer do ônibus, já sabemos que vai pegar a pé a contramão, e, por isso, logo que descer, saímos correndo para a rua de contramão e pegamos um táxi antes dele.

— Entendi — confirmou Pituca. — Mas como vamos acompanhá-lo até o fim da terceira viagem?

— De carro, desde o começo. Seu Tomé empresta o dele.

— Batata!

— É bom marcar os gastos que tivemos para cobrar de seu Tomé — disse Edmundo. — Três viagens de ônibus, duas de táxi e dez figurinhas difíceis.

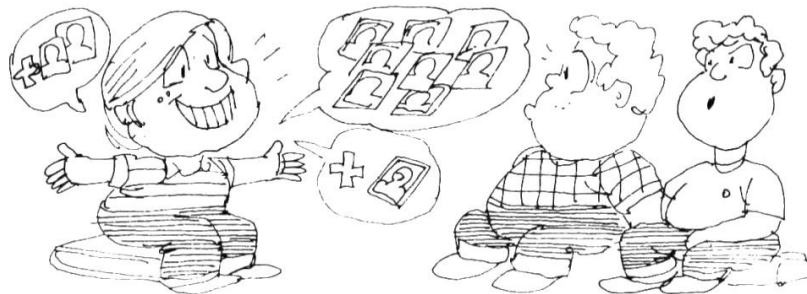
— Quinze — explicou Pituca.

— Mas ficou combinado de você comprar dez!

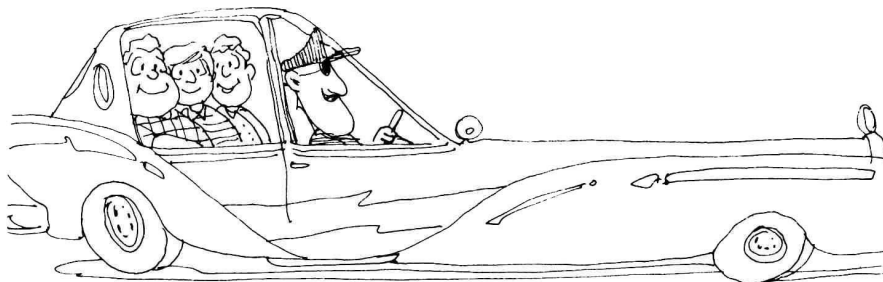
— Negócio de ocasião; envolvi o homem na conversa, sabe. Tereré tereré arrumei quinze por quatorze, uma de graça.

Edmundo e Bolachão se olharam:

— Tereré, belo trouxa que você é.



## Capítulo 8



O elegante carro preto do seu Tomé seguiu as três viagens do ônibus que o cambista fez no dia seguinte. Conforme a ideia do gordo, o malandro tomou três ônibus diferentes e fez três itinerários diferentes. Edmundo e Bolachão iam no automóvel e o Pituca não, porque, como o cambista o conhecia,

era melhor não ficar se mostrando. Na terceira viagem, logo que Edmundo viu o cambista se levantar do banco para descer, perguntou ao chofer:

— Onde é a rua de contramão por aqui?

— Ali.

Uma tabuleta do trânsito estava fincada dizendo que virar à esquerda não podia. Edmundo e o gordo saíram correndo do carro, cruzaram a rua e pegaram a esquina de modo tão rápido que nem o cambista tinha descido direito do ônibus e os dois já estavam do lado de lá. Entraram num táxi e mandaram o chofer ficar parado um quarteirão mais na frente.

A coisa ia que parecia teatrinho ensaiado; o cambista veio para o lugar que eles esperavam, tomou um táxi, e dali a pouco passou chispado pelo automóvel onde os garotos estavam.

— Siga este táxi — ordenou Edmundo.

O motorista era bom de verdade e ficou na cola do táxi do cambista com muita perfeição como se na vida não tivesse feito outra coisa senão seguir táxis com cambistas dentro. Porque seguir automóvel em São Paulo não é fácil, está cheio de sinais vermelhos, outros carros que cortam o nosso, se o motorista não é atento perde-se a pista na primeira esquina. Foram rodando rodando, o táxi do cambista saiu do centro e meteu-se num bairro operário.

— Faz vinte minutos que rodamos, Bolacha.

— Hum.

— Viu só? Pegamos o bicho desta vez; adivinhamos exato o que ia fazer.

— Hum.

— Poxa vida, Bolacha! É duro conversar com você; a gente fala fala e você nem te ligo. Está pensando em quê?

— Não sei; não estou prestando atenção. Acho que era numa vaca que tem na fazenda do pai.

O cambista desceu do táxi e começou a subir uma ladeira.

— Suba essa ladeira, chofer!

— Não dá garoto, é contramão.

— Papagaio, mais uma!

Pagaram o chofer e pegaram a ladeira que era uma subida forte. O cambista tinha passo largo de paulista e já estava distanciado, quase no alto.

— Depressa, Bolacha!

Isso de subir ladeira não era muito do programa do gordo que foi ficando para trás muito suado e rosnando desaforos baixinho entredentes. Edmundo espichou a andada e alcançou o cambista naquela meia distância que é a boa para se seguir. O malandro entrou numa rua deserta, dobrou uma esquina e o Edmundo virou atrás.

Assim que virou, deu de cara com o cambista que tinha dobrado e ficado parado esperando na tocaia.

— Brincando de meganha, hein?

Edmundo não teve tempo de nada, foi mas é agarrado pelos colarinhos e puxado para junto do corpo do cambista e até sentiu o bafo dele quente no nariz. O cambista estava com muita raiva e foi levando Edmundo aos tropicões para o interior de uma construção abandonada onde não tinha perigo de ninguém ver.

— Aprenda uma coisa, seu coió, tenho um sistema infalível de despistação.

— Tira a mão da minha camisa!

— Desde o começo notei o automóvel preto de vocês seguindo o ônibus. Te puxei nessa rua deserta de propósito.

Edmundo se aproveitou de que o cambista se distraiu um pouco na falação e deu-lhe um trançapé de judoca; o cambista pranchou no chão mas não largou a camisa do menino e os dois se embolaram levantando muita areia da construção. O cambista trouxe a outra mão para segurar mais Edmundo e levou

uma joelhada na boca do estômago e dessa vez gritou ai. Porém o homem era, forte e conseguiu espaço para armar um rojão de soco na cara do Edmundo e depois mais outro que jogou o menino a cinco metros botando sangue no rosto todo.

O cambista levantou com a roupa branca de areia e estava com mais raiva. Tirou a faca-peixeira do bolso.

— Tá vendo meu fio aqui, meu chapa? Agora é que te furo.

Avançou para cima do menino, que estava caído e tonto, fazendo mira no umbigo que estava à mostra por causa da camisa rasgada. Apesar de muito tonto Edmundo ainda pegou num balde cheio de pó de cal e jogou na cara do cambista que ficou com a vista escurecida e doendo bastante com a queimadura da cal.

— Garoto piolho desgraçado!

Era a hora de Edmundo aproveitar e atacar o cambista a paulada e tijolada mas o menino levava dois socos que não é brinquedo e estava cai-não-cai vendo pontinhos pretos no ar que subiam e desciam em velocidades diferentes. O cambista limpava os olhos e começava a enxergar de novo e foi aí que o Bolacha, que tinha chegado atrasado, ouviu o barulho do fuzuê lá da rua e entrou na construção com duas rodela grandes de suor embaixo do sovaco da camisa.

A vista do malandro estava se recuperando mas ainda enxergava male mal e, por um efeito de ótica qualquer que o cal fez, como nesses espelhos de parque de diversão, o cambista enxergou um gordo enorme paquiderme avançando nele e pensou:

"Com esse gordo gigante eu não posso".

E deu no pé.

O gordo viu o cambista passar por ele feito um foguete, olhou para Edmundo e perguntou:

— Ué, que cara é essa?

— Conto depois, Bolacha. Vá seguir o cambista.

— Você não vem?

— Estou tonto não posso nem andar. Pare de fazer perguntas senão perdemos a pista.

— Tá.

O gordo tomou a rua que também era ladeira só que de descida; ladeira quase vertical mais brava que a de antes. O cambista já estava lá embaixo e entrava num bonde aberto que dava a saída e ia indo embora.

Bolachão parou no cume da ladeira e pensou:

"Pera bonde que eu te pego".

E riscou pela ladeira, minha Nossa Senhora, como essas pedras que rolam da encosta até o vale, asteroide caminhão sem breque inclinado oblíquo para frente muito compenetrado e os pés lá trás pedalando pedalando.

Foi se aproximando do bonde e, naquelas frações de segundo, lembrou a lição que o Edmundo ensinara uma vez em Santos, quando brincavam de pegar bonde andando na beira da praia: "O negócio é fixar bem o olho no pau do balaústre, ir com fé, não pensar em nada e, ao emparelhar o bonde, dá-se uma acelerada final, um pinote e tum! agarra-se o pau e põe-se o pé no estribo".

O gordo obedeceu as instruções: foi com fé, não pensou em nada, fixou o balaústre, deu a acelerada final, mas na hora do pinote e do tum! é que não decolou e em vez de tum! fez tchum! no meio da rua.



# Capítulo 9





A reunião da noite no quarto do Bolacha começou num ar de muito desânimo porque, além de terem perdido a pista, o Edmundo estava de cara inchada e o gordo de joelho esfolado.

— O sistema do cambista é perfeito — disse Edmundo. — Não há maneira de seguir um fulano prevenido assim. A polícia fracassou, os detetives do seu Tomé fracassaram, e nós também.

— E agora, que se sabe seguido, vai se prevenir em dobro — observou Pituca.

— E que paciência de chinês que ele tem; toma mais de duas horas cada dia só em caminhos despistantes.

— Seu Tomé tem razão, esbarramos num osso duro. O chefe dessa quadrilha aí é danado de tigre.

O Bolachão ouvia quieto como costume, ocupado nas torradas. A tostadeira deu um apito e — fuim — jogou a torrada no ar; o gordo aparou a torrada antes de cair no prato, pôs a geleia com a outra mão e ia comer quando, de repente, largou torrada e geleia e levantou-se de supetão.

— Pera aí. Tem uma ideia mexendo na minha cabeça, parece boa. Ela vai, volta, mas não consigo pegar, foge logo.

Estava com cara diferente de quem está inspirado e começou a andar daqui prali; ia até o trem elétrico, dava meia volta, passava no posto de gasolina, no aviãozinho, na ambulância, parava no autorama e voltava de novo.

— O gordo entrou em transe — disse Pituca.

— Psiu! — exclamou o gordo. — A ideia está crescendo, vem vindo vem vindo, chi!, mergulhou de novo.

E continuou norte-sul-leste-oeste andando e voltando no meio dos brinquedos e também falando sozinho.

— Para mim isso aí é macumba — gracejou Edmundo. — Baixou o espírito no Bolacha.

— Como é petulante esse gordo — disse Pituca. — Vê se para ter uma ideia precisa esse carnaval.

— Peguei-te! — gritou o gordo e deu uma palmada na testa. — Vamos seguir o cambista ao avesso.

— Seguir ao avesso?

— O cambista chega no Largo de São Bento às duas horas, sai às três e meia, e faz aquele sistema de despistamento para não ser seguido. Mas, para ir de sua casa ao Largo de São Bento, com certeza vai direto. Despista quando vai mas não quando vem.

— Explique melhor.

— Esperamos o cambista antes das duas horas no Largo de São Bento, vemos ele chegar e marcamos o lugar de onde veio. No dia seguinte um pouco mais cedo ficamos no lugar que apareceu na véspera e marcamos o lugar de onde veio para chegar ali e assim vamos fazendo, marcando os pontos de onde vem, e no fim damos no lugar de onde partiu. Tá? Isto se chama seguir pelo avesso ao revés ao contrário de trás pra diante inversamente revirado. . .

— Chega! — disse Edmundo. — Parece que o gordo engoliu a pílula do doutor caramujo, passou de mudo a falante. Começo a entender, mas vamos devagar, que senão me funde o cérebro. Até aí está certo, mas me diga: e se o cambista entra em contacto com a fábrica clandestina depois que sai do Largo de São Bento? Não adiantava nada segui-lo antes das duas.

— Adianta sim. Seguindo como falei, chegamos na casa do cambista. Bom, então deixamos ele ir para a cidade e ficamos esperando lá. De tardinha, na hora que ele voltar, marcamos o ponto de onde veio e seguimos pelo contrário do mesmo jeito, só que desta vez de sua casa para a cidade. Aí ficaremos sabendo o que faz depois dos trajetos despistantes.

Edmundo pensou um pouco deu uma gargalhada e abraçou Bolachão.

— For-mi-dá-vel! É a ideia mais bigue que vi até hoje juro por Deus!

Pituca olhava aparvalhadamente.

— Ficou todo mundo doido! A gente sai de tarde e chega de manhã na casa do homem de cabeça para baixo.

— Não é de cabeça para baixo Pituca. É ao avesso.

— Ah sei. A gente sai depois e chega antes; espere um pouco, deixa eu pensar. Vem, marca, volta atrás, depois chega mais cedo, marca, vem, volta, bolas!, não, não entendo. Isso não existe, o cambista não anda de costas. Só se o Bolacha inventou a máquina do tempo.

Bolachão pegou a torrada.

— Sua inteligência não alcança um raciocínio abstrato. Compreenderá quando for usado na prática.

— Chi, raciocínio abstrato, acho que o Edmundo tem razão, o gordo comeu a pílula do caramujo.

Edmundo pulava pulava e deu mais um abraço no gordo.

— Este é o gordinho mais respeitabilíssimo que eu conheço!

— É — disse Pituca. — Tá tudo doido. Bó!

Estava na hora de ir dormir e Edmundo e Pituca foram saindo do quarto pé aqui pé ali para não pisar nos tercos do gordo.

— Boa noite, doutor caramujo.

Piiiiiiiiiiiiiiii — a tostadeira apitou.



# Capítulo 10



No dia seguinte antes das duas Edmundo, Pituca e Bolachão andavam para o Largo de São Bento.

O gordo havia emprestado o guarda-chuvão enorme do pai, enfiou a cabeça lá dentro perto do pano de modo que não enxergava nem de frente nem do lado feito bicho-roda-preta-perna-gorda andando na calçada. Quem não saísse da frente era pinicado na ponta do arame: os baixinhos no pescoço e os mais altos na coxa. De uma senhora físgou a bolsa que ficou pendurada que nem abacate na ponta do aro até que ela veio buscar. O povo protestava e o gordo nem te ligo:

— Cego!

— Levanta esse guarda-chuva!

— Gordo besta!

Eram vinte para as duas e Edmundo distribuiu a posição correta de cada um:

— Você, Bolacha, fique na entrada do Viaduto Santa Efigênia; daí poderá ver se o cambista vem pelo viaduto ou pela Libero Badaró. O Pituca fica na entrada da Florêncio de Abreu e eu olho pela São Bento e Boa Vista.

— Hum, não gosto desse viaduto aqui. Prefiro o do Chá.

— Por que você prefere o Viaduto do Chá, Bolacha?

— Prefiro-o por uma questão particular de opinião e ninguém tem nada com isso.

— Perfeito, vamos a nossos lugares.

Às dez para as duas Bolachão viu o cambista subindo pela Libero enrolado numa capa velha de borracha escorregando chuva dos cabelos.

— Vem pela Libero, ótimo.

No dia seguinte à uma e quarenta estavam na esquina da Libero com São João no lugar onde o cambista aparecera antes. Levaram o binóculo alemão do pai do gordo. Pituca no binóculo deu sinal:

— Opa, lá vem ele saindo do Largo do Paissandu, agora está passando pelo Correio, vem para cá pacatum pacatum. Seu binóculo é batata, hein Bolacha? Vejo até o remelo no canto do olho dele; esse catinguento não lava a cara de manhã; porco!

— Agora entendeu minha ideia, seu cabeça de lesma?

Na tarde seguinte à uma e meia estavam no Largo do Paissandu cada um olhando para um lado.

— Olhem, desceu do ônibus Casa Verde-Cidade.

O cambista desceu do ônibus, atravessou o Paissandu e foi subindo pela calçada da São João, na direção da Libero Badaró.

— Moleza! — exclamou Edmundo. — Amanhã pegamos esse ônibus no começo da linha e veremos em que ponto o cambista sobe.

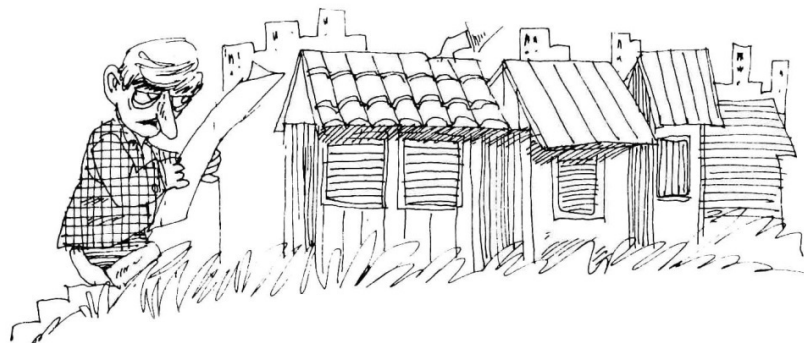
— Quem deve ir é o Bolacha. Eu e você já somos conhecidos do cambista. O gordo não deu para ele ver direito com a cal que tinha no olho.

Às 12,45 do dia seguinte, na Casa Verde, Bolachão pegou o ônibus no ponto inicial. Quinze minutos depois, na entrada do Viaduto Rio Branco, o cambista subiu e sentou-se muito tranquilo lendo a Gazeta Esportiva. Não virou o pescoço e nem nada porque desconfiar é que não podia que estava sendo seguido pelo avesso; era a primeira vez na história universal dos casos de polícia que se usava o curioso sistema que o gordo inventou.

No dia seguinte um pouco mais cedo os meninos esperaram o cambista no lugar onde tinha subido no ônibus e terminaram por descobrir que morava num barraco de favela na beira da Marginal esquerda do rio Tietê, lugar muito feio cheio de capim e sem iluminação de rua. O cambista morava com família: a mulher, um nenê e dois meninos; um regulava a idade dos nossos três detetives e o outro devia ser dois anos menor.



## Capítulo 11



Faltava agora fazer o reverso do revirado como disse o gordo, isto é, seguir o cambista pelo avesso, da sua casa para a cidade. Fizeram. Descobriram que ele tomava toda tarde às 5,25 o ônibus Cidade-Casa Verde no Largo Paissandu.

— Vamos ver o que faz e onde vai depois dos trajetos despistantes.

— Onde vai não, de onde vem.

— É mesmo — disse Pituca. — Andamos ao contrário. Sabe que isso me confunde, acostumamos a viver do avesso. Hoje por exemplo cheguei na escola às onze e quinze para pegar a primeira aula.

— Mas a escola termina às onze e quinze!

— É o que estou falando. Para mim era a primeira, das onze e quinze às dez e meia. Às oito eu ia embora para casa me deitar para acordar ontem.

Nos dias que se seguiram os três verificaram que o cambista nunca chegava no Largo do Paissandu pelo mesmo caminho. Primeiro veio pela calçada do Cine Metro, depois pelo lado do Correio, e no outro dia seguinte chegou do lado da Avenida Rio Branco.

— Ué — disse Edmundo. — Estamos derrotados; assim é impossível seguir do avesso.

— Estamos é facilitados — disse o gordo. — Isso prova o que eu pensava antes; o cambista não entra em contacto com a fábrica clandestina depois dos trajetos despistantes. Vem um dia de cada lugar porque, sabemos, cada dia faz um trajeto despistante diferente.

— Como pode ter certeza? Ele poderia fazer novos trajetos despistantes depois do ponto de contacto.

— Negativo. O que interessa ao cambista é não deixar os detetives chegarem até o ponto de contacto.

Depois não tem mais para que despistar; o que queria esconder teria ficado para trás?

— Entendi. Se viesse do ponto de contacto chegaria todo dia pelo mesmo caminho.

— Correto. Quer esconder o lugar para onde vai e como o fim dessa confusão de trajetos dá na casa dele, é lógico que o ponto de contacto ou é lá mesmo ou por ali perto.

— Você reparou que o cérebro do Bolacha começou a funcionar depois que caiu do bonde?

— É mesmo. O tombo deve ter desentupido alguma artéria cerebral do gordo.





# Capítulo 12



Na outra manhã os três conversavam embaixo do abacateiro do pátio.

— O contacto deve ser antes das dez para uma, quando sai de casa, ou depois das seis e meia da tarde, quando chega.

— Nessas horas temos de estar na escola ou em casa — disse Pituca.

— Achei uma solução — respondeu Edmundo. — Mas precisaremos da ajuda de seu Tomé.

— Estávamos para ir lá — disse Pituca. — O homem nem sabe nossos progressos, vai ficar entusiasmado. Imagino a cara dele falando: meu bom Pituca, meu bom Edmundo, meu bom Bolacha.

— Bom Bolacha, essa é boa!

De tarde foram na fábrica e logo ao entrar viram que na véspera explodira outra revolta, pelo aspecto dos canteiros pisados e das janelas sem vidro. Subiram no segundo andar da sala que seu Tomé costumava recebê-los e foram atendidos por um moço esticadinho, bem trajado e que levantava o queixo para cima quando falava.

— Então vocês são jovens investigadores; muito bem, muito bem. O senhor Tomé está ocupado, atendendo um fornecedor, porém tenho ordem dele para tratar com vocês. Sou o gerente da fábrica.

— É que queremos falar com ele mesmo, é sobre a investigação.

— Tá descobriram a fábrica clandestina?

— Ainda não, mas está quente.

— Ah, compreendo. Não se lhes terá escapado que houve nova revolta; os álbuns aumentam que não acaba. Seu Tomé já andava contrariado e ontem com a revolta teve uma crise. Chorou e tremeu por mais de uma hora e foi preciso chamar o pronto-socorro.

— Coitado!

— Como ser-lhes-á fácil concluir, o médico recomendou que trabalhasse menos, para recuperar-se e por isso entregou-me a direção da fábrica por quinze dias, o que muito me honra e envaidece-me.

— Poder-se-ia dizer que topamos um chato — cochichou Bolachão para Edmundo que só não estourou de rir com o deboche do gordo por natural educação e pôs a mão na frente da boca para disfarçar.

— Mas o seu Tomé está aí, atendendo o fornecedor — disse Pituca. — Por que não atende a gente?

— Sim, continua por aqui despachando coisas menores; o que não pode é tratar disso de investigação, é muito emocionante, pode ter novo ataque.

O gerente encostou-se para trás, balançou a cadeira, limpou os óculos, deu uma empinadinha de queixo e continuou:

— Como gerente tenho meus métodos de trabalho e gosto de decisões racionais. Acho que as crianças são para brincar e não para se botar em investigações. Isto de menino detetive funciona em gibis, livrinhos de imaginação, mas a realidade é a realidade. Investigar é para homem.

— Sei dessa! — exclamou Pituca. — Os delegados e os detetives que seu Tomé contratou antes não descobriram.

— Realmente, meu jovem amigo, os detetives comuns fracassaram. A fábrica clandestina é chefiada por um gênio do crime, cérebro fora do comum, pensa em todos os detalhes; para enfrentá-lo é preciso um gênio da altura dele e aqui no Brasil não tem; nossos detetives são primários, subdesenvolvidos. Vai, resolvi contratar o maior detetive do mundo: *Mister John Smith Peter Tony* — o detetive invicto. Nunca perdeu um caso e por isso usa a alcunha de "detetive invicto", junto com o nome. Telegrafei para a Escócia e *Mister John* chegará hoje mais tarde em Viracopos.

— Quer dizer que estamos despedidos?

— Perfeitamente. Nem deveriam ter começado, não sei onde é que seu Tomé estava com a cabeça ao deixar que saíssem por aí escondidos dos pais. Isto aqui é uma indústria e a indústria moderna tem que ser dirigida com eficiência; nada de poesias e sentimentalismos. Vejam esse negócio dos prêmios; se em vez de gastar tanto dinheiro dando conjuntos de camisas, desse uma bolinha só, a coisa funcionaria

igualmente. Economizava o dinheiro das camisas e ainda sobrava para lançar uma campanha de publicidade na televisão, ia ser um sucesso. Podem voltar a seus brinquedos; o caso está entregue a um detetive com D maiúsculo.

O gordo que estava vermelho, roendo raiva, não aguentou; levantou-se:

— Escuta aqui seu bonequinho lustroso, você é que é um burro com b minúsculo!

O gordo virou as costas e saiu batendo a porta bem forte. Pituca foi atrás e bateu a porta igual.

— Isso mesmo, o Bolacha tem razão.

Edmundo não se mexeu e ficou sentado onde estava, olhando para o gerente.

— Pois é garoto, acho que não temos mais a conversar.

— Com o senhor não, mas quero falar com o seu Tomé; ele que foi na minha casa me chamar, não foi o senhor.

— Rapaz, ouviu-me bem? Faça o favor de sair.

— Só saio depois que falar com seu Tomé.

— Saia.

— Então vem me tirar.

O gerente coçou a cabeça e saiu de cara amarrada. Dali a uns minutos seu Tomé entrou na sala dum modo encabulado olhando o chão.

— Meu bom menino, sabe que não foi ideia minha despedir vocês. Não quis contrariar o gerente, ele tem sido muito dedicado.

Acendeu o charuto na mão trêmula.

— As coisas estão ruins, meu menino. Lembra-se de meu bonito carro preto? Pois tive que vendê-lo para comprar novos prêmios; vou me acabando aos poucos feito um gelo que se derrete. Não me olhe assim, por favor, meu bom menino. Parece triste comigo.

— Sabe que achamos a casa do cambista e descobrimos que o contacto é por ali?

— Onde é a casa dele?

— Não digo, não quero que o escocês se aproveite de nosso trabalho. Ele que procure, como nós. O que eu tinha a lhe dizer é que quero continuar na investigação e preciso sua ajuda.

— Meu bom Edmundo, admiro cada vez mais o tamanho da camaradagem sua. Gostaria de ajudá-lo, mas precisa da licença do escocês; agora ele é o titular da investigação. Se ele deixar, faço tudo que você pedir.

— Está bem.

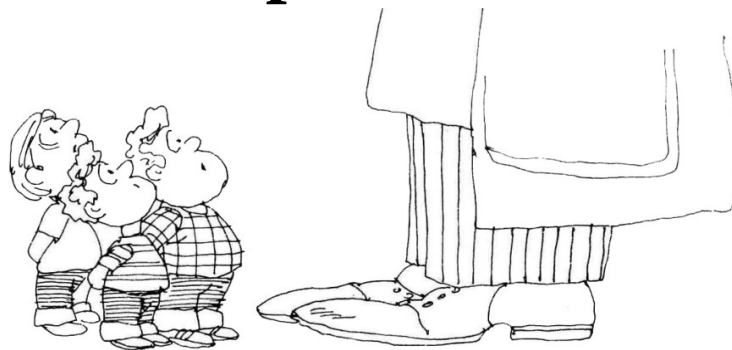
— Venha aqui amanhã. Além do mais vai ter ocasião de conhecer o homem mais famoso do mundo:

*Mister John Smith Peter Tony* — o. . .

— Já sei, o detetive invicto.



# Capítulo 13



O Bolachão e o Pituca, especialmente o gordo, não queriam saber de voltar na fábrica, mas Edmundo era insistente e acabou convencendo. Depois do almoço fizeram aquele caminho conhecido; dois jardineiros trabalhavam no jardim da fábrica arrumando os canteiros e varrendo os cacos de vidro.

— Como será esse *Mister*? — perguntou Edmundo. — Meu pai disse que já leu muita notícia dele no jornal.

— Detetive invicto! — exclamou Pituca. — Vê se pode; deve ser um gringo chato.

Seu Tomé esperava os meninos e levou-os pelo corredor da fábrica.

— O *Mister* já chegou?

— Chegou sim, meus bons meninos, venham por aqui.

Entraram na biblioteca e lá estava o *Mister* de perna cruzada sentado na poltrona: era um bigue dum baita, muito colorido; cabelo loiro, bem amarelo, o carão vermelho pimenta e dois lagos azuis de olhos — parecia escapulado dum desenho animado. Foram chegando perto da poltrona e ele não se mexeu mas olhava dum jeito simpático de olho-que-ri.

Seu Tomé fez as etiquetas:

— Meus meninos, tenho o prazer de lhes apresentar *Mister John Smith Peter Tony* — o detetive invicto. Notem que o nome se escreve Peter mas pronuncia-se Piter. *Mister John*, estes são os valorosos meninos que lhe falei: Edmundo, Pituca e Bolachão.

O escocês desembaralhou as pernas e ficou de pé como um coqueiro que se levanta e que só a gente estando bem afastado é que cabe inteiro nos olhos. Cumprimentou um de cada vez apertando a mão grande.

— Enton estes ser as três detetives.

Disse e puxou do bolso traseiro da calça uma garrafinha de uísque. Estalou um gole e ofereceu:

— Meninas querer uma trago? Amizades de detetives sempre começar com brinde de uísque; ser uma superstição do meu terra. Amizade que nascer com uísque depois crescer firme e forte como esse árvore jatobá que durar mais que o vida dos pessoas.

Pituca mais que depressa pegou a garrafinha.

— Uísque. Meu pai toma muito disso mas nunca me deu. Quedê o copo.

*Mister John* riu.

— Senhor Pituca, senhor Pituca; a regulamento do superstição mandar a gente beber no boca do mesmo garrafa. Ser a maneira certo que usar no Escócia.

Pituca levantou a garrafinha na direção do *Mister*:

— À nossa, *Mister*!

— Muito saúde.

Virou um gole forte e cresceu uma caloria de estufa ardendo a cabeça.

— Poxa, isso é forte!

Pôs a língua para fora, deu umas bufadas e principiou a soluçar. Todo mundo achou graça e quando pararam de rir o soluço ainda continuava. Seu Tomé trouxe um copo d'água.

— Tome três goles um em cima do outro, bom menino.

Pituca tomou e não adiantou; huc-huc o soluço continuava.

— Prenda a respiração — disse o gerente que estava quieto num canto. — O soluço outra coisa não é senão a contração do diafragma, o músculo que fica embaixo do pulmão. Se a gente cessa de respirar, o pulmão segura o músculo e o soluço acaba. É o método científico.

Pituca apertou o nariz e fechou bem a boca e ficou segurando o ar. Houve um silêncio na sala.

— Estão vendo — disse o gerente. — Isso não falha.

— Huc! — O soluço deu um pinote e destampou o nariz do Pituca.

— Morda a língua — falou Edmundo. — Minha mãe diz que é bom.

— Vou morder — nhoc — ai! — huc-huc ai! — não adianta na. . . huc-huc.

Era desses Soluços pegos apitantes galopantes. O *Mister*, que já tinha se sentado de novo, disse de lá:

— Pituca, por essa copo de água em cima do seu cabeça e deixar o copo equilibrada sem pôr a mão no ele.

Pituca aproveitou o entretempo de dois soluços para equilibrar o copo na cabeça. E o *Mister* zastrás, sem nem ao menos descruzar a perna, puxou do bolso um esmite de prata de cano longo tudo numa rapidez e pum! largou um tiraço que rebentou o copo e ainda derrubou dois livros da estante de seu Tomé.

Pituca ficou branco-amarelo.

— O senhor ficou gira, *Mister*? Podia ter me matado!

— Mim pregar susta. Soluça se cura com susta.

— É mesmo, o soluço passou. Mas é um bocado arriscado o seu sistema, *Mister*. E se o tiro pega em mim?

— Sistema ser perfeita, senhor Pituca. Se tira pegar na você, a soluça passar da mesma maneira.

Todo mundo riu de novo menos o Bolacha que não estava prestando atenção em coisa nenhuma.

— *Mister John* — disse seu Tomé. — Os três bons meninos querem continuar na investigação e me pediram ajuda para um plano deles. Como agora é o titular da investigação, é o senhor que resolve se os deixa continuar ou não; às vezes pode achar que atrapalha.

O gerente empinou o queixo e interrompeu:

— Seu Tomé, se acontecer um acidente, nós é que seremos os responsáveis. É uma coisa perigosa, já lhe disse, não é para meninos. Lugar de criança é em casa, o senhor não acha, *Mister*?

— Tudo no vida ser perigoso, senhor gerente. O mais perigoso de tudo ser ficar em casa e non viver o vida.

— Essa foi boa! — exclamou Pituca, olhando ironicamente para o gerente.

— Então o *Mister* deixa a gente continuar?

— *Yes*. Quem ser mais esperta descobre a fábrica clandestina primeiro.

Edmundo e Pituca bateram palmas.

— Então conte-nos suas aventuras.

O escocês se ajeitou na poltrona, e dum modo descansado, sem fazer gesto nenhum, foi contando as famosas investigações.

Os olhos é que azulavam mais forte ou mais sério conforme o pedaço e foi enfiando uma investigação na outra sem parar; se o Edmundo não olhasse no relógio, o *Mister* varava a noite.

— Chi! Está na hora da janta, vamos.

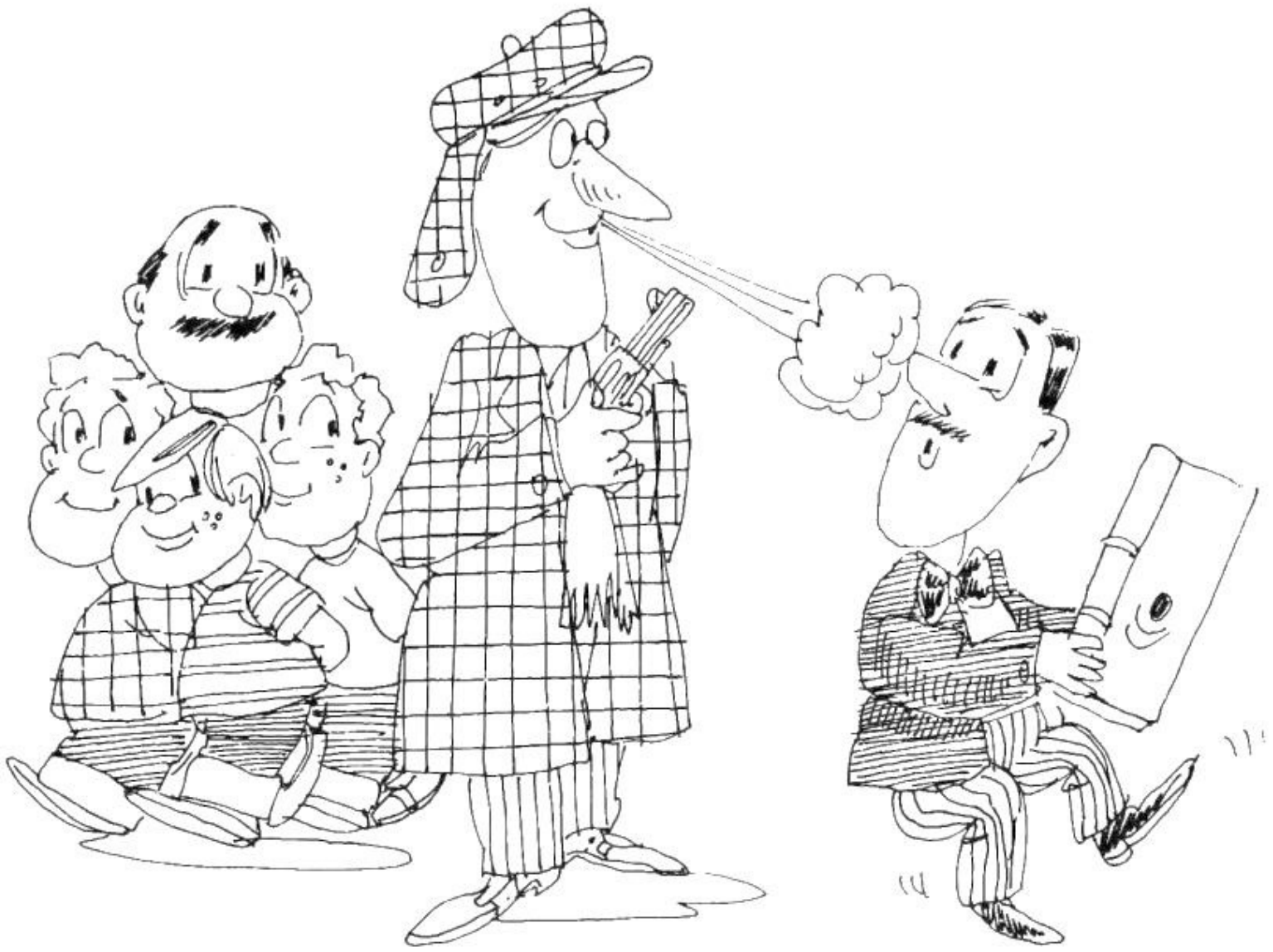
Se despediram e o gerente, que estava ressabiado, achou de dar uma pinicada de implicância no *Mister*. Olhou assim feito fosse distraidamente para a estante e disse:

— Que lástima; o tiro acertou logo nos dois livros que o seu Tomé gostava mais e ainda tirou uma lasca do jacarandá da Bahia da estante. Por causa de um soluço.

— Senhor gerente, ter dois coisas no munda que non impedir a bala de passar: uma ser a soluça e o outra ser o miado do onça. Mim já acertou muitos onças mas no miado mim nunca acertar.

— Ah! esse *Mister* não dava milho para pinto. Edmundo, Pituca e seu Tomé racharam de rir e até o gordo fez menção de que estava gozado.





# Capítulo 14



O plano de Edmundo era para os meninos poderem ficar um tempo fora da casa para investigar o que que o cambista fazia entre as seis e meia da tarde de um dia e o meio-dia e cinquenta do outro. Não vou contar os detalhes todos de como conseguiram sair de casa sem ninguém desconfiar; dou o resumido: Seu Tomé imprimiu na gráfica dele uns papéis com o timbre da Escola Primária Três Bandeiras, Edmundo falsificou a assinatura do diretor e levaram cada um uma carta para os pais, dizendo que a escola ia fazer uma excursão de uma semana nas cidades históricas de Minas para apreciarem as obras do Aleijadinho, o local da Inconfidência e essas tretas que batizaram com o nome de "instrui e diverte" e que, para ser muito franco, só aporrinham a paciência da juventude nacional. Fizeram também o reverso do revirado, pois seja, escreveram umas cartas dos pais para a escola dizendo que iam levar os filhos por uma semana numa viagem pelas cidades históricas de Minas e que iam faltar nesse período. Para que a coisa tivesse tinta real de verdade sólida, o seu Tomé ainda telefonou para o diretor da escola, fingindo que era o pai de cada um e depois telefonou para o pai de cada um, fingindo que era o diretor da escola, deram mais uns remates e ficou perfeito. Essa fazeção de cartas e telefones daria cinquenta e sete capítulos de novela de televisão, mas nós estamos é com pressa de descobrir o valhacouto de sicofantas desta fábrica clandestina e por isto eu já ponho os três meninos andando na Marginal às cinco da tarde procurando um lugar de armarem acampamento.

Andavam pela beira do rio, entre o capim alto, e, fuçando, acharam uma praiazinha que ficava embaixo de um barranco, bem encaixada. O barranco era alto de três metros e avançava no rio em forma de U, não dando passagem por nenhum dos lados. Uma praiazinha embutida assim era o lugar melhor para acamparem sem perigo dos curiosos verem. E nem da outra margem podiam ver porque o pedaço de praia tinha capim de dois metros e Edmundo e Pituca foiçaram e capinaram o trecho justo que dava para a tendinha que ficou tapada pelo capim em redor. Acertaram tudo e foram jantar em cima do barranco; haviam trazido uma porção de apetrechos comprados por seu Tomé.

A comida estava boa; presunto, rosbife, queijo e goiabada e o café quentinho da garrafa térmica.

— Hum — disse Bolachão, se deitando no chão. — É bom comer, depois que como não sinto raiva de ninguém. Estava danado com o pai; foi passear em Santos e não me levou. Tinha resolvido que ia desmarcar os livros dele de malcriação. Agora passou.

— Eu não preciso marcar livro — disse Pituca. — Sei onde parei.

— Interessante o gordo — observou Edmundo. — Com a barriga cheia ele faz confidências.

— Mas precisa ser jantar grande — disse Pituca. — Só com sanduíche ou copo de leite ele não se declara.

— Falar mesmo é o *Mister* — fez Edmundo. — Eta *Mister!* Estamos na frente dele e acho que vai se enroscar naqueles trajetos do cambista. Quero só ver.

— Não acredito nele — disse Pituca. — Parece meio criança.

— Mas é um boa praça.

— Isto é.

— Estamos jantados e conversados — disse Edmundo. — Vamos ao sério; temos que espiar o cambista entre seis e meia da tarde, quando chega do centro, e dez para uma, quando vai. É nesse meio tempo que faz o contacto.

— É quase seis e meia — observou Pituca.

— Vamos espia-lo das seis e meia em diante, varando a noite e a madrugada até meio-dia e cinquenta da manhã. Vai precisar de revezamento, enquanto um espia, dois dormem.

— já dividi o tempo — disse Pituca. — Das seis e meia até dez e meia fico eu, das dez e meia até duas e meia da madrugada fica o gordo, e você das duas e meia até seis e meia. Daí para frente é dia e cada um já dormiu oito horas, pode ficar acordado.

— Ótimo — concordou Edmundo.

Foram na direção da casa do cambista e escolheram um lugar ajeitado para tocaia, em cima dum

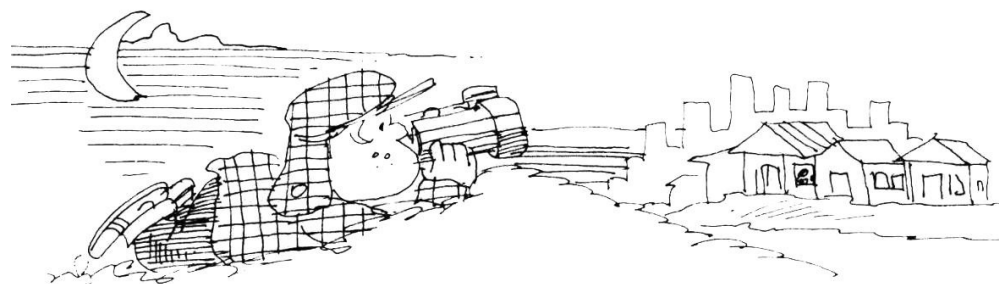
morrinho. Pituca permaneceu lá com o binóculo e Edmundo mais o gordo voltaram ao barranco. Para descer os três metros até a praiazinha tinham escorregado uma corda no buraco e amarrado num tronco firme de arbusto. Edmundo desceu fácil mas o gordo não quis.

— Eu, hein? Estou bem aqui, tenho travesseiro e cobertor e a tarde está morninha.

— Certo, Bolacha; vou dormir. Se o Pituca vier dar aviso de novidade grande, me chame.



# Capítulo 15



Às dez e meia Pituca voltou dizendo que o cambista chegou em casa às seis e meia, se fechou lá e não saiu e nem recebeu visita de ninguém. Desceu na corda e o gordo foi para a tocaia.

Às duas e meia Edmundo acordou sozinho, esperou dez minutos e nada do gordo voltar. Trepou na corda e andou para o ponto da tocaia. Bolachão não estava lá.

— Ué. Que é feito desse gordo?

A noite estava bonita duma lua amarela redonda clareando o Tietê. Dava visão para se enxergar sem lanterna. Edmundo olhou em redor e viu uma casca de laranja. Foi ali e viu outra mais na frente.

"É o rasto do gordo" — pensou. "Vou seguir".

Andou vinte metros farejando o chão, por uma linha de caroços cascas e bagaços. De repente o rasto acabou.

"Acho que perdi a pista".

Espichou um pouco a vista e viu um papel de sonho de valsa surgindo para esquerda.

"Oba. O gordo virou aqui. Isso não é mais seguir gente, estou seguindo um supermercado!"

Papel de sonho de valsa, farelinho de biscoito e deu no gordo atrás dum matinho olhando no binóculo.

— Sim senhor, seu gordo; mudas de lugar e esqueces da vida.

— Dali só dava para ver a frente da casa; do matinho esse enxergo a janela do quarto, está aberta no foco da lua.

Edmundo pegou no binóculo e viu a sombra do cambista, dormindo ao lado da mulher.

— Novidades?

— Muitas. Esse cretino dorme de boca aberta e baba no lençol.

— Bom, vá dormir. É melhor descer na tenda, o tempo esfriou.

— Tchau.

Edmundo se acomodou no matinho no vão de folhas que o gordo esquentara. E a madrugada soprava um vento agudo de modo que o menino se encolheu e apertou o cachecol bem. Monotonia que era ficar espionando o sono do cambista, babava mesmo, o gordo tinha razão. Edmundo olhou a concha do céu procurando o cruzeiro; as estrelas eram mais visíveis das partes mais longe da claridade da lua: tantas estrelas, vá lá se entender uma coisa que não acaba, o universo, se afundando sempre sem ter fim. Os planetas e as estrelas navegam no nada e o nada não pode ter fim, é lógico; mas como é que pode um negócio que não acaba? Cada um pensa e não entende.

Noite paulista de beira de rio, a luz da cidade saindo para cima feito uma névoa e as gentes que voltam tarde acendiam janelinhas nos arranha-céus. Edmundo estava nesses pensamentos e ouviu um barulho de folha pisada e um psiu. Era o Pituca.

— Pituca! Devia estar dormindo.

— Dever devia, mas sabe o que foi? O gordo quis descer na corda do barranco e se despejou feito

uma bomba em cima da tenda; amassou tudo e quase me sufoca no meio da lona achatada.

— Se machucou?

— Não sei, deixei-o lá desmaiado e vim perguntar o que devo fazer. Morrer não morreu, está respirando, capaz de ter quebrado uma ou duas pernas, coisa assim.

— Poxa, precisa ter mais iniciativa Pituca! Volte lá, arrume a tenda só vem me chamar se tiver coisa grave. Para arranhões e feridas leves pegue a caixinha dos socorros urgentes.

Pituca foi e com pouco de tempo estava de volta.

— O gordo está enxuto e já arrumei a tenda. Só que ficou muito bravo e não me deixa dormir; anda de um lado para outro e fica xingando sem parar. Diz que vai voltar para casa.

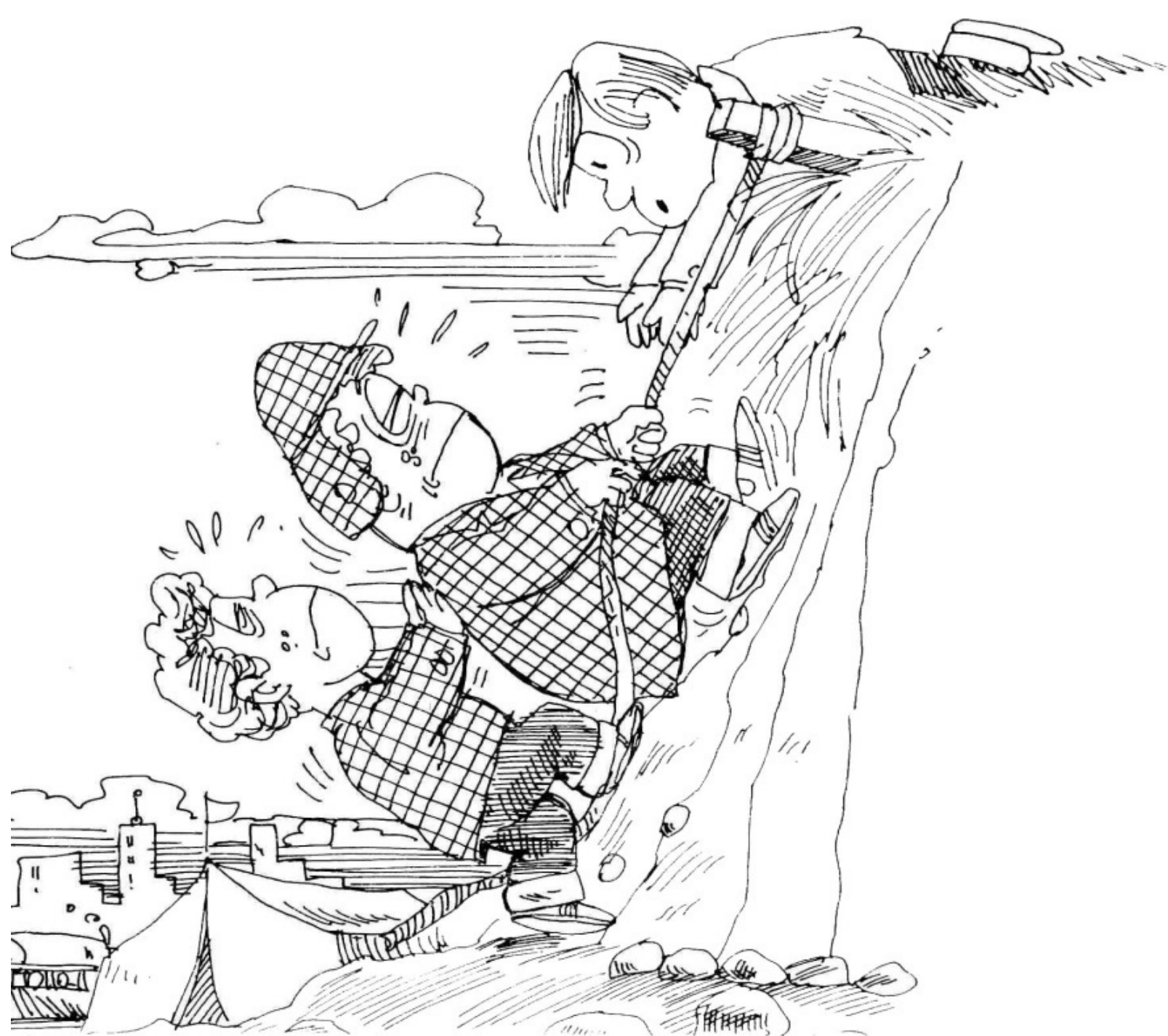
— Voltar para casa! Gordo irresponsável, não deixe!

— Não tem perigo, não consegue subir na corda, já tentou um par de vezes e neca. O problema é que estou com sono e aquele animal não deixa.

— É crise de raiva, já vi ele ter igual, passa logo. Na latinha vermelha tem erva de camomila, faça um chá e dê ao gordo, é calmante.

Pituca deu meia-volta e Edmundo continuou pesquisando o sono do cambista.





# Capítulo 16



O sol da manhã iluminava a Marginal; os favelados caminhavam para as fábricas e a molecada chispava entre os terrenos vazios, inventando brinquedos. Ao lado do longe era uma carreira cartão postal de arranha-céu desenhando a maravilha de São Paulo no céu turista de cidade grande. Às quinze para as sete Pituca chegou e Edmundo não voltou dormir porque já dormira oito horas e não precisava mais. Ainda não tinha acontecido nada e os dois iriam observar o cambista até as dez para uma, desfalcados do gordo que ficara preso no buraco.

Às sete horas o filho menor saiu do barraco com uniforme de escola.

— Siga-o, Pituca!

Demorou meia hora e Pituca voltou.

— Foi para a escola mesmo, estudo no Ateneu Nosso Brasil, na Casa Verde. Parece que no segundo ano.

Um helicóptero azul passou baixinho e um pequeno avião levantava voo da outra margem do rio.

— Ali, naqueles galpões, fica o Campo de Marte — disse Edmundo. — Meu tio tem um avião lá. Olhe, a mulher do cambista saiu com uma sacola. O cambista é que não acordou ainda. Siga a mulher.

Pituca foi atrás da mulher que fez compras no armazém e no açougue e voltou para casa sem nada de suspeito. O menino ia andando pelo capim na direção do matinho de tocaia e sentiu uma mão quente e pesada no ombro. Pituca deu um salto, porém tropicou numa raiz e caiu de costas no capim.

— Menina Pituca querer um trago de uísque?

O *Mister* estava de camisa esporte e a pele do braço era muito branca em contraste com o vermelho da cara.

— *Mister John, o senhor aqui!*

— Ser mim mesma — disse o escocês e estendeu a garrafinha.

— Não obrigado, dá soluço.

— Se dar soluça mim dar outra susta e a soluça passar.

— Deus me livre!

Detrás de um outro capim veio vindo um velho magro metido num macacão de operário; a canela fina dele parecia um espeto na calça larga.

— Este ser Jonas, o minha auxiliar. Ter esse cara aí de inofensivo, mas Jonas ser efficientíssima, já salvar o meu vida três vezes, non ser verdade, Jonas?

— *Yès sir.*

— Mim disfarçar ele de operário, mas com esse cara non parecer operário, nem eu saber o que ele parecer, mim pensar bastante e non conseguir achar parecida com nada.

— Parece ajudante de detetive escocês disfarçado de operário — disse Pituca.

O *Mister* riu e Jonas cumprimentou o menino.

— Saludos amigos.

O *Mister* riu mais.

— Este Jonas ser de morte, mim tentar ensinar o Jonas a falar brasileira pelo processo de leitura dinâmica, mas o Jonas sá sabe dizer "saludos amigos". Mim estar no dúvida se Jonas non aprender mesmo ou se estar fingindo de sonsa para se divertir às minhos custas.

— Puxa, como o senhor achou depressa a casa do cambista! Como é que fez?

— A cambista usar um sistema de despistamento que ser inventada por um alemon chamado Fritz em abril de 1948 na cidade de Frankfurt; mim já conhecer esta sistema, ter ela no minha arquivo. Engenhoso maneira de mudar de conduçons usando ruas de contramon; tornar impossível a bandida ser seguida mesmo por vários pessoas combinadas.

— Se é impossível como o senhor descobriu?

— Mim fazer o mesmo pergunta; nunca pensar que meninas poder furar sistema Fritz.

Pituca contou a ideia do gordo. O *Mister* ouviu, coçou a cabeça, olhou para o céu e deu uma

gargalhada enorme e, enquanto ria, dava palmadas na perna.

— Rá! Rá! Rárrárrárrá! Seguir pelo revirada, *good, good!* Ser um tamanhíssima duma ideia, minha Deus do Céu, que que este gorda ter no dentro da cabeça para imaginar uma pensamento assim! De trás para diante, *good, good,* ser da pá virado, ser do arco do velha, só mesma esse gorda. O invençon ser importante, mim escrever no minha caderninho.

O escocês sentou na grama, tirou o caderninho do bolso e rabiscou umas palavras em inglês. Pituca olhou por cima do ombro dele e só entendeu a palavra Bolachon e viu também que o *Mister* pôs vários pontos de exclamação no fim das frases.

— Ô *Mister*, o senhor escreveu errado o nome do gordo; não é Bolachon, é Bolachão. E bota meu nome aí que eu ajudei o gordo a ter a ideia.

*Mister* John sorriu e escreveu o nome de Pituca no meio de outras palavras em inglês.

— Que que o senhor disse de mim?

— Mim dizer que Pituca ser uma detetive simpática.

— Agora é sua vez de dizer como furou o sistema Fritz.

O escocês levantou e foi andando na beira do rio; Pituca e Jonas vieram trotando atrás, cada pernada do *Mister* valia cinco das deles. *Mister* John Smith Peter Tony deu a volta num arbusto maior e mostrou o helicóptero azul claro que os meninos tinham visto antes passar baixinho. No metal da porta estavam parafusadas seis letras douradas que era a inscrição do *Mister*: J.S.P.T. — D.I.

— Mim convidar Pituca para um passeio.

Pituca sentou-se no meio do Jonas e do *Mister* e afivelou o cinto de segurança na barriga. O helicóptero do *Mister* devia ser duma marca especial só dele; nem o escocês apertou um botão e o helicóptero deu um pulo de canguru e duma estilingada subiu quatro mil metros. Isso em menos de um segundo. Nessa altura parou e *Mister* John puxou um canudo do painel.

— Olhar neste lente.

— Bárbaro! Parece que estou a um metro do chão, enxergo tudo e melhor que estivesse lá.

— Mim seguir a cambista do céu com esses superlentes, que as russas e americanas usar para fotografar o Lua.

— Olha, estou vendo o gordo na praiazinha, vejo até os pingos de suor no nariz dele. Rá! Rá! O gordo está pescando, que burrice, todo mundo sabe que o Tietê não tem peixe nenhum aqui por causa dos detritos das fábricas. Ixi, pumba, pescou um! Tá tudo doido seu!

O helicóptero aterrissou no mesmo lugar.

— Nós já conversar bastante, agora cada um continuar no seu investigação.

— Se nós descobrirmos a fábrica clandestina antes, o senhor perde o título de detetive invicto?

— Sim, non tem dúvida. Mim ser invicto porque sempre descobrir bandidas antes das outras detetives.

Pituca voltou no matinho da tocaia e Edmundo falou que por enquanto não havia novidade, o cambista nem saíra de casa. Ao meio-dia o filho maior saiu também com uniforme de escola. Edmundo seguiu e viu que estudava também no Ateneu Nosso Brasil. Às dez para uma o cambista saiu e foi para a cidade.

— Que coisa! Pesquisamos cada segundo da vida dele as vinte e quatro horas do dia e não vimos contacto nenhum.

— Vamos almoçar.

Desceram na praiazinha e o gordo estava fritando outro peixe.

— É bom esse peixe aí, Bolacha?

— Mais ou menos, uns têm gosto de sabão em pó e outros de ácido sulfúrico, carregando na pimenta vai.

Contaram os casos e o gordo virou e disse:

— Fácil, quem faz o contacto é o filho menor que vai na escola de manhã.

— Por que não o maior?

— Porque o menor vai e volta da escola enquanto o cambista está em casa. As encomendas de figurinhas são feitas num dia, no Largo de São Bento, e já o cambista as entrega no dia seguinte. De tarde não entra em contacto com ninguém, só pode ser o filho menor que leva o recado das encomendas e traz as figuras da escola. Ele volta pouco antes do cambista sair. Perceberam?

— No caminho de ida o menino não falou com ninguém — disse Pituca.

— Então o contacto é lá dentro da escola ou no caminho de volta.

— Isso mesmo.

— Ô Bolacha — disse Pituca. — Já que você é tão inteligente, inventa um modo de sair do buraco.

Quero ver.

— Meu intelecto não apetece cuidar de mediocridades manuais, isso é serviço para servente ou meio-oficial. Não sou metalúrgico.

— Tenho um plano — disse Edmundo. — Vocês ficam aí que eu vou na casa do seu Tomé. Vamos precisar dele novamente.

Trepou na corda. Pituca e Bolachão ficaram passando o tempo, primeiro jogaram xadrez mas o gordo deu um mate em quatro e o Pituca ficou furo e não jogou mais. Ficou lendo revistinha e ouvindo no rádio de pilha e o gordo dormiu. Bem depois Edmundo chegou satisfeito trazendo uma escada dobrável de alumínio bem levinha e fácil de levar que era para o gordo poder sair do buraco.

— Está tudo pronto. Amanhã vai ter.



# Capítulo 17





No meio do rebuliço dos alunos que entravam no Ateneu Nosso Brasil, surgiu um senhor baixo e careca puxando na mão um gordinho. Chamou um dos alunos e perguntou:

— Meu bom menino, faça-me o favor, onde fica a sala do diretor?

— Ali. O diretor é aquele parado na frente da porta.

O careca agradeceu e andou até o diretor.

— Tenho a honra de falar ao excelentíssimo diretor do colégio?

— Perfeitamente.

— Muito prazer, Alberto de Almeida, seu criado. Posso dizer-lhe umas palavrinhas?

— Tenha a bondade de entrar.

— Senhor diretor, resolvi matricular meu filho neste estabelecimento de ensino porque ouvi referências boas. Tira o dedo da boca, Afonsinho! Na frente do diretor, que coisa feia!

— O senhor quer matriculá-lo para o ano que vem, naturalmente.

— Não, não, gostaria que começasse já.

— Mas estamos no segundo semestre.

— Afonsinho, vá dar uma volta; seu pai tem um particular para dizer ao diretor.

O gordo saiu.

— O problema é o seguinte, senhor diretor: o Afonsinho é um pouco retardado.

— Desconfiei pelo movimento dele. É mongolóide?

— Não, teve uma meningite, destas fatalidades, é a vontade de Deus, cada um tem que se conformar.

No começo fiquei aborrecido, achei que Deus tem umas vontades esquisitas, mas o homem põe e Deus dispõe e não temos capacidade de penetrar nos despachos do céu, mesmo porque tem um ditado que diz "Deus ajuda quem cedo madruga" e outro que diz "mais vale quem Deus ajuda que quem cedo madruga".

Não sou de filosofias, senhor diretor, só sei que por felicidade a doença não prejudicou completamente o Afonsinho; sabe raciocinar, com dificuldade, lento, mas vai. Não é totalmente incapaz.

— É sujeito a fases eufóricas e depressivas?

— Sim, quando come fica eufórico e muito deprimido quando está com fome.

— Não é bem isso, senhor Alberto. Falo dos períodos alternados de abatimento e excitação que aparecem em certas doenças no cérebro.

— Ah. Disso não tem não, até que é muito igual sempre.

— Qual é o adiantamento dele?

— Pela idade deveria estar no quinto ano, mas, por causa da doença, só fez o primeiro. Repetiu três vezes mas acabou passando e esse ano não estudou porque o médico mandou dar uma folga para não forçar. Porém ficar muito tempo sem fazer nada também é ruim e o médico recomendou que voltasse aos estudos. Trouxe o Afonsinho para ir assistindo as aulas do segundo ano, não precisa nem fazer exame, é só para ter uma ocupação, no ano que vem ele faz o segundo completo do começo ao fim.

— Está bem. Qual o horário que o senhor quer?

— De manhã. O médico disse que de manhã o cérebro do Afonsinho funciona mais.

— Tem os documentos para preencher a matrícula? É pouca coisa, atestado de nascimento e duas fotos três por quatro.

— As fotos tenho aqui, a certidão entrego na semana que vem.

— Não é problema, o menino pode começar amanhã. Em qualquer loja vendem nosso uniforme. Fique tranquilo que levaremos em conta o caso especial de seu filho, é muito simpático e hoje a ciência resolve tudo, pode crer. E console-se, que há doenças piores, podia ter nascido cego, não é?

— O senhor disse bem, senhor diretor, há doenças piores. Imagine se fosse cego, coitado. Podia até nem ter nascido, o que é muito pior. Já imaginou o número de infelizes que nunca nasceram? A pior coisa que tem é não nascer e acho que tem mais gente que não nasceu do que a que nasceu. Mas onde anda essa

criança? Afonsinho!

— Deve estar no pátio, vou mandar o zelador trazê-lo.

— Não precisa, lá vem ele. Afonsinho vamos embora, tira o dedo da boca!

Quando chegaram na rua, seu Tomé falou ao gordo:

— Meu bom menino, eu, um homem sério, industrial, nunca menti na vida e, numa semana, me botam a fazer cartas falsas, fingir voz de pai no telefone, voz de diretor, e agora estou aqui, pai do Afonsinho! Mas sabe duma coisa, no começo ficava nervoso, mas perdi a vergonha, meu bom menino, já nem penso mais, as mentiras é que vão saindo sozinhas e contentes da minha boca. Hoje representei bem, não acha?

— Hum.

Sem mais dizer o gordo voltou ao acampamento e desceu pela escada de alumínio.

— Como é?

— Seguimos o filho do cambista na volta da escola; não falou com ninguém e não parou em lugar nenhum.

— Então o contacto é na escola.

— Quem sabe a fábrica é lá dentro?

— Acho que não — disse o gordo. — Enquanto seu Tomé conversava com o diretor dei uma olhada nas classes, no pátio, e não tem nada de ter tipografia lá.

— Viu o porão?

— Não tem porão.

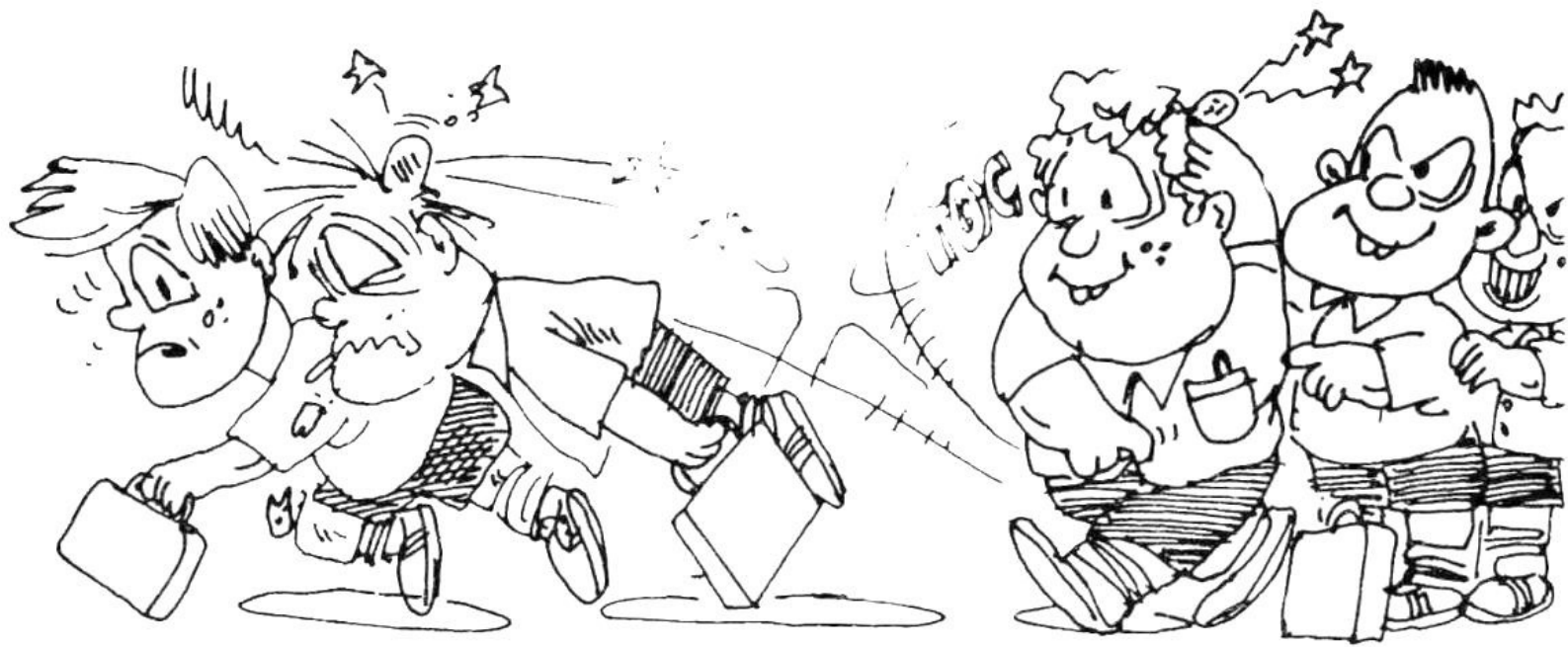
— Então o filho do cambista passa a lista das encomendas para alguém durante a aula. Amanhã você descobre; hoje à tarde o Pituca vai no Largo de São Bento fazer uma bruta encomenda.

— Só não estou gostando é disso de bancar retardado, não fica bem.

— Fica sim, Bolacha — disse Pituca. — Sempre achei você com cara de meningite.



## Capítulo 18



No seu uniforme novo o Afonsinho entrou na escola.

— 2.º ano, entrar na fila!

Juntou a fila e o último inventou de brincar de "passa" e mandou um cascudo na nuca do penúltimo; o cascudo veio rolando para a frente da fila e chegou no de trás do gordo, o qual, mais que depressa, largou cascudo no Bolacha.

— Passa!

O gordo, muito compenetrado no seu papel de debilóide, fez que não entendeu e chupou o dedo.

— Passa! Não banca o marica!

A turma de trás insistia e protestava. Protestaram tanto que deu raiva no gordo e, como ele era bem maior que os outros, largou um cascudo tamanho família que jogou no chão o magricela que estava na frente. Esse mundo é curioso, a mesma turma que se zangara porque o gordo cascava pouco, revoltou-se agora porque ele cascou demais. Foi uma bagunça danada, a fila virou roda, assoviavam, xingavam o gordo, e um mais forte de cabelo escovinha olhou feio para ele:

— Gordo covarde! Te quebro a cara na saída!

A valentia do escovinha animou o resto que xingava mais de longe e já queriam é bater no gordo ali mesmo. Foi aí que uma moreninha muito bonitinha, de olho grande e cabelo lisinho que escorria no ombro, falou enérgica:

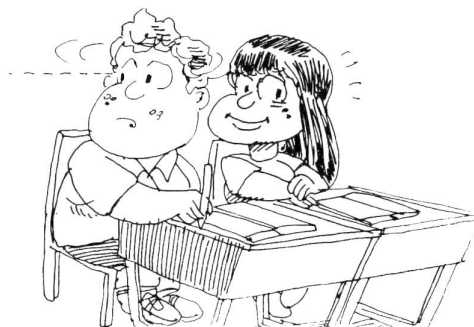
— Ninguém toca nesse gordo! Covardes são vocês! Ele é doente, ouvi o professor dizer.

A turma respeitou o rompante da morena e se quietou. E o gordo, que nunca tinha sido de namorar, achou ela bonita e simpatizou. Nisso chegou o zelador que mandou a fila se arrumar direito e ir para a classe. A moreninha puxou a mão do gordo:

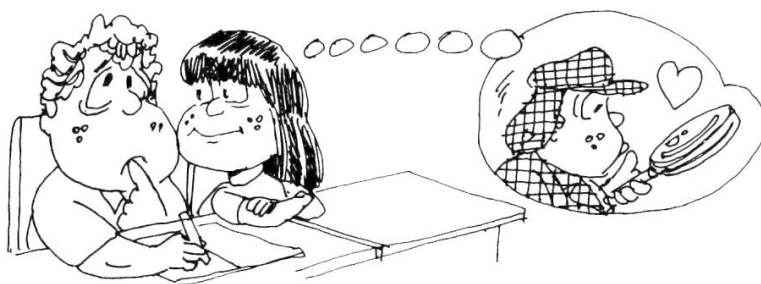
— Vem sentar comigo, gordinho, eu mando a Madalena sentar na outra carteira.

A fila principiou a andar e o gordo estava muito aceso, prestando atenção no filho do cambista: a lista de figurinhas devia estar na bolsa dele e seria passada para alguém, dentro da escola, em um momento daquela manhã. O gordo era de natureza desligado mas na hora que precisava ficava muito esperto, sabia enxergar o fundo das coisas, como nós sabemos. Quem seria o emissário da fábrica clandestina? Um aluno, um professor, o zelador, o faxineiro, o próprio diretor, devia desconfiar de todo mundo, a história dos crimes mostra que o menos suspeito costuma ser o culpado e, pelo revirado, tem vez que não é, e muito detetive já se desmoralizou porque começou logo a desconfiar do menos suspeito e vai ver o criminoso era mesmo aquele que todo mundo achava que era. O gordo precisava observar detalhes, a maneira de um olhar o outro, de virar a cabeça, algum gesto brusco, tudo. E onde se daria esse contacto? Na sala de classe, no pátio, na secretaria, na sala do diretor, no banheiro, no corredor, por cima do muro? É o que vamos ver. Por enquanto estava indeciso, porque nem mesmo prova provada havia que a lista das figurinhas vinha na bolsa do filho do cambista: tratava-se de um fato teórico que precisava de verificação.

Chegaram na classe e foram se enfiando nas carteiras; Bolachão sentou-se junto com a moreninha, dois bancos atrás do filho do cambista, lugar muito bom para espiar os movimentos dele, dois bancos, atrás, mas em outra fileira, de modo que se olhava enviesado e não tinha obstáculo no meio.



# Capítulo 19



O professor principiou a dar a aula e o gordo resolveu principiar a sua especulação e por isso meteu o dedão na boca, perfeitamente meningético, e perguntou à moreninha:

— Esse é o único professor da classe? Tem algum outro?

A moreninha olhou bem o gordo com seus olhos fundos grandes pretos e disse aquilo que nem gordo nem ninguém podia esperar:

— Gordinho, essa sua finta não me engana; você é detetive, eu sei.

Um lugar comum chama isso de cair da carroça, mas no caso de gordo a expressão é fraca. Bolachão desmoronou-se, e, na falta de uma resposta pronta, encolheu-se em si buscando uma folga de recobrar o prumo da cabeça, pôs o dedão na boca e disse:

— Hum.

— Não tem um nem dois. Você é detetive.

— Hum.

— Gordo não seja pernóstico, acho melhor que confesse. Vou te aprender um negócio: um detetive, por mais que disfarce, carrega seu detetivismo até na maneira especial de soar o nariz ou então manteiga não chama manteiga e chama Atlas Geográfico Universal.

O gordo estava arriado espinaftrado e aos bocados foi recuperando o controle. A garotinha podia ser da quadrilha, capaz de ser uma biruta que acertou assim na mosca por coincidência, feito esses casos que acontecem e que o povo chama de milagre, sei lá. Ele que não era papagaio para dar o pé louro; o negócio correto era zipe na boca e, como o gordo não falava, a moreninha continuou na voz cochichada de quando a gente fala na classe durante a aula:

— Gordinho você tá com cara de menino colando pegado em flagrante fingindo de calmo e olhando espantado.

— Hum.

— Como é que você chama, redondinho?

— Hum.

— Eu me chamo Berenice, não acha bonito? É o nome duma constelação, a Cabeleira de Berenice. E eu, você acha bonita?

O gordo achava, danada duma azucrinada, mas mulher bonita azucrinada fica mais encantadora geralmente, embora mulher bonita, não azucrinada, também. Falava aquilo tudo sem ridículo nenhum, muito natural, mas o gordo já estava frio da ideia e continuou calado para ver até que ponto ia dar o desempenho da moreninha; chupou mais o dedo e deu uma revirada de olho assim bem bocó.

Berenice riu os dentes todos.

— Gordinho, gordinho, está gastando o dedão à toa. Ou você me conta direitinho esse crime, e eu te ajudo, ou espalho para a classe. E primeiro vou espalhar para o Raimundo — e apontou o filho do cambista — que eu reparei na fila que você olhava muito nele.

Tirou uma folha do caderno e escreveu:

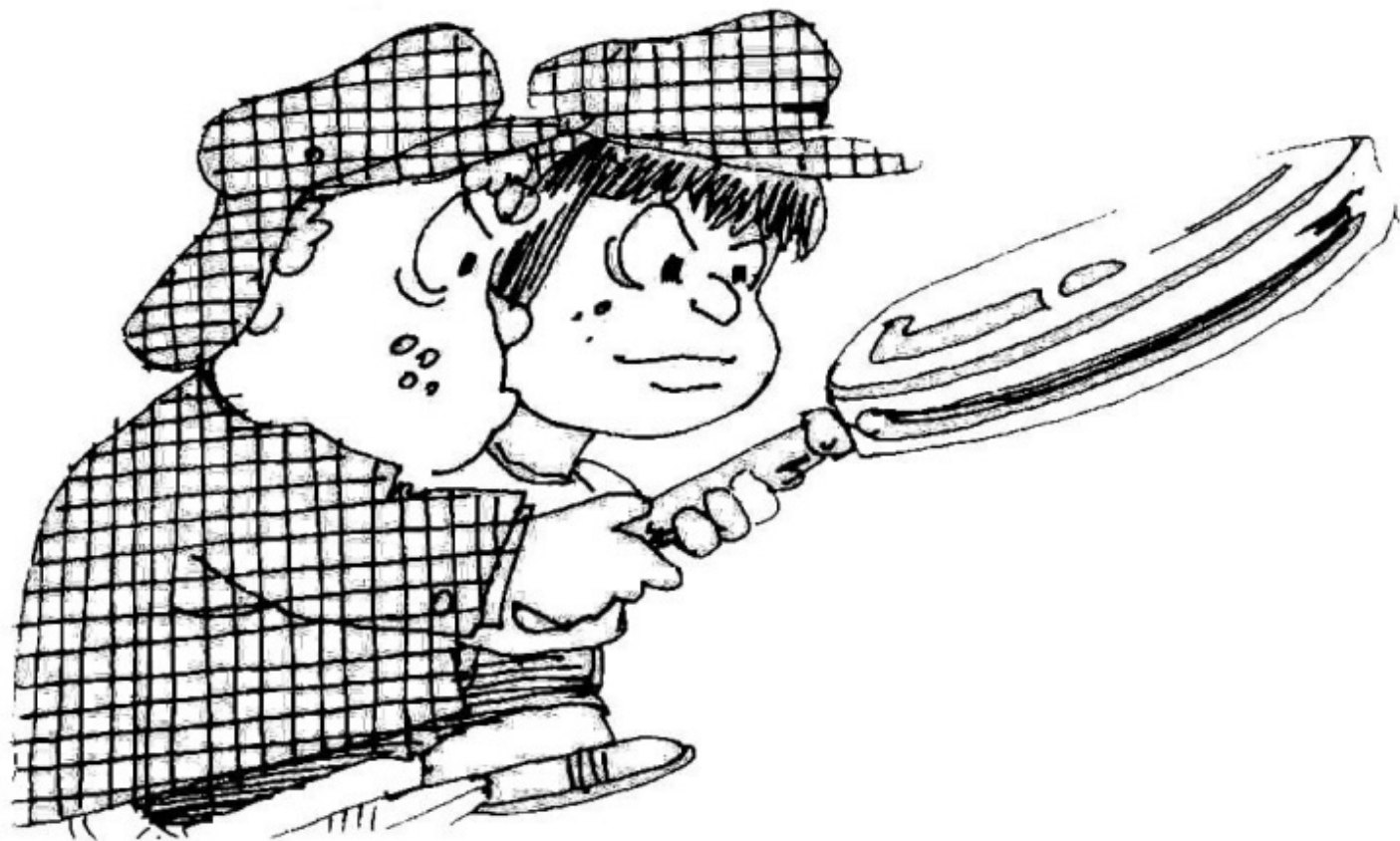
"Raimundo, cuidado, esse gordo veio bisbilhotar você".

— Vou mandar o garoto da frente passar o bilhete.

Bolachão não tinha escapulida e confessou:

— Tá bom, sou detetive.

— Ótimo. Vamos descobrir juntos o crime e depois eu fico tua namorada, tá? Essas belezas você não é, mas tem it, sabe, meu pastelzinho.





# Capítulo 20



A coisa estava periclitante; ou a menina atrapalhava a investigação dum vez ou até que podia ajudar. O gordo contou-lhe o resumo do caso e perguntou do Raimundo.

— Olha, gordinho, não é simpático nem antipático, não vi nada especial nele até hoje. Passar e receber pacotinhos e listas também não vi.

— Tem só esse professor na classe?

— Não, tem o de educação física, o de trabalhos manuais e a professora de canto.

— O Raimundo às vezes fica sozinho com algum professor, de castigo, coisa assim?

— A dona Inês, de canto, gosta muito dele, ele tem boa voz. Já foi na casa dela ensaiar e conversam bastante depois da aula.

— Vai muito na sala do diretor?

— Não.

— Quem é o que senta do lado dele?

— O Paulo, já foi meu namorado.

— Você hein, quantos já namorou aqui?

— Só o Paulo, prefiro namorar os do quinto ou do quarto ano, esses do segundo só sabem contar anedotas elementares e são muito prosaicos.

— Fale-me do Paulo. Sentado do lado dele é fácil passar a lista.

— No tempo que o namorei não achei com forma de bandido.

— E o Raimundo, tem?

— É, estou pensando feito boba. Deixa que no recreio vou pesquisar o Paulo.

— Mas de leve hein, uma palavrinha a mais entorna o caldo.

— Olha, esqueci de dizer que o Raimundo se dá muito com o zelador. Sempre conversam no recreio.

— Sei, e quem é o amigo mais chapa do Raimundo?

— É o Teófilo, esse sentado aí na sua frente. É maníaco por futebol, vive irradiando.

O gordo espichou o pescoço e pôs a cara atrás da nuca do Teófilo; o garotinho estava com a mão fechada perto da boca igual microfone e irradiava baixinho:

— Atenção, muita atenção, prezados ouvintes, a falta é perigosíssima, Armando Marques apita o seu instrumento de trabalho, está formada a barreira, barreira de três, isso não existe, seu, Paulo Borges toma distância, lá vai a bomba, pum, é gol, goooooooooool do Corinthians, mercadoria alvinegra no barbante alviverde. Delírio de palmas no próprio da municipalidade!

Berenice morria de rir e cutucou o Teófilo.

— Ô Teófilo, quanto tá o jogo?

— Três a um para o Corinthians.

— Assim não tem graça Teófilo, quando você irradia o Corinthians nunca perde, é fácil.

— Fácil nada, o Armandinho expulsou três do Corinthians e inventou um pênalti a favor do Palmeiras. Só ele que viu. Fala Gerubi! Como foi o lance aí atrás do gol?

— É — disse o gordo. — Esse disinfeliz está riscado da lista dos suspeitos.

— Coitado, é mania, não risca não, ele não é tão incapacitado como parece.

— E namorada, o Raimundo tem?

— Nunca, é muito fubá.

Um menino na primeira fila levantou o braço:

— Seu Fernando, é verdade que o Rio Amazonas é o maior do Brasil?

— Perfeitamente, Zé Tavares. O maior do Brasil, o segundo do mundo em comprimento e o primeiro em volume d'água. Um orgulho nacional.

— E esse bolotrô, que pito ele toca? — perguntou o gordo.

— É o Zé Tavares, um chatinho; vive fazendo perguntas para se mostrar.

— Meus alunos, quero ver agora os mapinhas que mandei fazer em casa — disse o professor.

Choc choc os alunos puseram os mapas em cima das carteiras.

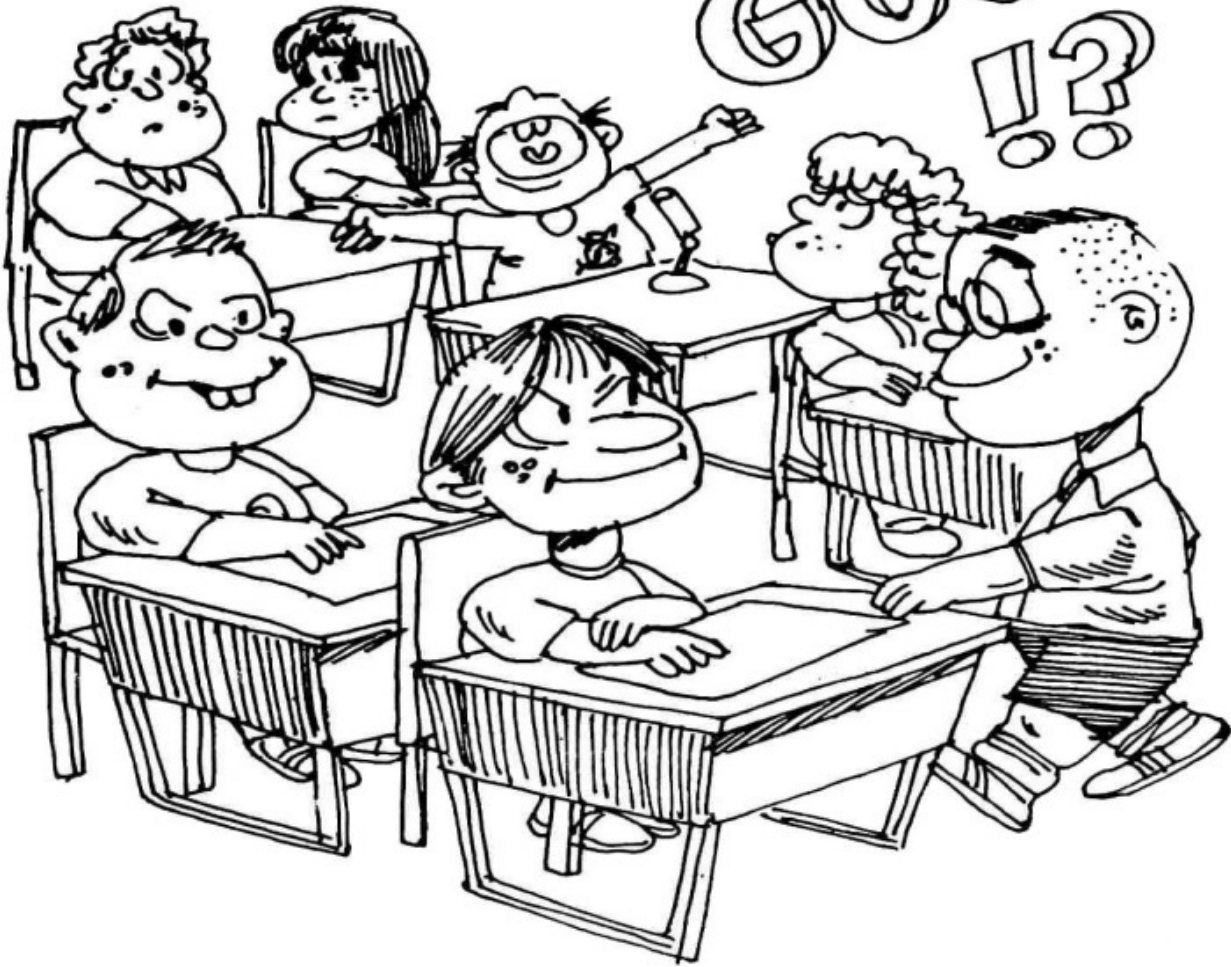
— Posso recolher os mapas para o senhor?

— Pois não, Zé Tavares, muito obrigado.

— É badalão mesmo — cochichou o gordo.

Zé Tavares percorreu a classe coletando as folhas e começou pelo banco do Raimundo.

GOOOOOLL!!  
!?



# Capítulo 21



A próxima aula era de ginástica e a classe foi para os vestiários, um das meninas e outro dos meninos. Os meninos se trocaram e um homem fortão espremido numa camiseta justa entrou no vestiário.

— Pronto, rapazes. Vamos saindo. Hei você, por que não trocou a roupa?

— Sou novo — respondeu o gordo. — Não tenho equipamento.

— Por isso não, faz ginástica vestido; vamos derreter essas banhas — disse o fortão com o ar jovial e a voz enérgica que os esportistas usam.

— Não posso, o médico proibiu, tive meningite.

— Meningite? Ah, desculpe, desculpe. Está dispensado mas quero o atestado médico da próxima vez.

O fortão deu uma disparada e a turma saiu galopando atrás de modo que o gordo ficou sozinho no vestiário. Começou revistando a roupa do Raimundo, puxou os bolsos para fora, bateu calça e camisa para ver se tinha bolso falso, olhou sapato e meia e depois mexeu por ali nas roupas dos outros também. Os meninos tinham parado de correr e agora faziam a ginástica que o fortão mandava — um dois — um dois.

"Vou revistar a carteira do Raimundo" — pensou Bolachão.

Pôs o dedo na boca e entrou no corredor com passo de bocó; das portas fechadas das outras salas saía a misturada das vozes dos professores dando aula. Entrou no segundo ano; o banco do Raimundo ficava perto da janela e o gordo não precisou procurar muito, a lista estava dentro do caderno de português, escrita em letras muito grandes:





"Para hoje sem falta:

20 Pelé

3 Ademir

8 Dias

12 Rivelino

3 Paulo Borges

4 Carlos Alberto

14 Ivair"

"Hum" — pensou Bolachão. "A lista não foi passada ainda. Desconfiei da entrega dos mapas ao Zé Tavares. Tem duas possibilidades, ou ele vai passar a lista depois do recreio ou então não passa e só mostra para o Paulo copiar".

O gordo sentiu um arrepio na espinha de satisfação e de emocionado também porque estava na estrada boa. Mexeu nos cadernos do Paulo para ver se ele tinha copiado a lista. Não tinha. Agora sim que era preciso ter cuidado, se o Raimundo desconfiasse alguma coisinha, suspendia imediatamente o contacto com a fábrica clandestina e voltaria tudo para trás, a fábrica arrumava outro cambista, outro sistema e báu báu. O forte da quadrilha era esse, podiam prender e descobrir cambistas que não os afetava. E aquela Berenice tomara que não fizesse bobagem, no entusiasmo que estava.

— Que está fazendo aí, moço?

Susto bravo que o gordo levou; era o secretário do colégio, um moço de cabelos vermelhos, parado na porta.

— Vim pegar meu lanche — respondeu o gordo. — Me dispensaram da ginástica e tive fome.

— Não leu o regulamento? Só pode entrar na classe com ordem do professor. Vá para o pátio e espere o fim da ginástica lá.

O gordo tinha posto os cadernos do Paulo e do Raimundo onde estavam antes, mas deixara a lista das figurinhas em cima da carteira.

— Depressa, menino!

Bolachão saiu com muita raiva do secretário e por isso foi perneando bem devagar de passinho miúdo para irritá-lo.

"Diabo" — pensou o gordo. "O Raimundo vai ver a lista lá, estraguei tudo".

O secretário acompanhou a andada do gordo com olhar severo e não arredou da porta até que Bolachão atravessou o corredor e saiu no pátio.

O gordo entrou no vestiário, ficou um tempo lá e depois veio sentar num banco para olhar o fim da ginástica. Os meninos faziam exercícios dum lado e as meninas do outro com uma professora. Aquela Berenice era graciosa, os movimentos que fazia dava um gosto bom de ver, levantava os braços e o cabelo escorrido balançava no ombro. O fortão apitou e os alunos foram trocar de roupa.

— Que vem agora? — perguntou Bolachão para o Teófilo.

— É o recreio.

— Vocês voltam na classe antes do recreio?

— Voltamos só para pegar os lanches.

Deu o sinal do recreio e o segundo ano embocou no corredor na contramare das outras classes que vinham direto ao pátio. Entraram na sala vazia e foram catando os lanches.

Bolachão chegou na carteira do Raimundo, esperou que os vizinhos de trás pegassem a merenda e recolocou a lista das figurinhas no caderno de português. Demorou mais um pouco e Raimundo e Paulo entraram na classe gesticulando transtornadamente.

— Que brincadeira besta! Se eu pego o excomungado que deu um nó na minha calça, eu rebento ele!

— Eu também, se rebento! Escondeu meu sapato em cima da porta!

Bolachão fez cara de perturbado mental, chupou o dedo e saiu da classe.



## Capítulo 22



O recreio era aquilo de sempre: uns brincavam de esconde-esconde, outros de pegador, alguns jogavam abafa, uma rodinha metia o pau nos professores e um marmanjo judiava dum magrinho.

Raimundo comeu a merenda, andou por ali, ficou numa rodinha um pouco, conversou com o Teófilo e depois entrou numa conversa com o zelador. Bolachão aproximou-se cautelosamente para tentar ouvir algum pedaço, mas, como um menino pulava o muro, o zelador afastou-se para repreendê-lo.

Berenice veio e disse que por enquanto não observara nenhuma pista. A lancheira dela era dessas tiracolo, comia uns croquetinhos de galinha e ofereceu. O gordo aceitou, é lógico, aceitou um dois e três mas deixou unzinho para ela terminar; o gordo estava grandes delicadezas. Contou o caso da lista e recomendou:

— Olho nele sem parar que é nessas aulas depois do recreio que passa a lista.

O recreio terminou e voltaram à classe para a aula de aritmética; se sentaram e puseram o caderno na carteira. O professor entrou na sala junto com um homem alto, de cabelos amarelos, cara vermelha pimenta, era ele, o *Mister*.

“Xê” — pensou o gordo. “Lá vem o exportado desse Bigue-Bento, pensei que estava muito na frente dele, mas aposto que não viu ainda a lista. Quero só ver a desculpa que arranjou para se meter aqui”.

Seu Fernando subiu no estrado.

— Meus alunos hoje tenho uma novidade boa para vocês em lugar da aula de aritmética. Este senhor aqui é *Sir Robert Shaw*, professor catedrático de geografia da universidade de Edimburgo na Escócia e . .

Foi interrompido por uma salva de palmas que o Zé Tavares puxou de pé em honra homenagem ao ilustre visitante. O *Mister* agradeceu com a cabeça:

— *Thank you boys*.

Seu Fernando continuou:

— *Sir Robert* veio dar quatro aulas sobre a geografia da Escócia e aliás meu encontro com ele foi completamente casual: ontem, quando saía da escola, achei dois pneus do meu carro furados, certamente por essa corja de malandros que infesta a cidade. *Sir Robert* ia passando e, com aquele cavalheirismo próprio dos anglicanos, ajudou-me a trocá-los. Conversa vai conversa vem, disse que era professor e ofereceu-se a vir aqui. Bom, *Sir Robert*, entrego-lhe meus alunos.

"Poxa vida, como é cínico esse *Mister*" — pensou o gordo. "O mais cara de pau que eu já vi".

O escocês subiu no estrado com aquele modo seu desengonçado de Pernalonga e demorou os olhos azuis na classe sem pressa de falar.

— Mim estar felicíssima de falar de minha país para as meninas da Brazil. A senhor Fernando contar que alunos estar muito afiados no geografia. Como mim estar desprevenida e non trazer o mapa, mim pedir que uma dos alunos vir aqui no lousa e desenhar a mapa do Grande Bretanha. Como vocês saber o Grande Bretanha ser formado por quatro países: o Inglaterra, o País de Gales, o Irlanda e o Escócia. Uma das alunos, uma das alunos, yes, aquele gorda simpático do quarta fila que estar chupando o deda, fazer favor de levantar e vir aqui no lousa.

"Esse miserável está querendo me gozar" — pensou Bolachão.

— Mim dizer aquele gorda do quarta fila.

Bolachão se levantou, subiu no estrado, pegou o giz e desenhou uma coisa na lousa muito de má vontade. O *Mister* esperou o gordo terminar.

— Minha amigo, que mim saber isto non ser o Grande Bretanha, para mim isto ser uma ovo de galinha.

Foi um estouro de riso, quaquarecada grande de tremer vidraça; a turma ria. se dobrava na barriga e apontava o mapa e o gordo.

*Mister John* esperou a gargalhada terminar, mandou o gordo sentar e desenhou o mapa, de mão firme.

E começou a falar da Escócia, dos costumes do povo de lá, das músicas, das montanhas, de pedaços interessantes da história do país, naquele português atravessado dele, mas o *Mister* agradava, muita fiúza que ele tinha, e a classe nunca ouviu uma aula tão quieta.

O gordo é que ficou passado, isso não se faz, caçoada com ele, aquele gringo ia pagar. Esqueceu até de vigiar o filho do cambista, mas a Berenice estava olhando.

— Gordinho, cochichou a menina. — Aposto que esse homem também é detetive.

— Biduzona — respondeu o gordo, de mau humor. — Sabe o que você é? Detetive pelo avesso, vive descobrindo detetives, nosso propósito é descobrir os bandidos, não lhe parece?

O *Mister* rematava a aula.

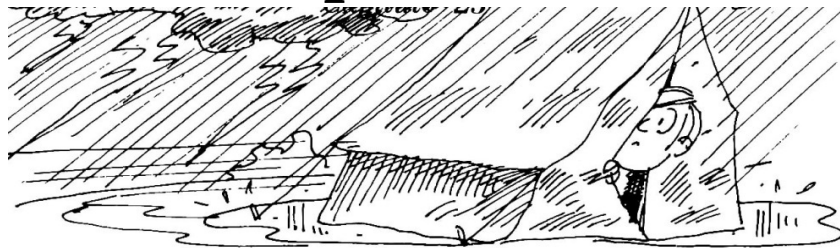
— Mim agradecer *very much* o atençon que vocês me dar.

O sino tocou e os alunos saíram da classe. Bolachão ficou parado na porta e, quando o *Mister* passou, deu um pontapé nele e xingou:

— Cachorrão!



# Capítulo 23



Conforme o rádio de pilha do Pituca havia anunciado veio um chuvão naquela noite. Os meninos se espremeram na tendinha e acenderam o lampião de querosene.

Durante a tarde deram um balanço na investigação, levantaram todas as hipóteses e não atinavam como o Raimundo, que fora espiado pelo gordo e pela Berenice sem parar, poderia ter passado a lista das figurinhas. Parecia mágica. E que tinha passado tinha porque o Pituca recebeu no Largo de São Bento as figurinhas que encomendara ontem. A pedido do gordo, a Berenice saiu da escola com o Paulo, almoçou na casa dele, e depois Bolachão telefonou para a Berenice; ela disse que o Paulo não tinha falado com ninguém e nem se afastado para telefonar. Só falara com ela e mais aquelas conversinhas de hora de almoço com a família. O que Paulo mais falou foi assunto de voltar o namoro e o gordo ficou com ciúme.

Na saída da escola o gordo fez sinal para Edmundo e Pituca que seguiram cada um dos vizinhos de trás da carteira do Raimundo. Depois de fazer o sinal, o gordo ainda voltara na escola, fingiu um ataque de tontura e nesse intervalo, entrou na classe vazia para ver se a lista fora deixada lá, especulou os movimentos do zelador, enfim, a atividade foi muita e o proveito nenhum.

— Estamos diante do crime mais perfeito da história universal da humanidade — sentenciou Pituca, já de noite, quando estavam espremidos na tenda.

— Essa Berenice aí, não sei não — disse Edmundo.

— Eu desconfio do Zé Tavares — observou Pituca.

— Quê — respondeu Edmundo. — Badalo não tem vocação para bandido.

— Para mim o chefe dessa fábrica clandestina é o gerente — continuou Pituca. — Tem um jeito danado de hipócrita.

— O que interessa é o sistema de contacto — disse Edmundo. — O chefe saberemos depois. Como é que aquela lista que o Raimundo leva na bolsa e dentro do caderno de português se evapora e vai parar na fábrica clandestina?

O toró da chuva batia forte na lona da tenda e fazia um barulho de pipoca fritando. O gordo estava calado, pensando, e falou:

— Tenho uma ideia, acho que descobri, hum, ela vai, volta, já pego.

O gordo estava excitado, se levantou e bateu a cabeça na lona da tenda. Edmundo e Pituca foram rápidos e seguraram as cordas senão caía tudo.

— Senta Bolacha! A tenda é feita só para dois, não podemos nos mexer. Que ideia é essa?

— Fugiu — lamentou o gordo. — Tinha cheiro de ser boa, mas nem me lembro mais, depois que o *Mister* debochou de mim, perdi a concentração, não consigo pensar direito, só fico imaginando desaforo pra fazer pra ele. Já inventei uma porção, raça de gringo!

— Mas você já deu um pontapé e xingou de cachorrão.

— É, mas a raiva não passou. Carece de um desaforo muito enorme.

Pituca riu:

— Coitado do gordo, bagunçaram o coreto dele hoje: estava se achando o tutumumbuca e topa primeiro com uma garotinha de oito anos trinta vezes mais inteligente que ele e de remate esbarra no *Mister* que é duzentas.



— E ainda ficou sentimentalzinho — disse Edmundo. — Deve estar um furacão nessa cabeça, o melhor é dar uma camomila para o gordo e cantar nana-neném que amanhã ele acorda sarado.

E meteu o trocadilho:

— Quando viu a cara do gordo chegar, até o Tietê riu.

Pituca achou engraçadíssimo e Edmundo continuou:

— Vamos dar uma última tentativa antes do gordo dormir. Quem sabe pondo mais sangue na cabeça, a ideia que ele tinha começado sai. Plante bananeira, gordo, para o sangue descer no cérebro.

O gordo pôs a cabeça no chão e Edmundo e Pituca pegaram numa perna cada, meio dobradas, para não arriar o teto da cabana.

— Veja, a cabeça do gordo está avermelhando. O sangue está descendo.

— E a perna está ficando branca. Vai dar enchente no cérebro dele.

— Como é Bolacha, chocou a ideia?

— Não, mas inventei um desaforo excelente pro *Mister*. Ele vai ficar fulo. Rá! Rá! Ótimo!

— É, o gordo está bloqueado por um pensamento obsessivo — disse Edmundo.

— Rá! Rá! Excelente, vai se danar! — continuava o gordo.

Nisso a cabeçona do *Mister* desapartou a juntura de duas lonas e surgiu na cabana:

— *Hei boy! Good night.*

— *Mister John!*

O escocês estava de quatro lá fora e só tinha a cabeça molhada dentro da tendilha, o que aumentava a espremeção dos meninos.

— Mim vir fazer as pazes com Bolachon que chamar mim de cachorron — *big dog* — e dar um pontapé no meu canela.

— O senhor também está muito errado seu *Mister*, fez pouco do gordo na frente dos outros.

— Mim gostar de brincadeiras mas ficar arrependida de ver que gorda non compreender o gozaçon e por isso mim vir aqui no cabana pedir desculpas ao gorda e prometer non fazer mais gozaçon com o ele.

A chuva engrossava.

— Minha Deus, que chuva! Meu cara estar aqui no tenda mas o resta da minha corpo estar tomando chuva, mim esquecer o capa no helicóptero. Sim senhor, interessante o posiçon da gorda; em minha país, na Escócia, o gente ter o curioso costume de ficar com o cabeça para o cima e as pés no terra.

— É irrigação cerebral, *Mister* — disse Pituca. — Mas, me diga uma coisa, então o senhor suspeitou da escola? Nós também, mas nos enganamos, era uma pista falsa; descobrimos que o Raimundo não leva a lista das figurinhas para a escola.

— Menina Pituca pensar que mim nascer ontem? Mim estar atrás do cortina quando a Bolachon tirar o lista da caderna de português do Raimundo. Saber até o lista de cor; 20 Pelé, 3 Ademir, 8 Dias, 12 Rivelino, 3 Paulo Borges, 4 Carlos Alberto, 14 Ivair.

— Então já descobriu tudo?

— Non. Estar no mesma ponto que as meninas; faltar saber a momento do contacto e com quem ser feita. Amanhã ser o dia decisiva, mim já fazer alguns observaçons importantes.

— Quais?

— Mim non dizer porque mim non ser ingênua e non querer perder minha título de detetive invicta. Por favor menina Pituca pegar o garrafinha de uísque aqui e pôr no meu boca. Min non conseguir por o braça dentro do tenda.

O escocês escorregou a garrafinha por baixo da lona, Pituca pegou, tirou a rolha e virou um trago na boca do *Mister*, que mandou deleitoso e estalou a língua.

— *Good! Uísque esquentar minha corpo molhado. Agora mim ir embora, good night boys!*

O *Mister* foi e os meninos desviraram o gordo.

— Pois é Bolacha — disse Pituca. — Disse que ia fazer desaforo e mais isso e aquilo com o gringo, ele aparece aí, dando sopa, e você afrouxou, não fez nada.

— Ora — contestou Edmundo. — O *Mister* veio pedir desculpas.

— Hum — disse o gordo.

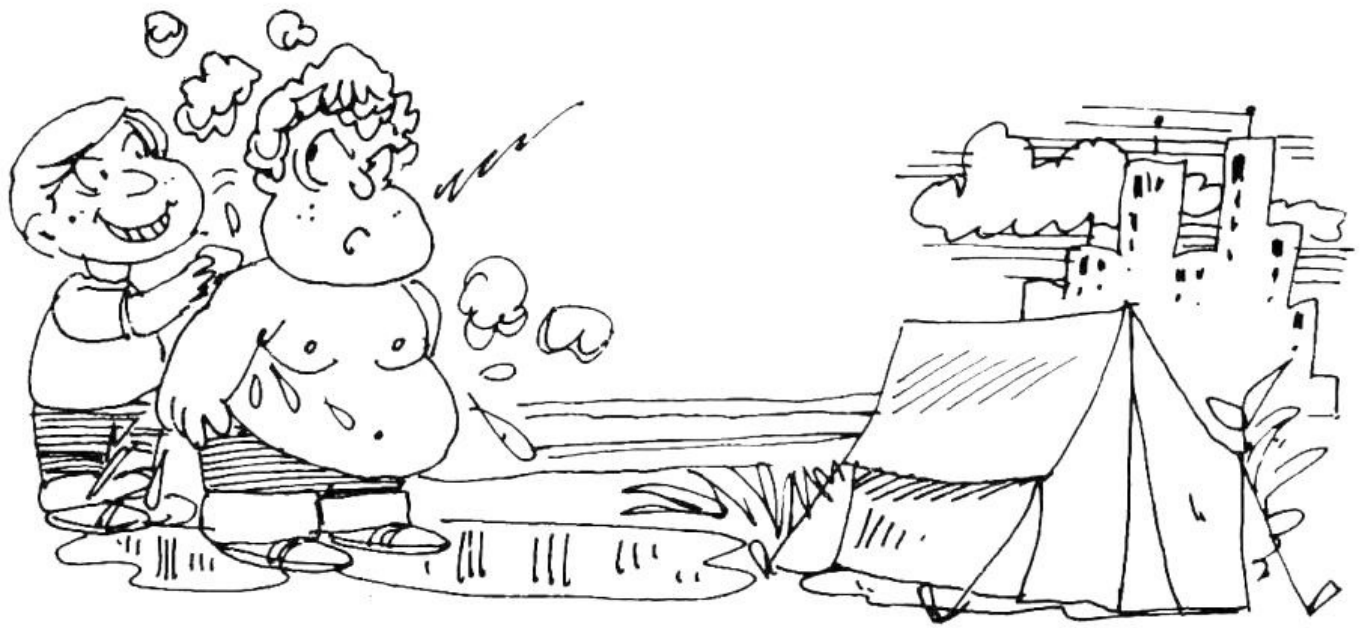
— Bom, vamos dormir.

Se deram boas-noites e apagaram o lampião. Dali a pouco dormiam bem e o gordo pela primeira vez não sonhou com comida e sonhou com mulher.

Demorou um tempo e uma mão grande entrou por baixo da lona tateando mansinho lá dentro. Era o *Mister* que tinha esquecido a garrafinha e veio buscar. Pegou e foi embora.



## Capítulo 24



Amanheceu um dia bonito de primavera paulista; a praiazinha estava cheia de poças d'água e o Tietê tinha subido de nível; passava junto da cabana, barrento e marulhando no capim.

O gordo estava muito disposto sem mais raiva e preparou o leite em pó com Nescafé. Pegou o uniforme da escola e chamou Edmundo:

— Ei, me dá uma limpada; faz quatro dias que não tomo banho.

— Nós também.

— Mas eu sou gordo e transpiro mais.

— Berenice Berenice — brincou Pituca. — O fedegoso quer ficar perfumado para a moreninha. As mulheres influem negativamente sobre a capacidade de percepção dos detetives, perturbam-lhes a intuição e modificam-lhes o ritmo cerebral.

Edmundo catou a garrafinha de álcool e derramou um pouco num pedaço de algodão.

— Está bem, vamos limpar esse gordo. Tira a camisa do pijama, assim, primeiro o pescoço.

— Ai prrrrrr que frio!

— Para quieto aí Bolacha, você que quis. Olha só, estava sujo mesmo, o algodão ficou preto.

— Não precisa esfregar assim. Não pedi para ser lixado.

Agora as costas. Nossa! Como esse gordo é fofo, tem essas bolsinhas de banha penduradas na cintura, a gente passa o algodão e elas mexem todas. Parece tremelique de gelatina. Puxa, quanta sujeira está saindo. Vou limpar esta mancha preta.

— Aiiiiiiii! Isso é verruga seu besta.

— Vire de frente, como é fiteiro o Bolacha. Ô Pituca, venha ver um fenômeno, mas que coisa, o gordo não tem umbigo!

— É mesmo, notável. A banha fechou em volta. Deixa eu por o dedo aí, fuim, olhe como afunda. Está aqui! Achei! Achei o umbigo dele, lá no fundo.

— Vão parar com essa encheção! — protestou o gordo.

— Isso, passamos agora esse bastão desodorante no sovaco e você está pronto para a luta. Hoje é o grande dia, a vitória depende de você. Capricha hein. Bolacha!

Bolachão chegou na escola; as duas primeiras aulas, canto e português, não tiveram novidades; no recreio o gordo se escondeu atrás da cortina mas ninguém entrou na classe.

A terceira aula era a do *Mister* e o escocês foi desenfianando a lábia dele; falava de florestas e esquilos e corridas de trenó. Raimundo levantou o braço:

— Professor, o sol já passou, posso abrir a cortina?

— *Yes*, como non.

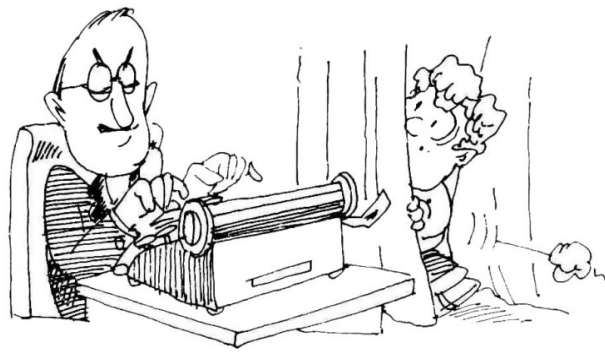
Berenice cutucou o gordo.

— Gordinho, quem fechou essa cortina fui eu. A lista com letras grandes, cortina aberta, isso não te diz nada?

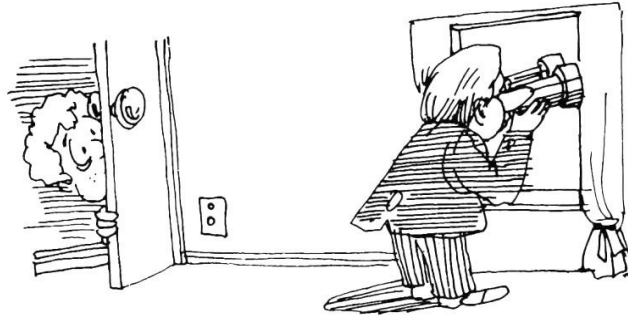
O gordo nem piscou, era esse fiapo de ideia que lhe passara na cabeça ontem. Levantou o braço e pediu para ir lá fora.

— *Yes*, como non.

Bolachão saiu da classe, tomou a direita, passou pela secretaria e saiu na rua. O secretário estava distraído batendo na máquina e não viu. O gordo entrou no jardim da casa do lado, abriu de fininho a porta da cozinha e subiu a escada fazendo apoio no corrimão para deixar o pé leve.



## Capítulo 25



No alto da escada havia uma sala pequena com um sofá e uma mesa de telefone. A sala dava para dois quartos e um banheiro.

O gordo andou de manso até a porta de um quarto e olhou lá dentro. Debruçado na janela estava um senhor de cabelos brancos olhando de binóculo; com a outra mão escrevia num bloco e usava luvas finas de borracha. Na hora que o senhor virou de lado, para escrever, o gordo viu que era muito narigudo.

"É" — pensou o gordo. "O Raimundo põe a lista na carteira e o emissário copia de binóculo. Agora na certa vai mandar as encomendas por aquele telefone ali".

O gordo desceu um pouco a escada, que fazia uma dobra, e sentou-se no degrau.

"Está discando" o telefone, ouço daqui".

— Alô — falou o senhor lá de cima — Galo vermelho-gambá.

"Se anuncia por uma senha" — pensou o gordo.

— Lá vai a encomenda: 15 Pelé, 10 Rildo, 20 Ivair, 5 Rivelino, 6 Servílio. Só.

Houve um silêncio porque o fulano do outro lado da linha falava.

— Precisa de mim chefe? Vou já para aí.

"Opa" — pensou o gordo. "De colher".

Desceu o resto da escada e saiu fora da casa. O gordo abriu a porta do Volks bordo que estava parado no jardim e se embolou no chão do carro atrás do banco do chofer.

"Não dá tempo de avisar o Edmundo e não posso perder esta ocasião, estou na frente do Bigue-Bento".

O senhor entrou no carro, andou uns quinze minutos e parou diante de uma casa. Desceu do Volks e o gordo arriscou uma olhada pelo vidro. O homem entrava num Aeoro-Willys creme lá dentro da garagem da casa.

"Troca de automóvel" — pensou Bolachão.

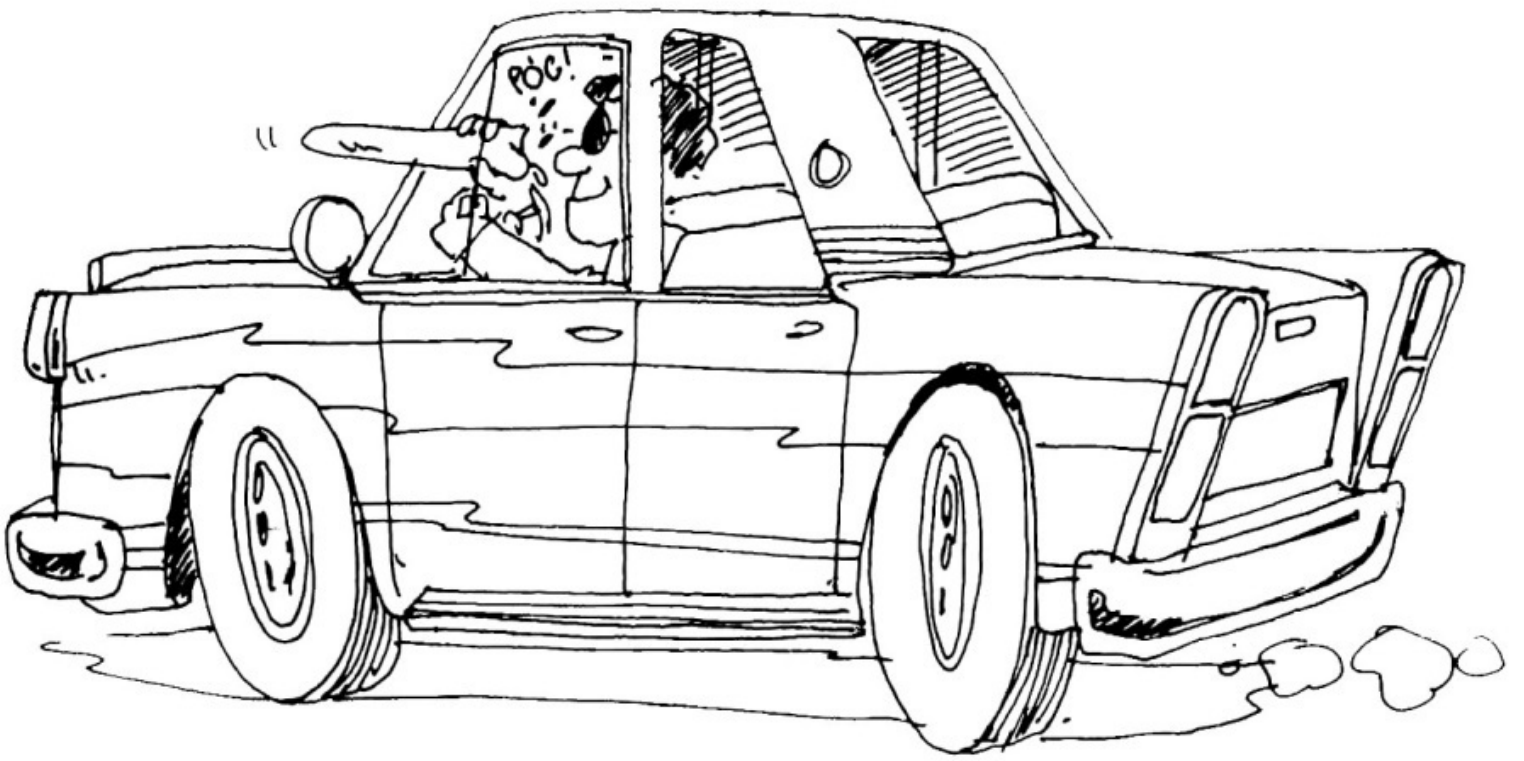
O gordo escapuliu suave do Volks, sem ranger a porta, andou plim-plim até a reentrância do muro e esperou que o cabelo branco trouxesse o Aero para a calçada. Enquanto ele descia do Aero e manobrava o Volks para a garagem, Bolachão se encaramujou no chão do Aero, como antes, só que mais confortável com o espaço maior.

O cabelo branco entrou no Aero, esse pessoal da quadrilha era mesmo do sobe e desce, e ligou o motor. Antes de dar a partida, passou a mão na cabeça e arrancou a cabeleira branca, era uma peruca, e tirou também o nariz pontudo e pôs no bolso. Ficou moreno e de nariz pequeno.

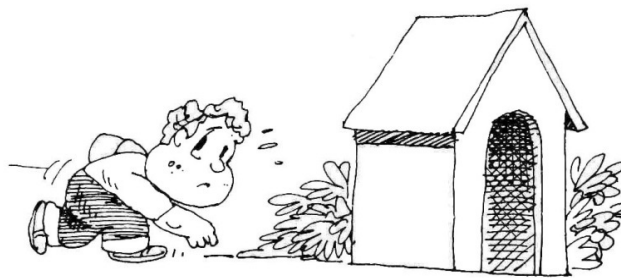
Daí tocou o automóvel pela cidade, num caminho bastante demorado, cantarolando um samba; o gordo é que não podia apreciar a música, ia batucando as banhas no chão do carro e respirando devagar para o bandido não desconfiar.

Finalmente pararam. O homem desceu e chamou alguém.

"Acho que cheguei na fábrica clandestina" — pensou o gordo.



# Capítulo 26



Com as cautelas de um bom detetive o gordo levantou a cabeça e espiou.

O moreno conversava com um que figurava ser empregado ou porteiro. No muro estava a plaqueta com o número da casa: 959. O gordo gravou bem. O homem voltou ao carro, o gordo se entatuzou de novo e o Aero entrou no jardim; o homem desceu e saiu andando na direção da casa.

Era uma fábrica, não havia dúvida, as janelas tinham barras de ferro e os muros eram muito altos. O dono não dava trato no jardim porque a grama estava alta e cheia de matinho parasita no meio. Bolachão buscava um lugar para se esconder; não podia permanecer no carro, o moreno iria voltar, quem sabe com outros passageiros e era arriscado. Sua tarefa estava mais do que cumprida, descobrira a fábrica clandestina e se por enquanto só sabia o número do prédio — 959 — era só escapulir para a rua, ver o nome dela e telefonar para seu Tomé, que mandaria a polícia cercar invadir e prender a quadrilha e o misterioso "gênio do crime".

Mas o portão estava guardado e pular muros altos não é coisa de gordos. Olhou e viu no fundo do terreno uma casa grande de cachorro embaixo duma jabuticabeira.

"Não tem cachorro lá, a casinha está limpa, não tem prato em frente e nem corrente. E, se tivesse cachorro, teria vindo xeretar o Aero quando chegou" — pensou o gordo. "Vou me esconder lá, ai vida maldita que virei bicho de buraco".

Saiu do carro, deu uma corridinha e se enfiou na casa do cachorro que devia ter sido feita para um policial ou algum dessas marcas grandes pois o gordo coube lá malemal mas deu. Resolveu esperar até de noite quando a fábrica fechasse e os operários fossem embora e, como era meio-dia, tinha seis horas pela frente, sem o que comer, só um caramelo de café no bolso.

"Vou comer esse caramelo".

Foi aí que ouviu o toque-toque dos passos dum cachorro e o toque-toque veio chegando mais perto, parou à meia-distância, desconfiado, e no lugar do toque-toque, o gordo começou a ouvir o fuça-fuça dum focinho aspirando o cheiro do chão, que era cheiro de gordo que tomou banho de álcool e passou desodorante no sovaco, e veio seguindo o cheiro até a porta da casinha. Era um colosso dum pastor.

"Tenho que ficar calmo" — pensou Bolachão que entendia de cachorro igual o Edmundo e o Pituca de futebol; lia as revistas e levava o Pirata nas exposições da Água Branca.

"Se o pastor sente medo é que avança; o medo faz o homem transpirar dum cheiro diferente do suor comum e esse cheiro de medo excita o bicho".

O pastorzão pôs o focinho na casa, afastou um pouco, para ajeitar o bote, mas estava com cara de indeciso porque pensava:

"Que bicho-bolinha é esse aí na minha casinha?"

Tinham-lhe ensinado a atacar gente em pé, e bolinha sentada, com cheiro forte de desodorante, confundia-lhe o faro. Mas foi um instante só e a rosnada entre-dentes anunciou que o cachorro preparava-se para o ataque.

"Hum, meu caramelo. Pastor é louco por doce".

Estendeu a mão.

— Xê, bichinho, xê, bichinho.



Falou suave, mas com um pingo de autoridade na voz, como convém.

O bicho abriu a boca e fechou na palma do gordo, mas abocou de manso para retirar o caramelo. Afastou a cabeça de dentro da casa, se virou de lado, e ficou comendo o caramelo em mastigadas carnavalescas que o caramelo era meio do puxa-puxa e se enroscava no dente do cão.

"Lá se foi meu caramelo" — lamentou o gordo. "Diabo de cão-cachorro!"

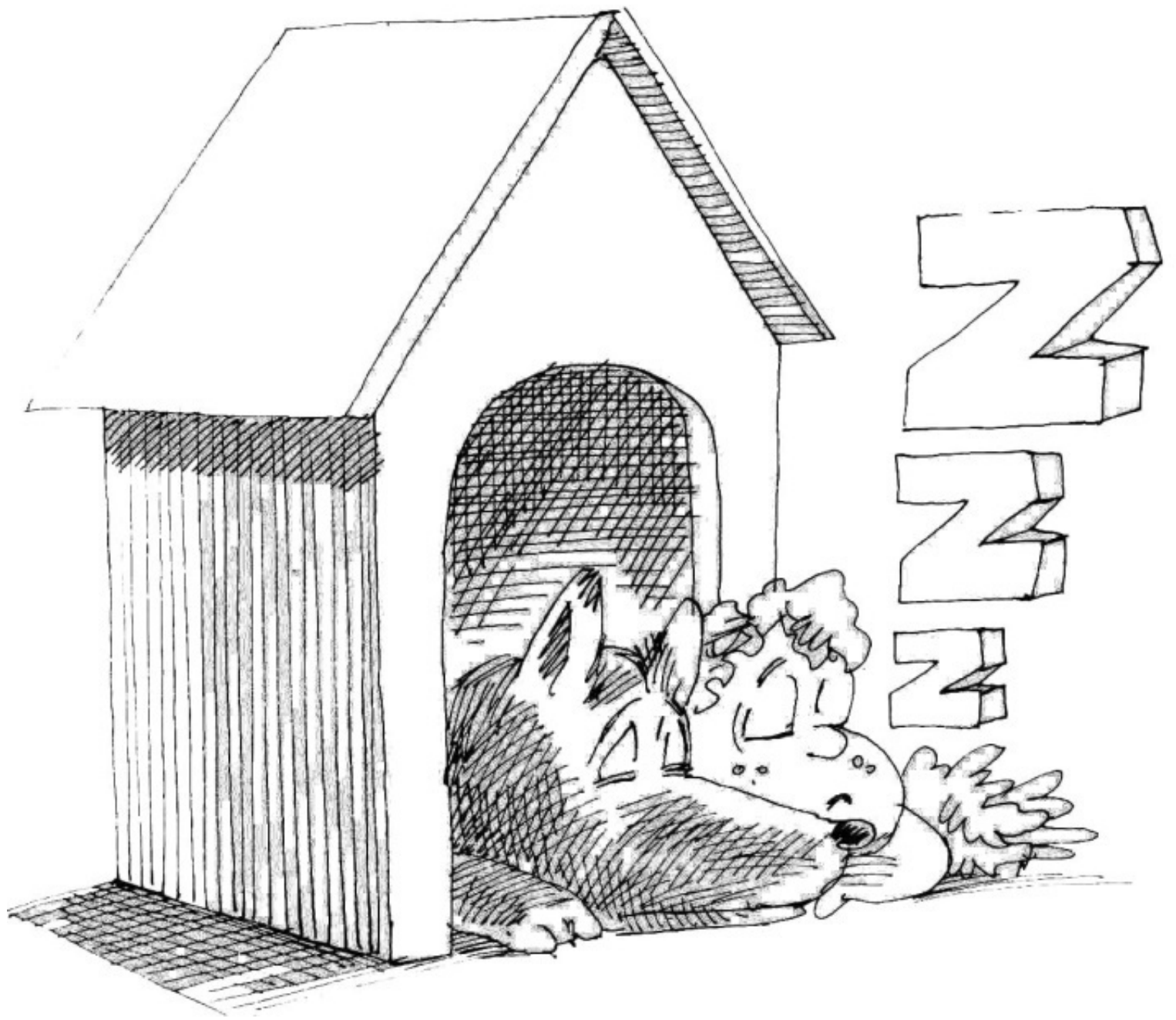
O pastor enfiou de novo a cabeça na casa e lambeu a palma do gordo que coçou-lhe a orelha com a outra mão.

— Xê, bichinho, xê, bichinho.

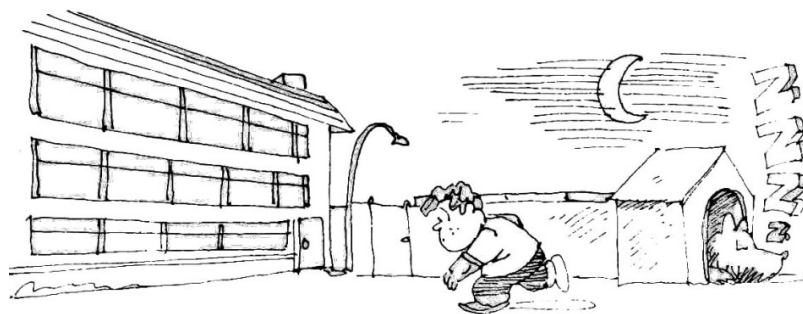
Amigos estavam, e até demais, porque o pastor entrou contentão na casa e quando virou para se endireitar mandou uma costada no gordo que o espremeu lá na parede do fundo.

— Ô nossa amizade, dá um lugarzinho para mim aí — disse o gordo e levantou uma pata traseira do bicho e escorregou as pernas por baixo do corpo dele.

O cão levantou, rodopiou de novo, a casinha tremeu perna-para-lá-rabo-para-cá e por fim cada um se ajeitou do seu gosto particular. Uns passarinhos cantavam na jabuticabeira e brincavam também; o barulhinho embalou o gordo e o gordo dormiu.



# Capítulo 27



Quando o gordo acordou estava um escurão de não se ver nada. Puxou o braço debaixo do pastor e olhou no relógio luminoso: oito e meia. O cachorro dormia embaralhado no gordo, quentinho, respirando de boca aberta.

Bolachão pediu licença e saiu da casinha: na frente do prédio uma lâmpada alumiaava fraco rodeada duma nuvem de bailarinas mariposas dançando aquela volta que nunca acaba porque a noite estava quente.

O porteiro continuava sentado numa cadeira do lado do portão e se via o movimento do pito do cigarro dele.

"Que azar, o porteiro ainda não saiu".

Bolachão atravessou o jardim e foi costeando a parede da fábrica.

"Bom, primeiro vou ver se entro na fábrica para usar o telefone. Se não conseguir, espero o porteiro dormir; esse mocosinho não aguenta a noite inteira de sentinela, não é possível".

Ao lado do portão grande dos carros entrarem, havia um outro menor e mais baixo, suficiente para o gordo pular, se estivesse fechado, e parecia que nem estava. Com o porteiro dormindo, ele saía fácil, mas como estava acordado, resolveu tentar entrar na fábrica.

O gordo deslizou até o fundo do prédio e dobrou a parede lateral; viu uma porta e experimentou a maçaneta — que sorte! — não estava trancada. Empurrou a porta devagar e entrou numa sala que pelo modo de pisar viu que tinha tapete. Tirou do bolso a lanterninha pequena como um tubo de baton e acendeu: a sala comunicava à direita com um escritório e por trás com um grande galpão onde o gordo viu o lusco-fusco de sombras de máquinas e de pacotes grandes. Entrou no escritório e foi direto para a mesa; o telefone estava lá.

"Estou tonto de fome, não consigo pensar direito. Ah, é verdade, o telefone, ótimo. Vou ligar para seu Tomé".

Mas para falar com seu Tomé precisava dar o endereço da fábrica e ele só sabia o número. A fome dava umas ferroadas de cólica no estômago do gordo. Foi remexendo nos papéis da mesa até que deu com um envelope timbrado assim:

*"Fábrica de Tecidos Planeta  
Rua Planeta, 959 — Penha  
São Paulo — Capital"*

"Hum, é aqui, o número confere. Então se disfarçam de fábrica de tecidos, hein?"

Pegou o telefone, tinham decorado o número de seu Tomé, justo para dar o aviso final que ele ia dar agora. Nisso o gordo ouviu o ronco dum automóvel que entrava no jardim; o farol clareou a janela do escritório que dava para a parte lateral e refletiu a persiana na parede.

"Dá tempo" — pensou o gordo e começou a discar os seis números.

O carro parou, aquele barulho de portas, zum-zum dumas vozes e o som de passos pisando no pedregulho.

Bolachão discou os seis números depressa mas sem se afobar muito para não enroscar a ligação. Primeiro toque, segundo toque.

Os passos iam para o fundo e contornavam o prédio: se dirigiam para a porta mesmo que Bolachão entrou. O telefone deu o terceiro toque e atenderam até que enfim.

— Alô.

— Chame seu Tomé, já.

— Quem deseja falar com ele?

— É o Bolacha, depressa!

— Um momento seu Bolacha, vou chamá-lo.

Os passos se aproximaram da porta.

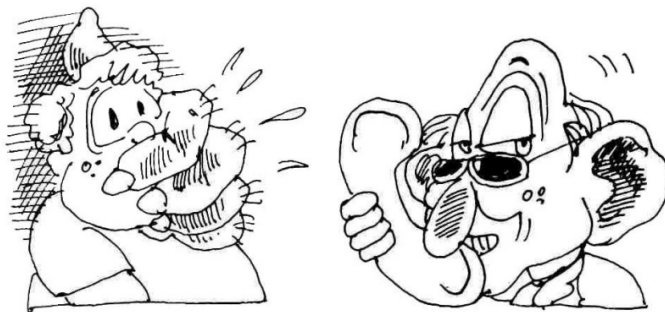
— Alô, aqui fala Tomé; é o bom gordinho? Não imagina a aflição que nós estávamos. Graças a Deus que você chamou, pensei que o tinham matado, meu bom menino.

Falava demais esse seu Tomé e a luz da sala acendeu; surgiram dois homens muito grandes e um velho anão de olhos que olhavam para o gordo. Num átimo de segundo, só pelos ares do pequitito, Bolachão adivinhou que ele era o tal, o pajé, o bonzão do crime. E o gordo não perdeu tempo:

— Seu Tomé. rua Planeta, 959, é a fábrica clandestina.



# Capítulo 28



Foi Bolachão dizer a última palavra e um dos grandões pulou nele e tapou a boca forte. O anão pegou rápido o telefone e disse:

— Seu Tomé, anote bem, a fábrica clandestina fica na rua Veneta, 99.

Bolachão admirou-se porque o que estava ouvindo era a sua própria voz direitinho como era. O anão imitava perfeitamente a voz do gordo.

— Rua Veneta, 99? — disse seu Tomé. — Eu tinha entendido outra coisa. O menino tinha falado rua Pla. . . Pla. . .

— Falei rua Palheta — continuou o anão com a voz do gordo. — Mas é que estava precipitado, o nome mesmo é rua Veneta, ouviu bem seu Tomé? Veneta, 99.

— Sim, anotei, mando a polícia já. O bom menino está bem?

O anão desligou sem responder e seu Tomé não estranhou porque sabia que diálogo com o gordo era conciso assim mesmo.

O grandão destapou a boca do gordo: a presença do chefe dispunha autoridade neles: tinham cara de serem burros e obedientes; um era peludo todo, pelo preto cerrado que chegava até na ponta dos dedos e o outro tinha uma cabeleira grande cheia de cachos.

— Puxa, chefe! — disse o peludão. — O senhor imitou a voz do gordo, hein? Que máximo!

— Meu caro Atlas, desde criança que tenho essa facilidade de remedar — respondeu o anão, e desta vez imitava a voz do peludão.

Os dois grandões riram muito.

— Ninguém pode com o senhor, chefe, cada vez apronta uma maravilha diferente que ninguém não conhecia.

O anão tinha um modo calmo e era muito sério, até ali não tinha nem sorriso. Pegou o telefone e discou:

— Alô, galo-vermelho-gambá, aqui é o chefe. Plano 33, suspenda tudo, não volte para a casa vizinha da escola, não se comunique mais com o cambista. Não há perigo, estamos garantidos.

Desligou o telefone e mandou:

— Levem o gordo para baixo.

Acenderam a luz do galpão grande e entraram; o gordo surpreendeu-se, pensara que as sombras de máquinas e de pacotes eram duma tipografia para imprimir as figurinhas falsas, mas não. Eram máquinas de tecelagem e rolos de pano, não havia sinal de tipografia.

No meio do galpão estava uma máquina maior que as outras e o anão tirou do bolso uma caixinha de couro pequena e apertou um botão amarelo que havia do lado da caixinha. Principiou um barulho ronco de motor e a máquina grande foi se levantando no ar de modo que deixou aparecer um buraco embaixo e do buraco vinha uma luz vermelha que piscava piscava. O que levantava a máquina era um pilar cilíndrico de aço que saía do buraco e ia se esticando para cima. Desceram no buraco por uma escada de cimento.

"Nossa" — pensou o gordo. "Parece a caverna do Ali-Babá. Eu falei eu falei virei bicho de buraco

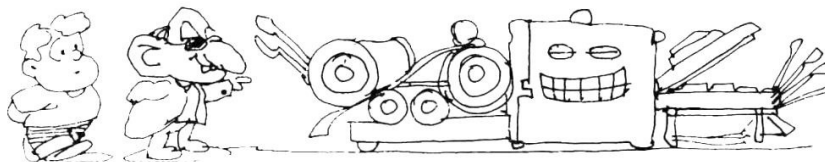
burro de serviço esse de detetive raios-que-o-parta!"

Chegaram embaixo e o chefe apertou um botão verde que a caixinha tinha também: o pilar foi se encolhendo para baixo, a máquina desceu e tapou o buraco. O ronco do motor parou e o pisca-pisca vermelho apagou.

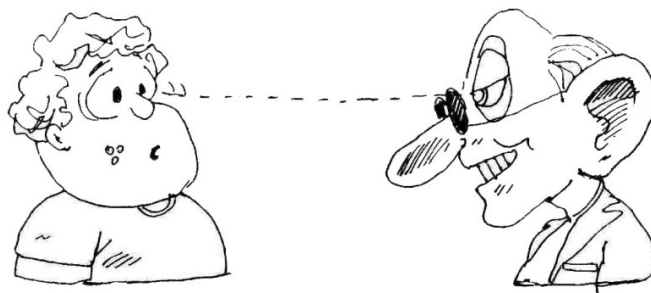
Agora sim o gordo viu que estava numa tipografia: havia duas impressoras, rolos de papel, latas de tinta e pacotes de figurinhas amarrados com barbante.

O anão chegou pertinho do gordo, olhou firme nele e disse:

— Aqui é a fábrica clandestina. Achou o que queria não é seu gordinho abelhudo cara de jaca.



## Capítulo 29



O anão continuava olhando o olho do gordo.

— Sou o dono da fábrica. O peludão chama Atlas e o dos cachos Almeidinha. Tem esse diminutivo porque o velho Almeida, pai dele, era duas vezes maior. Os dois foram campeões de luta-livre antes de trabalharem para mim. E você como chama?

O gordo não respondeu e olhou com ar de pouco caso para o chão.

— Menininho turrão não? Pois fique sabendo que vai morrer. Ninguém vai te descobrir aqui, arquitetei o esconderijo sem falha: o buraco que nós estamos só comunica com o mundo de fora pela máquina que levanta e o mecanismo de elevação está todo aqui embaixo. É comandado pelo controle remoto da caixinha de couro. Lá em cima funciona a Fábrica de Tecidos Planeta, uma fábrica comum, e nenhum dos operários sabe deste buraco aqui; trabalham durante o dia fazendo tecidos como qualquer operário.

"Que azar" — pensou Bolachão. "Em vez de me esconder, podia ter pedido socorro aos operários".

O chefe continuou:

— Imprimimos as figurinhas de noite, os grandões e eu damos conta, a produção não é grande, só fazemos as difíceis.

— Chefe — disse o dos cachos. — Posso quebrar o pescoço do gordinho já?

— Nada de afoitezas Almeidinha. Costumo fazer as coisas perfeitas, sem deixar pistas. Vamos dissolver o gordo num banho de ácido para não deixar traço nenhum. A coisa mais difícil num assassinato não é matar, é esconder o defunto; por mais que se pique e se enterre sempre escapa um ossinho por aí.

— Uai, enterramos aqui mesmo.

— Não. O esconderijo é bom, mas do futuro nunca se sabe. A Prefeitura pode inventar uma

desapropriação, passar uma linha de metrô por aqui, pode haver um terremoto, algum acaso, o acaso é o maior inimigo dos crimes perfeitos, e aí disincavucam um omoplata, uma falanginha, uma falangeta e pronto.

— É mesmo chefe.

— Ponhamos até que a polícia descubra essa toca, eu acho impossível, mas ponhamos, por hipótese. Seremos presos como falsários que dá uma condenação pequena e não como assassinos que é de dez anos para cima. Processo de falsário arruma-se um bom advogado e até absolve. Temos que dissolver o gordo.

— Está certo chefe, a sua ideia alcança.

Entraram num escritório, ao lado da sala de tipografia; o chefe sentou-se numa cadeira atrás da mesa, repleta de papéis, e em cima da cadeira havia quatro almofadas para o anão ficar da altura da mesa.

— Sente-se — ordenou o chefe ao gordo.

Bolachão sentou numa poltrona e os grandões ficaram de pé atrás.

— Conte-me como veio dar aqui.

O gordo não disse nada.

— Estou mandando você contar — falou o chefe.

— Não conto.

— Conta.

— Não conto.

— Já vi — disse o chefe com modo calmo e sem mexer nem a cabeça e nem as mãos. — Você é um filhinho de papai cheio de vontades, gosta de fazer o que quer e está acostumado a não ser contrariado. Teu pai te educou muito mal, seu gordo. Atlas, traga o alicate.

O peludão abriu a estante e pegou o alicate de ponta fina.

— Arranque a unha dele — ordenou o chefe.

Almeidinha segurou forte o gordo. Bolachão quis se livrar mas o grandão tinha mão de pilão e atarrachou o gordo na cadeira. Atlas enfiou o alicate na unha do gordo, a do dedão, apertou e foi puxando para cima.

Dor assim o gordo nunca tinha sentido; a vista escureceu tudo e ele gritou:

— Chega! Eu falo.

O chefe fez um sinal e Almeidinha afrouxou o alicate; o dedo estava inchado e pingava sangue, mas não deu tempo de arrancar fora a unha, só deslocou um pouco.

Bolachão limpou o molhado das lágrimas e disse:

— Para eu contar direito preciso de comer antes; estou perturbado de fome e com cólica na barriga. Não comi nada desde manhãzinha.

— Almeidinha — mandou o chefe — vai no bar da esquina e compra um sanduíche; quero esse gordo bem lúcido para dizer tudinho como veio dar aqui. Houve uma falha na minha organização e preciso conhecê-la.

Aperta botão de caixinha, ronco, pisca vermelho, máquina sobe, máquina desce, o Almeidinha foi e voltou com um mixto caprichado de queijo e presunto. O chefe partiu o sanduíche em dois pedaços e deu uma metade ao gordo.

— Pode comer essa; a outra só ganha depois de contar.

O gordo comeu e contou a investigação. O chefe ouviu com muito interesse, interrompia nuns pedaços, fazia perguntas e escrevia num caderno.

— Sim senhor, seguir pelo avesso; é uma descoberta nova. Ninguém ajudou, você é que encontrou sozinho essa ideia?

— Sim.

— Começo a lhe respeitar. Então contrataram o John Smith? Já o conhecia de nome, prendeu na



Escócia um amigo meu que eu gostava muito. Vamos gordo, continue.

Bolachão terminou de contar.

— Me dá o resto do sanduíche.

— Me dá me dá, olhe como fala; menino mimado acostumado a mandar. Peça por favor.

O gordo ia xingar o chefe dum palavrão mas olhou o alicate na mesa e ficou quieto.

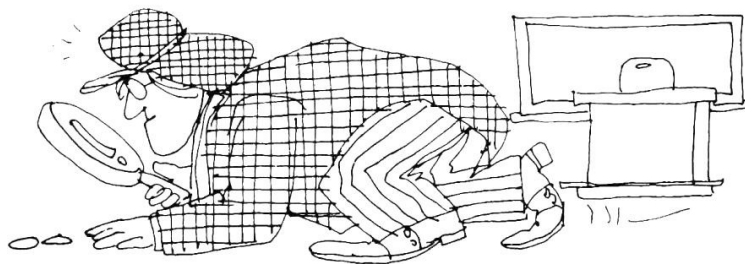
— Orgulhozinho. Então, toma.

O anão jogou o sanduíche no chão, no meio da sala.

— Se quiser comer abaixe e pegue.



## Capítulo 30



Vamos ver o que aconteceu na escola depois que o Bolachão saiu da classe.

Logo que o Raimundo abriu a cortina, o *Mister* também desconfiou, e principiou a fazer o mesmo pensamento que a Berenice fizera. Distraiu-se pelo pedido do gordo para ir lá fora, e, em seguida, para azar do *Mister*, o badalão do Zé Tavares desandou a fazer pergunta:

— Professor, por que na Escócia cai neve e no Brasil não cai?

Era de naná aquele Zé e desarrumava a concentração do pensamento do *Mister*. Foi respondendo maquinalmente enquanto engrenava as ideias.

"O cortina, o lista com letras grandes, o cortina o lista com letras grandes. Ter chaveco aí".

Mas o Zé, embora de natural fosse chato permanente, estava naquele dia de lélé na cuca.

— Professor, por que que lá tem rainha e aqui não tem?

O *Mister* respondia e continuava pensando:

"O cortina estar fechado, ele abrir o cortina, o lista ter letras grandes, enton, enton. .

— Professor, qual é mais forte? A Rússia ou os Estados Unidos?

"Yes, mim matar a problema" — pensou o *Mister*.

Não respondeu ao Zé Tavares e a classe viu o que classe nenhuma do mundo tinha visto antes: o professor desceu pernalongando do estrado e pulou a janela.

Pulou o muro da casa vizinha também e abriu a porta com chave falsa especial, mas chegou tarde porque nessa hora o Volks bordô já estava virando a esquina com o gordo dentro. O escocês revirou a casa inteira e não achou pista que prestasse, nem papel, nem bituca de cigarro, nem fio de cabelo e nem impressão digital, só a dos dedinhos redondos do gordo. Fuçou pela vizinhança, descobriu o endereço do dono da casa e foi lá. O homem disse que tinha alugado a casa para um cabelo branco narigudo e que chamava João da Silva, nome falso, lógico. Outra informação o dono não sabia.

O guarda que dirigia o trânsito defronte à escola disse ao *Mister* que o narigudo usava um Volks bordô e o *Mister* foi no departamento da cidade e copiou numa maquininha de fotocópia a relação de

todos os donos de Volks bordô de São Paulo e tinha mais Volks bordô em São Paulo que João da Silva. O *Mister* sabia que era pista fraca porém o bom detetive não as despreza. Por cima ainda assuntou na rua inteira; açougueiro, donos de bar, pipoqueiro, sorveteiro, lixeiro, carteiro, eletricista e encanador que tinham feito conserto lá mas ninguém sabia nada. Analisou no laboratório embutido, que levava no helicóptero, as poeirinhas do chão da casa. O Jonas classificou-as e grudou num caderno por ordem alfabética, para conferir com outras poeirinhas quando fosse preciso.

Fizeram reunião na fábrica do seu Tomé. O coitado, quando soube que o gordo sumiu, ficou numa aflição grande e estava no ponto de começar a chorar e ter outro ataque dos nervos. O gerente empinou o queixo e falou:

— Eu não disse! Eu disse, eu avisei, ninguém me ouviu; isso não era coisa para crianças. Agora está aí!

— Meu bom gorducho, meu bom menino! — exclamou Tomé. — Deve estar em perigo; você tinha razão, gerente, fui muito egoísta, me aproveitei destas crianças, só pensava em mim, na minha fábrica, nas minhas dores de cabeça. Ah! Como pude fazer isso.

— Calma, seu Tomé — disse Edmundo. — O Bolacha não é bobo, está seguindo o homem e daqui a pouco manda as notícias. O gordo não é trouxa, não o apanharão facilmente.

— Mas se pegam matam — continuou o gerente. — Uma criança, o senhor me ouviu, eu disse, eu disse.

— É mesmo! — choramingou seu Tomé. — Você bem que disse, gerente, e eu não ouvi. Ah, meu gordinho, a vida dele vale mais que minha fábrica, vale mais que tudo; não importa que meu negócio se rebente, quero ficar pobre mendigo de pé no chão se isso for preciso para ter o gordo vivo! Minha Santíssima Trindade!

— Eu disse.

— Senhor gerente — interrompeu o *Mister*. — Mim ser um homem muitíssimo do calmo, mim só perder o meu paciência uma vez no vida com uma bandida espanhol que amarrar mim numa cadeira me dar um tiro do meu barriga e depois jogar um balde de água fervendo no meu cabeça. Mas a senhor estar muito chato, senhor gerente, se a senhor repetir mais uma vez "eu disse" mim dar um tapa no seu cara.

O gerente desempinou um pouco o queixo e respondeu:

— Estou apenas lembrando que tinha razão quando adverti sobre o perigo de meter crianças com bandidos. O senhor está procurando me intimidar com a violência e eu estou argumentando com a razão. A lógica do meu raciocínio é perfeita, só mesmo um louco não entende a verdade do que eu disse: criança em investigação é perigoso, seu Tomé não tinha o direito de deixar, e tanto estava errado que foi tudo escondido dos pais. E os fatos comprovam meu pensamento; o gordo pode até escapar mas corre perigo e não temos direito de pôr os filhos dos outros em risco. Eu argumento com razão, seu *Mister*.

— Senhor gerente, a história do mundo mostrar que os chatos ser bichos muito lógicos e ter sempre razão. Mas a problema fundamental do vida non ser ter razão, a problema fundamental do vida ser non ser chata.

O gerente empalideceu e Edmundo falou:

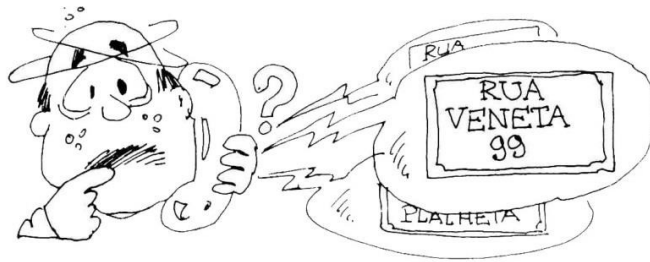
— O importante é sair pela cidade procurando o gordo, isso que interessa agora.

— Sim, ser verdade.

— E eu que faço? — perguntou seu Tomé. — Quero ajudar também mas não sei por onde começar.

— A senhor fica aqui no fábrica. Ser capaz de Bolachon telefonar. Se a gorda telefonar, o senhor apertar o boton desse caixa que eu deixar aqui, que no mesmo hora fazer tocar um campainha que ter no minha paletó. Aí o senhor falar no caixa, que mim ouvir no lugar que mim estiver.

## Capítulo 31



O palpite do *Mister* confirmou-se, e, às nove da noite, seu Tomé recebeu a telefonada do gordo.

Apertou logo o botão que o *Mister* tinha falado e tocou a campainha no paletó do *Mister* na hora que o escocês estava vistoriando uma casa do Ibirapuera onde foi parar por causa duma pista errada. O *Mister* puxou um fiozinho e meteu no ouvido e ouviu seu Tomé dar o endereço: rua Veneta, 99. Procurou a rua Veneta na lista telefônica mas não achou, perguntou daqui dali, porque há ruas que não estão nem na lista e nem no guia da cidade e se convenceu que a rua não existia. Então foi para a fábrica de seu Tomé; Edmundo, Pituca, o gerente e Jonas tinham chegado há pouco, depois de virar a tarde inteira sem achar nada.

— Então a rua não existe? — disse seu Tomé. — O gordinho devia estar alarmado, quem sabe acossado.

Cada um sentou no canto e ficaram pensando. Nisso entrou na sala uma moreninha bonitinha de olho grande preto, pescoço fino e cabelo fino escorrido até o ombro, que era a Berenice.

— Sou a Berenice, vim aqui ajudar a encontrar o Bolachinha.

Só o *Mister* é que a conhecia da classe; Edmundo e Pituca conheciam de ouvir o gordo contar e ficaram admirados dela ser tão resplandecente assim. Pituca contou para Berenice o pé que as coisas estavam e continuaram a pensar.

— Essa ser o única coisa que Bolachon falar? — perguntou o *Mister*.

— Não — respondeu seu Tomé. — Antes disse um nome que não era Veneta, era Palheta.

Toca a procurar em listas e guias a rua Palheta que também não existia.

— Senhor Tomé precisar fazer um esforço e contar tuda que o gorda falar desde a princípio.

Seu Tomé disse que primeiro o gordo falou um nome de rua que ele não lembrava agora bem como era, só sabia que a palavra terminava em eta. O número que o gordo tinha dado no começo parecia maior que 99, devia ter três números, mas seu Tomé só lembrava que acabava em 9. Depois o gordo falou rua Veneta, 99 e ele disse ao gordo que tinha entendido antes outro nome, e o gordo explicou que estava aflito e dissera rua Palheta, mas que o certo era Veneta, 99. E foi só, desligou sem responder a uma pergunta que lhe fizera.

— Gorda dizer que estar aflita. Senhor Tomé sentir afliçon na voz de gorda?

— No começo um pouco, estava sim. Mas depois firmou a voz e acalmou-se.

— Quando que gorda firmar o voz?

— Na hora que falou da rua Veneta e corrigiu o erro.

— Senhor Tomé ter certeza ser o voz de gorda depois que ele firmar o voz?

— Absoluta, era a voz dele. Tenho excelente ouvido, toco piano.

— Non ter dúvida nenhum; gorda falar primeiro o nome e o número certas e depois a bandida tomar a telefone, remedar voz de gorda e, com muito esperteza, falar dois nomes de ruas parecidos, com mesma terminaçõ de palavras e números para fazer un confuson danada no cabeça do senhor Tomé. Como o senhor Tomé ser muito nervosa, o embaralhaçon ficar perfeita.

— Nervoso eu sou, infelizmente, mas que tenho bom ouvido tenho. A voz era do gordo, do princípio ao fim.

— Mim acreditar na sua ouvido e isto querer dizer que a bandida ser um imitador de voz de altíssimo qualidade. Jonas e o gerente ir imediatamente nos estaçons de rádio e televison e trazer mim o

ficha de todos esses camaradas que imitar o voz de cantor e de passarinhas! Dos que trabalhar agora e dos que já trabalhar antes, pode ser uma imitador velha que estar aposentada ou ter largado o rádio. Ir também no polícia perguntar se haver bandidas conhecidas com esse capacidade de remedaçon. Menina gorda correr periga de verdade, estar presa por bandidas. Contar o caso para toda o polícia e avisar os jornais também.

Jonas e o gerente saíram. O *Mister* pegou a lista telefônica grossona e rasgou em cinco pedaços com a facilidade de quem tira uma folha do caderninho. Deu um para Edmundo, um para o Pituca, um para Berenice, outro para seu Tomé e ficou com o último.

— Nós ter trabalho para muitos horas. Cada um anotar todos os ruas terminadas em eta. Mim ter certeza que o fábrica clandestina estar num rua que terminar em eta e o número do casa terminar em 9. Depois nós procurar, o polícia procurar, todos os casas de número final 9 em todos os ruas que acabar em eta.

— Número acima de cem — disse Edmundo. — O número que o gordo falou primeiro tinha três casas. já simplifica um pouco.

O procura-que-te-procura demorou bastante e quando terminaram, de madrugada, estavam cansados. Seu Tomé trouxe um café com leite e pão preto. O *Mister* estava sentado num canto, um pouco afastado dos outros, junto com Pituca, e disse a ele:

— Pelo que vocês contar esse menina Berenice ter um intuiçon grande, saber pegar as coisas no ar. Ser muito bom que ela ficar conosco, poder ajudar a descobrir a gordo.

— Até agora não vi nada — respondeu Pituca. — Só falou boa-tarde-boa-noite e não abriu mais o bico.

— Meu intuiçon de detetive dizer mim que menino Pituca estar com ciúme de gorda.

— Tem umas coisas que não me conformo mesmo, *Mister* — disse Pituca. — Tá certo que o Bolacha é crânio, tem esse monte de inteligência, tá certo; mas feio como ele eu nunca vi, e não só a banha, tem aquele narizinho pequeno, olhinho miúdo, como é possível cair nesta fascinação pelo Bolacha, meu Bolachinha, meu pipinha; não entendo, não entendo! O mundo está errado!

— Realmente, se non existissem gordas, e nem mulheres que gostar de gordas, a mundo seria diferente.

— Mas é demais, não pode. O *Mister*, faça de conta que o senhor é uma menina de oito anos e tem que escolher para namorar entre eu e o Bolacha, para namorar hein, quem é que o senhor escolhia?

— O pergunta ser difícil de responder, mas, se o Berenice ter o minha idade e eu fosse o Berenice, e o Berenice fosse seu Tomé, e ter que escolher para namorar entre a seu Tomé e o gerente, mim preferir seu Tomé.

Seu Tomé serviu o café com leite e o pão preto, o *Mister* se espreguiçou e levantou da cadeira.

— Puxa o vida, nós trabalhar muito hoje: mim estar cansada. Quando o gente estar cansada, uma gole de uísque ser um coisa indispensável.

Puxou a garrafinha e chupou um trago enorme, bem maior que os de antes, porque estava cansado. E o *Mister* deu um urro e começou a cuspir na sala e foi na janela, abriu a janela e continuou cuspendo lá fora.

O gerente e Jonas chegavam naquela hora e o *Mister* urrava e cuspia.

— Minha Deus do Céu, isto non ser uísque, isto ser um coisa muito ruim, isto ter gosto de non saber o quê e queimar mim toda por dentro!

Pituca caiu no tapete rindo, rolava rindo, se esparramava e ria ria ria sem parar.

— Rá! Rá! Rá! Agora eu entendi! Rá! Rá! Rá! A vingança que o Bolacha inventou, o máximo! Rá! Rá! Logo que o senhor saiu da cabana, eu bem vi o gordo mexendo no lampião e derramando querosene dentro duma coisa. Rá! Rá! Ninguém guenta esse gordo! O senhor bebeu querosene. *Mister*.

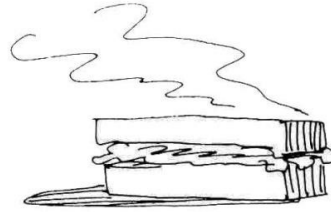
Edmundo e Berenice caíram na gargalhada, e o gerente, que andava com medo do *Mister*, depois do estrilo que levou, virou a cara de lado, para o *Mister* não ver, e ficou com a garganta dando pulinho de boca fechada. Mas seu Tomé também ria, até o Jonas se dobrava, num riso rouco disparado feito metralhadora, e o gerente abriu a boca e soltou a gargalhada.

O *Mister* ficou de pé no meio da sala de nariz torcido.

— Esse gorda ter cado uma.

Olhou para a garrafinha, destorceu o nariz e caiu na gargalhada junto com todo mundo.

## Capítulo 32



O gordo olhava o sanduíche que o chefe jogara no chão e, como era muito orgulhoso, resolveu que não ia pegar. Mas também estava com muita fome.

O chefe disse:

— Abaixar-se para pegar o de comer ou ficar de pé com fome; isto é um problema filosófico, seu gordo, que já deixou muita gente de cabelo branco.

— Podemos principiar o batente? — perguntou o dos cachos.

— Sim, Almeidinha, está na hora. Mas antes revistem o menino, esse gordo é ardiloso, pode ter um transmissor escondido nele.

Almeidinha apalpou Bolachão inteiro e olhou também dentro das orelhas. Achou a lanterninha e um lenço.

— Verifique o sapato, pode ter sola falsa.

Verificou.

— Podem ir trabalhar.

Os grandões foram para a sala das máquinas e logo se ouviu o tuque-tuque das impressoras batendo as figurinhas no papel. O chefe pegou nuns papéis da mesa e começou a escrever.

— Enquanto você pensa no problema, vou aproveitar para pôr em dia minha contabilidade. Mando figurinhas para outras cidades também; a remessa que o Atlas e o Almeidinha estão fazendo é para Santos; o cambista de lá é mais ladino que o daqui, não houve encrenca com ele ainda.

"Acho melhor comer o sanduíche" — pensou o gordo. "A fome não me deixa pensar; de barriga estofada a cabeça funciona e preciso inventar um plano de escapular".

Foi até o meio da sala, se abaixou, pegou o sanduíche e comeu: hum, que coisa, parecia que os poros se abriam e o sangue circulava mais quente na flor da pele. Mastigou devagar e deixou separada a gordurinha branca do presunto para o fim. Esperava que o anão ia caçoa-lo, mas não, continuou escrevendo. Aquele anão, se via que não estava com raiva, ia matar porque precisava, para não estragar o negócio; a morte do gordo não era uma vingança quente, era uma operação comercial.

O anão terminou a escrivinhação, escorregou da cadeira e foi ter com os grandões na sala de máquinas. O gordo chegou na porta e olhou; era como tinha visto na fábrica de seu Tomé. Primeiro pegavam umas folhas grandes de papel branco e passavam embaixo da primeira máquina e saía a cara dos jogadores. Umas quarenta em cada folha. Depois viravam o papel do avesso e punham na outra máquina que imprimia o verso das figurinhas; uma porção de letras miúdas que falava do regulamento do

concurso e dava o endereço da fábrica. Daí levavam a folha para a cortadeira, que cortava o papel em quarenta pedacinhos iguais, retangulares, que eram as figurinhas prontas e acabadas.

— Como é que o chefe vai fazer para dar um banho de ácido no gordo? — perguntou o peludão.

— Deixamo-lo preso aqui até amanhã de noite, o lugar é a prova de som, não haverá problema. Quando voltarmos amanhã, às oito e meia da noite, trarei uma banheira de plástico especial, anticorrosivo, e os vidrinhos de ácido. Fazemos a mistura na banheira e tuchamos o gordo lá dentro. Vai sumir, vão ver.

— Maravilha, chefe! Que pitéu! Não deixará pista.

— Nem os ossos.

— Eta, chefão! Nunca poderão provar que o gordo esteve aqui.

— Por falar em pistas, depois vocês dão uma lavada geral lá em cima; lavem portas, paredes, o telefone, os móveis, a mesa, tudo, o gordo deixou muita impressão digital. Lavem o cachorro também.

— Tá bom chefe.

— E trabalhem depressa; hoje é o último dia de impressão, quero duas mil figurinhas prontas até às cinco da manhã.

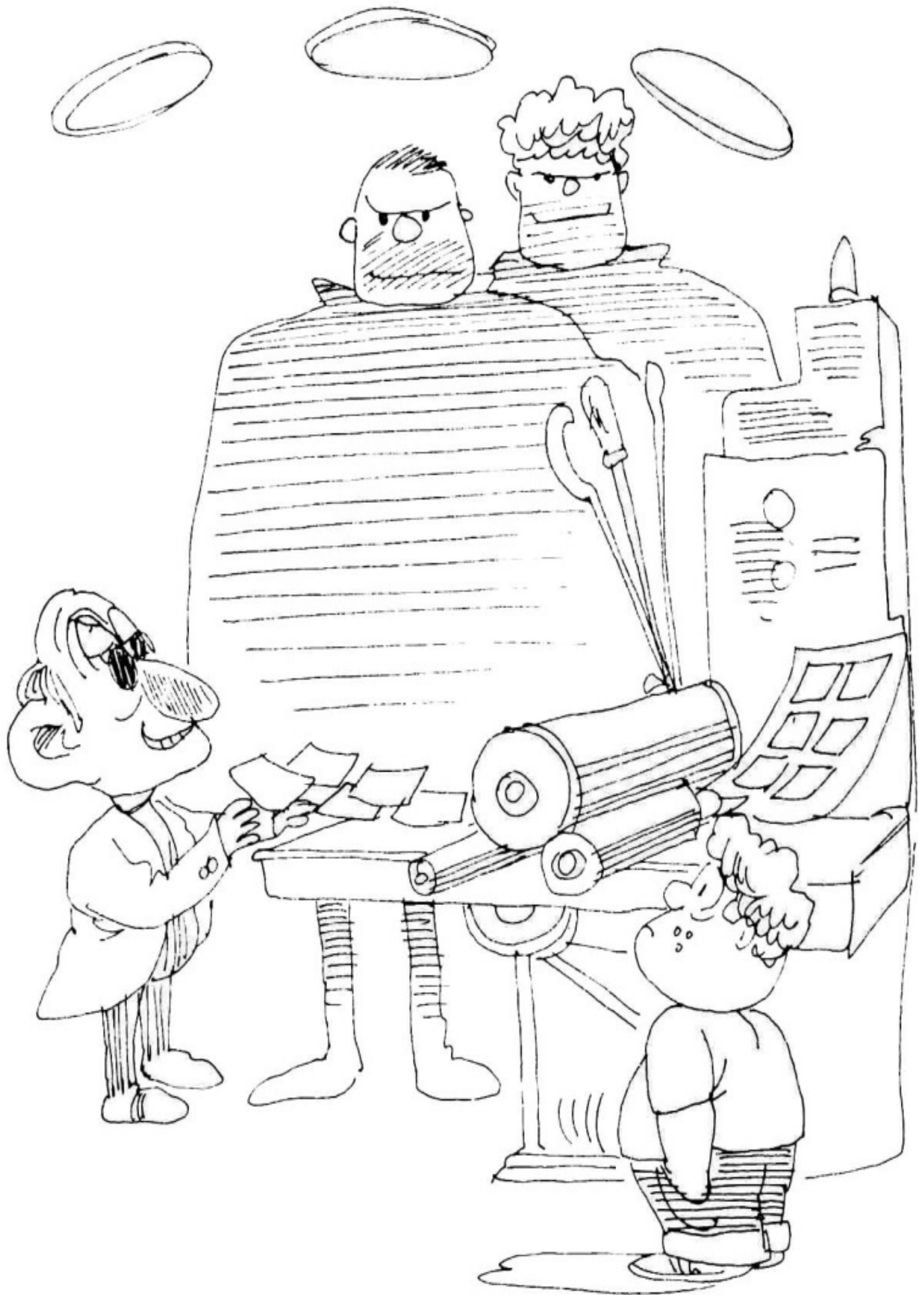
— Duas mil! Que despropósito, chefe!

— Decidi suspender por um mês todo o serviço em São Paulo, vamos nos transferir para Santos e temos que levar um estoque para durar o mês inteiro. Vocês levam de caminhão pela manhã, entregam ao cambista de lá, e voltam aqui me ajudar a dissolver o gordo. Depois fecharemos a fábrica clandestina até o mundo se acalmar.

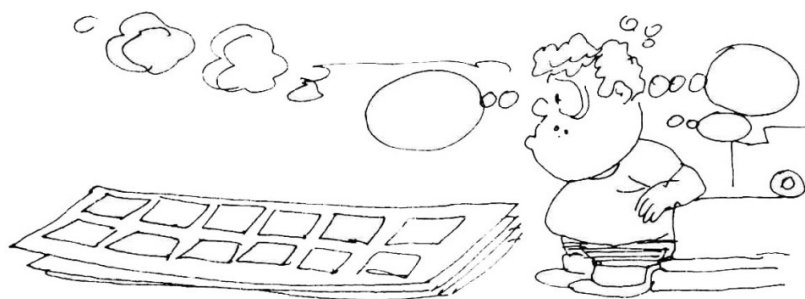
— É meia-noite chefe, vai dar um trabalhão.

— Darei um descanso para vocês comerem à uma e meia.

— Tá bem, chefe.



# Capítulo 33



Bolachão encostou o cotovelo na porta e deixou o pensamento solto porque ideia boa não sai forçada; o primeiro pensamento que saiu foi:

"Gostaria de estar lá na hora que o Bigue-Bento tomou o querosene, deve ter ficado tiririca."

Saiu pensamento de Pirata, da Berenice, do pai e da mãe, do Edmundo e do Pituca e repentinamente o peixe vermelho de uma ideia boa mexeu lá no fundo, pôs a cabeça fora, escapou da grutinha da célula cerebral onde ele morava, filim-filim, aprumou-se para cima e veio subindo.

"Hum, essas figurinhas que vão para Santos".

Era o começo da ideia, e como o gordo viu que era ótima, começou a andar daqui prali conforme seu costume de pensar andando quando é coisa importante: ia até a primeira impressora, dava meia volta, entrava no escritório, parava na mesa do chefe e voltava de novo.

"Se houver um meio de mandar um recado nas figuras, mas como?"

O cérebro do gordo funcionava em alta rotação e até suave pela testa.

"Recado, recado. São duas mil figurinhas que vão para Santos, só uma pequena parte vai ser distribuída amanhã, umas cinquenta a cem no máximo. Se escrevo o recado à mão, além de dar muito na vista, só conseguirei escrever em poucas e terei uma possibilidade muito pequena".

Almeidinha reclamou:

— Chefe, esse paspalho andando que não para, está me dando aflição.

Atlas concordou:

— O seguinte é esse, chefe, eu degolo definitivo ele já. Esse gordinho dá um ódio, tem uma cara de quem se acha grande coisa. Não aguento esse arzinho superior dele! Matamos agora e amanhã dissolvemos o defunto no ácido; não faz diferença não é chefe? Dissolver um morto ou um vivo, tá dissolvido igual.

— Uai para mim tanto faz — disse o chefe. — Quer matá-lo agora pois mate.

O peludo deixou a cortadeira e andou na direção do gordo. Para ele sim isso de matar era divertimento saudável; é o que os psiquiatras chamam de "pôr a agressividade para fora". Grudou o pescoço do gordo e já ia torcer quando o Almeidinha interrompeu:

— Não mata agora não Atlas, estraga a festa de amanhã. Não tem graça nenhuma tacar um morto na banheira que o chefe falou, é como jogar um saco de batata. Tô numa curiosidade mãe para ver esse ácido dissolvente, quero ver o gordo cair vivo ensopado lá dentro presunto mocotó, as bolhas, a mexeção, já imaginou? Vai ser belo.

— É — disse Atlas, largando o gordo e voltando para a cortadeira. — Não tinha pensado nisso, você tem razão.

O gordo cogitou três palavrões e continuou a andar; pensou pensou e deu uma palmada na testa.

— Chefe, o gordo está se agitando. Me dá aflição.

— Cuide do seu trabalho, Almeidinha, temos muito serviço pela frente.

"Hum" — pensou o gordo. "O verso das figurinhas tudo em letras miúdas explicando o regulamento do concurso. Se conseguir mudar os tipos de impressão, poderei mandar um recado. Mas preciso ficar



sozinho. Ah, ótimo, o chefe deu lanche para a uma e meia".

E os grandões continuaram imprimindo e cortando. À uma e meia da madrugada Atlas falou:

— Está na hora da folga chefe. O bar da esquina fecha às duas.

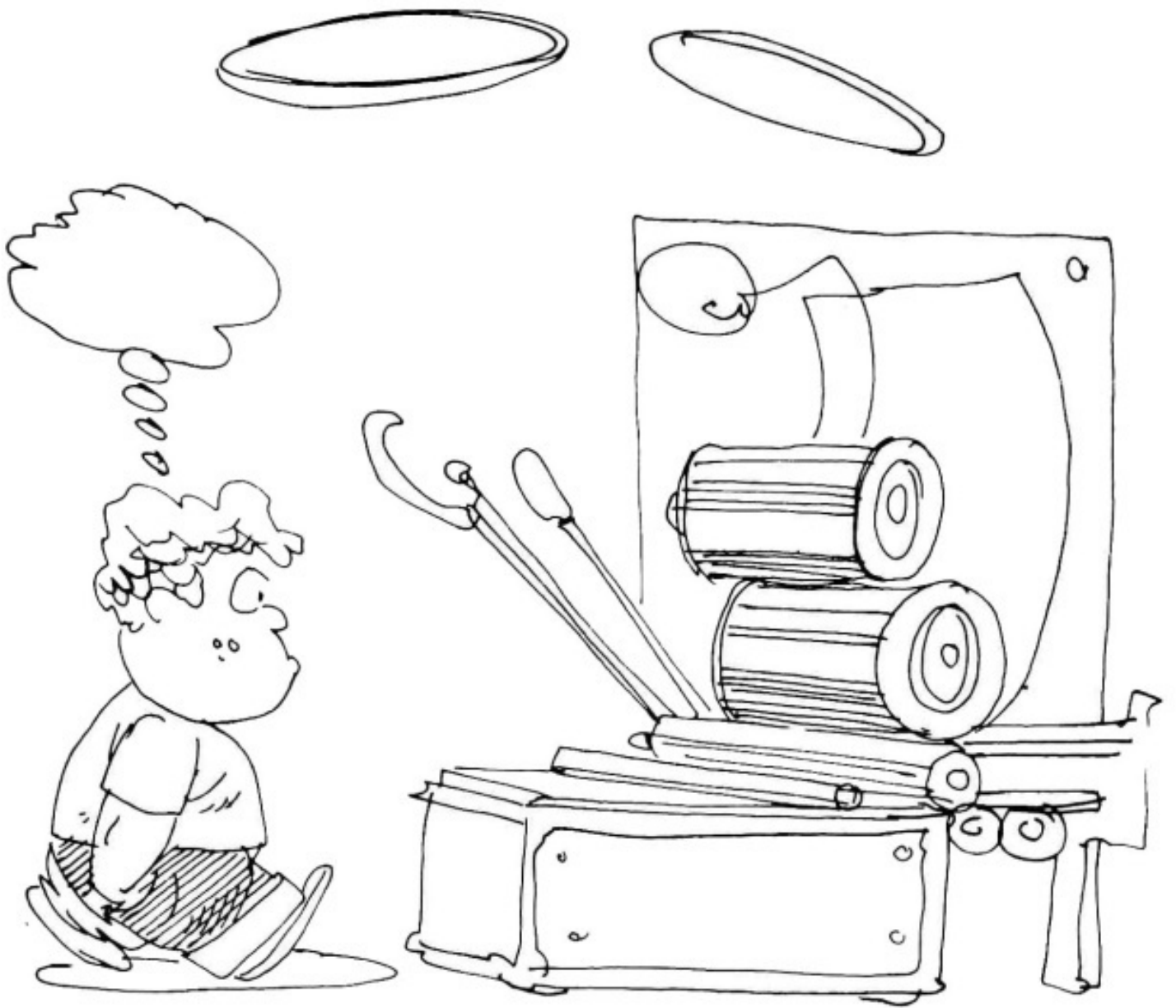
— Vocês merecem, pago uma cerveja e uma pizza.

— Ôba, chefe! Meia muzzarella, meia calabresa.

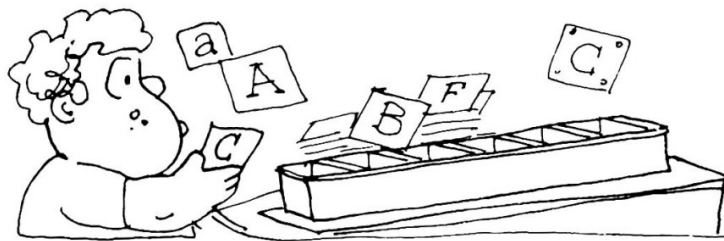
— Depois do lanche, damos a limpada para tirar as impressões digitais que o gordo deixou lá em cima. Limpada perfeita ouviram? Não sei como é que anda esse *Mister*, mas sei que inventaram até um aparelho para denunciar o cheiro das pessoas, capaz dele ter.

O anão desligou as máquinas e só ficou o cheiro de tinta no ar. Caixinha, botão, pisca-vermelho, ronco, subiram a escada de cimento e o buraco fechou-se.

O gordo estava só.



# Capítulo 34



"Vão tomar o lanche e depois fazer a limpeza" — pensou o gordo. "Tenho o meu tempo".

Lembrava das explicações e da demonstração que o operário fez na fábrica de seu Tomé; naquilo prestara atenção; para formar as palavras e frases as letras de chumbo são colocadas num bloco de ferro e depois atarracha-se o conjunto.

Pegou a chave de fenda e desatarrachou o bloco de letras da segunda impressora: ao apertar a chave, sentiu uma puxada de dor na unha do dedão, que estava inchado e roxo, mas prosseguiu. Tirou as letras e botou de lado, sem desmanchar as frases; a caixa de tipos estava junto da máquina: todas as letrinhas do alfabeto, em grande quantidade de cada. Escolheu as que queria, aproveitou uma parte das que estavam antes, formou um novo conjunto e começou a pôr no bloco.

Não era fácil como tinha pensado e apareciam dificuldades, coisas que ele não conhecia, mas o gordo era o gordo, gordíssimo de tal, e coisando e improvisando foi inventando. Só que demorava, tinha que enroscar e desenroscar bastante até achar o roteiro certo e o polegar ia doendo e latejando mais.

"Hum, já estou aqui há uma hora. Será que vai dar tempo?"

O que o gordo estava fazendo era botar um recado de socorro no verso das figurinhas para que saísse assim:

**"Fábrica de Figurinhas Escanteio —**

**O álbum cheio dá direito aos seguintes prêmios: uma bola número — atenção, premio especial, quem mostrar essa figurinha na fábrica ou na agência local ganha uma lancha a motor: Bolachão está no sub-solo da Fábrica de Tecidos Planeta, rua Planeta 959. embaixo da máquina grande do meio do galpão. Vai morrer hoje às oito e meia da noite. Não se aceitam figurinhas rabiscadas ou rasgadas, ainda que só na pontinha.**

**Endereço — São Paulo: rua Santo Ambrósio. 23, Agências: — Santos: rua da Maré. 31: Ribeirão Preto: rua do Café, 28; Campina: rua Vermelha. 81. E boa sorte aos colecionadores."**

O começo e o fim ficaram igual como eram mesmo, o recado entrava no meio, no lugar da lista de prêmios e umas frases que davam recomendações sobre a maneira de colar a figurinha no álbum sem grudar no verso da folha de cima. O gordo teve o cuidado de deixar a composição com o mesmo aspecto: contando o título e o boa sorte final, só havia mesmo quatro parágrafos. E como as letras eram miúdas, era possível que os bandidos não reparassem.

O gordo estava compondo o fim, na parte dos endereços da fábrica e das agências, que era o mais fácil, porque as frases já estavam feitas, bastava colocar no bloco; mas aí se precipitou e quis fazer depressa demais e então relou o dedo inchado numa ponta de ferro. O sangue espremido do inchado deu uma esguichada e começou a pingar; com a dor o gordo puxou o braço e o s do Campinas grudou no melado do sangue, veio junto com o braço e caiu na caixa de tipos.

Lá em cima os bandidos já tinham lanchado e estavam no fim da lavada geral. O gordo amarrou o lenço no dedo, limpou as manchas de sangue e debruçou-se na caixa de tipos; olhou aquele mundão de letrinhas e foi ali direto na direção de um vermelhinho de sangue e puxou um tipo. Era o *r*. Fisgou outro: era o *r*, mais outro: era o *p*, nada do *s*. Pegou uma mãozada de tipos, pôs no chão e foi descartando: a, v, c, a, a, a, t, a

"Pombas, quanto a".

Desembaralhou mais e não achava e aí é que pensou:

"Ô seu Bolacha! Nessas letrinhas quem é que vai reparar se Campinas tem *s*".

Jogou as letras de volta na caixa, enfiou as vermelhinhas de sangue por debaixo de outras sem sangue, terminou o arranjo do bloco e começou a atarrachar.

Pic-Pic — a luz vermelha piscou.

Deu umas parafusadas depressa e terminou. Mas a afobação era muita, o bloco ficou meio bambo e não dava mais tempo para arrumar melhor porque o pilar de aço já levantava a máquina lá em cima. Pegou na estopa, foi para o escritório, jogou-a por trás da estante e deitou no sofá, como quem estava dormindo.

— O menino dormiu chefe.

— Ao trabalho, Almeidinha.

As máquinas começaram sua batida.

— Olhe, chefe, esse bloco está meio solto.

— Também a máquina nunca funcionou tanto. Vou desligar um pouco e você atarracha direito.

Foram trabalhando — piam piam — de meia em meia hora trocavam o bloco da primeira impressora que imprimia a cara dos jogadores. O bloco da segunda não era trocado porque o verso das figurinhas era igual em todas. O chefe ia recebendo as figurinhas prontas e punha em caixas de papelão, amarrando com barbante, aquela calma, os movimentos devagar.

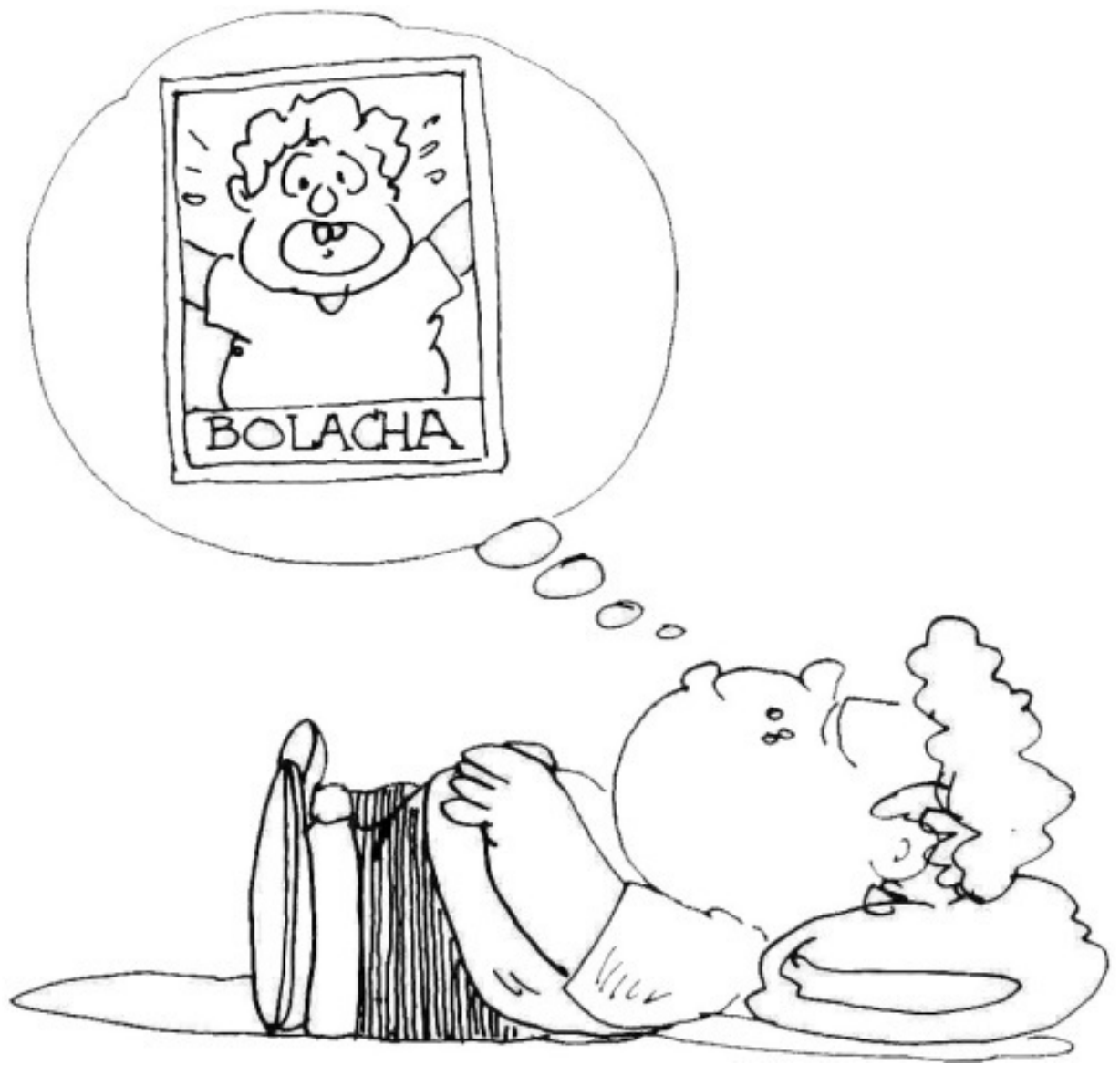
— Cinco horas chefe.

— Puxa, vamos embora, o cambista de Santos precisa começar a vender hoje.

— Peguei umas figurinhas para meu filho chefe; é para encher o quinto álbum dele.

— Assim que eu gosto, Atlas; você é bom pai — disse o chefe dando uma palmadinha na perna do peludão.

Foram embora com as caixas. Bolachão, só lhe restava esperar; todas as figurinhas impressas depois do lanche levavam seu recado, as feitas antes não, mas depois do lanche fizeram mais do dobro que antes, de forma que era provável que a maioria do lote, que o cambista de Santos vendesse, tivesse o recado do gordo.



# Capítulo 35



Na fábrica de figurinhas Escanteio, depois que o *Mister* bebeu o querosene, a madrugada continuou movimentada. O gerente avisou a polícia conforme o *Mister* mandou e todos os remedadores de voz foram presos e suas casas reviradas. Gente que remedava cantor, relincho de cavalo, cuspidada de jacaré, arara, marreco, tudo, e isso não adiantou, que o chefe nunca tinha remedado em rádio ou televisão. Foi é divertido porque juntou o pessoal na delegacia e uns partiram para o deboche e remedavam a voz do delegado chamando o escrivão e os tiras:

— Seu escrivão, urgente, mande uma patrulha para a esquina da São João com Duque de Caxias!

O escrivão lá de baixo ouvia, era a voz do delegado, e mandava. Eram mais de sessenta e, para passar o tempo na fila, antes de ser interrogado, cada um imitava o seu bicho especial, e quem passou em frente ao plantão da polícia pensou que o mato virgem tinha mudado para dentro de lá.

O cambista foi arrancado da cama, levou uma dúzia de pescoções e contou aquilo que sabia e que não ajudava nada e por isso ganhou mais uma dúzia depois.

O pai e a mãe do Bolacha correram para a delegacia e deram aquele chilique de pai-de-filho-raptado que é sempre a mesma coisa. O pai do gordo deu um soco no olho de seu Tomé na porta da delegacia.

No princípio da manhã os jornais saíam com as grandes manchetes:

## POLÍCIA PROCURA MENINO SEQUESTRADO

### GÊNIO DO CRIME RAPTOU BOLACHÃO

#### MENINO DETETIVE NAS GARRAS DE MALFEITORES ESTARÁ AINDA VIVO?

Até o Estado de São Paulo, que sempre põe os crimes em letras pequenas nas páginas interiores, mudou o sistema e botou o retrato do gordo na primeira página, no lugar do noticiário internacional.

O *Mister* havia distribuído aos jornais a relação das ruas acabadas em eta e pedia que os moradores dessas ruas avisassem qualquer coisa de suspeito que vissem nas casas terminadas em 9. Equipes da polícia visitaram os donos de Volks bordô procurando um que fosse narigudo e tivesse cabelos brancos. Sabiam que podia ser disfarce e também revistavam a casa de quem não era narigudo e estiveram na do bandido que levou o gordo de passeio, mas não tinha pista. Todos que compraram ou importaram máquinas tipográficas foram investigados porém o chefe era muito sagaz e havia trazido as suas de contrabando sem serem registradas na alfândega.

Só se falava nisso na cidade e um sujeito que resolvera se suicidar naquele dia, pulando do Viaduto do Chá, teve que adiar para a outra semana porque viu que ninguém ia ligar a mais mínima para a notícia da sua morte. O telefone da polícia não parava: centenas de pessoas diziam que viram um gordinho igual ao da fotografia do jornal; ia-se verificar e não era. Na Barra Funda, o pai dum gordinho que morava no 209 duma rua terminada em eta foi infeliz: o filho cuspiu na cara dele e o pai meteu-lhe o braço na frente da janela. Praquê meu Deus; a casa foi invadida por um populacho feroz que arreventou tudo, pôs fogo na casa e quase que mata o homem, pensando que era o gênio do crime.

Seu Tomé foi na televisão, os canais entraram em rede junto com as rádio-emissoras, e falou:

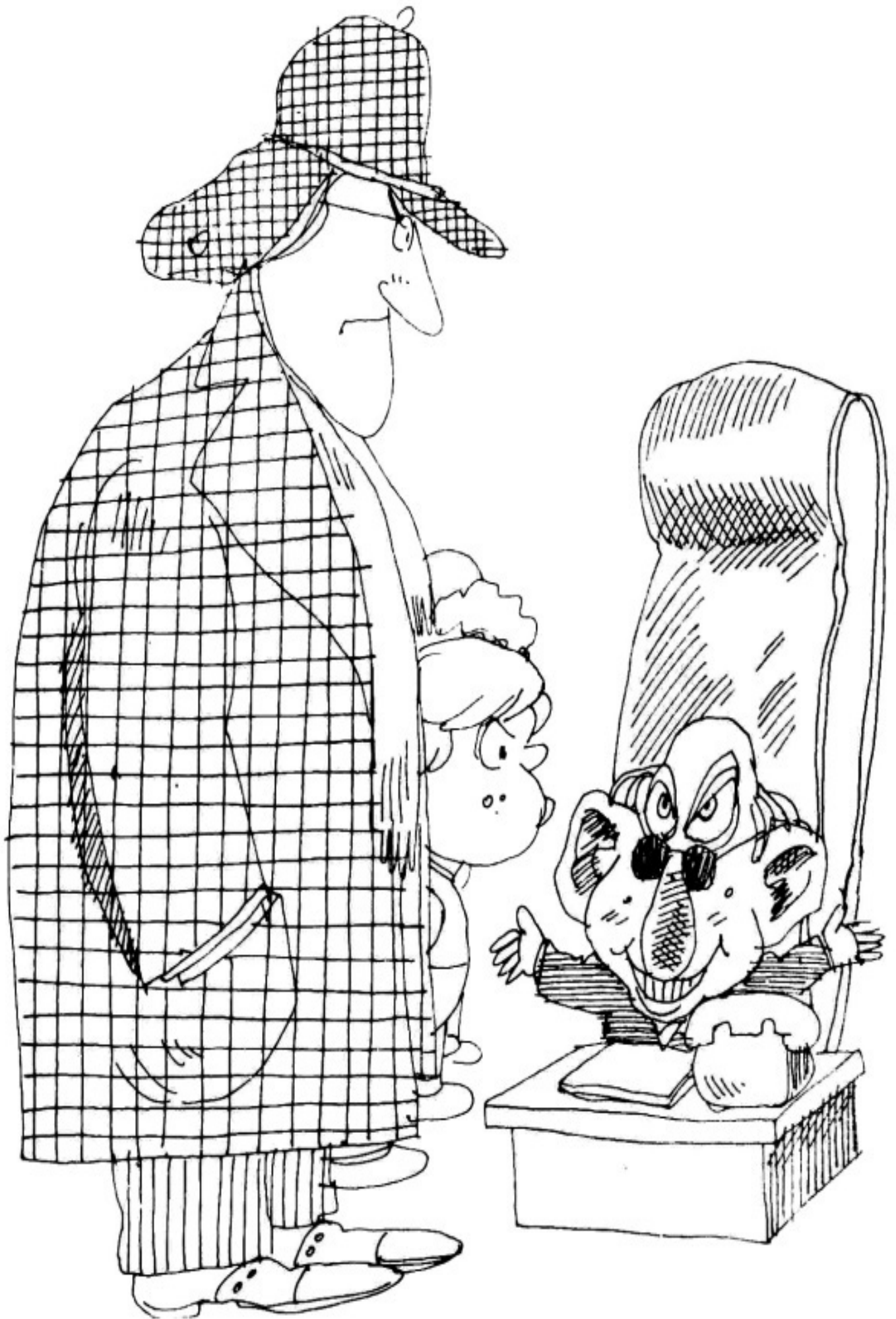
— Os senhores bandidos se estiverem me vendo e ouvindo, pensem nisso: os senhores são bandidos, está certo, mas tiveram um pai e uma mãe, não é possível que não tenham coração. Por favor, soltem o bom gordinho, façam isso e eu juro que não me importo que continuem fazendo as figurinhas falsas, podem fazer à vontade; falsificar não é coisa grave, é mais uma esperteza, uma coisa de habilidade.

A polícia e a população varejavam as ruas em eta e o *Mister* também, montado no helicóptero azul, junto com Edmundo, Pituca, Jonas e Berenice.

À três da tarde desceu na rua Planeta e de 9 em 9 bateu no 959. O porteiro fê-los entrar e levou-os ao escritório do chefe, o de cima, onde o gordo telefonara. O anão estava dando ordens a um operário; olhou para os cinco e disse:

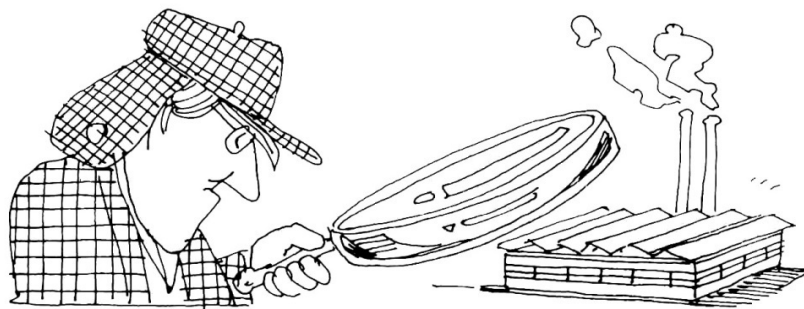
— Pois não, sou o dono da fábrica, em que posso servi-los?

— Mim querer revistar esse fábrica.





# Capítulo 36



— Revistar minha fábrica? — interrogou o anão, e o tom de voz não mostrava nem surpresa e nem falta de surpresa, o anão era muito calmo.

— Mim procurar uma gorda sumida.

— Ah, li no jornal, um tal de Biscoitão não é?

— Bolachão — corrigiu Pituca.

— Bolachão — repetiu o anão. — Sei, sei. Ainda não foi encontrado? A gente não tem mais segurança nessa cidade, o banditismo está campeando; procure o quanto quiser, amigo.

John Smith revistou a fábrica, na melhor cartilha da revistação; virou tudo de perna pro ar, despejou armários e arquivos, procurou passagens falsas, interrogou os operários e examinou muito o telefone, com lente de aumento para ver se tinha impressão digital do gordo. Edmundo, Pituca e Berenice ficaram especulando nos vizinhos e eles contaram que o anão era boa gente e que ninguém na fábrica tinha Volks bordô e nunca tinham visto narigudo de cabelo branco lá. O Mister ainda subiu no telhado e rastejou no jardim, buscando marca de passos ou alguma pista, mas o anão tinha mandado apagar tudo. Os meninos voltaram e acharam graça no Jonas que andava de quatro no jardim, olhando o chão com uma lente de aumento quase do tamanho dele; de vez em quando pegava uma poeirinha e um fiapinho e conferia com as do caderno.

— Ter uma vez que Jonas descobrir uma crime por causa de um poeirinha — explicou o Mister. — Depois de isso Jonas ficar com mania de poeirinhas, ser o especialidade do Jonas.

O Mister entrou no escritório, estava a bagunça, e o anão catava com paciência os papéis que o Mister derrubara das gavetas.

— Non achar nada, agradecer senhor pelo bom vontade.

— Não há de quê. O que é para ajudar os outros eu sempre faço, temos que cooperar ativamente uns com os outros para a edificação de um mundo melhor, o senhor não acha Mister?

O Mister não respondeu, se despediu e saiu. Quando iam passar o portão de fora, a Berenice puxou a calça do Mister.

— Mister, eu olhei bem praquele anão e achei-o com cara de quem tem gordo escondido.

— Com o cara da quê?

— Cara de anão que tem gordo escondido.

— Essa menina é zureta. Qual é a diferença da cara de anão que tem gordo escondido e de anão que não tem?

— Muito grande, anão que tem gordo escondido tem cara de anão que tem, e anão que não tem gordo escondido tem cara de anão que não tem.

O Mister respeitava a percepção de Berenice e por isso voltou atrás e entrou de novo no escritório do anão.

— Senhor desculpar meu teimosia. Quer fazer o favor de dar sua paletó para mim revistar?

O anão nem franziu a testa, tirou o paletó e deu ao Mister. O escocês despejou os terecos tudo que havia, caneta, comprimido para dor de cabeça, caderninho de notas, numerada do Pacaembu, e examinou.

Leu o caderninho de notas inteiro e não achou nada. Ficou parado três minutos olhando para o anão para ver se o achava com cara de gordo escondido e o anão na maior calma nem te ligo. Então pegou e rasgou o paletó do anão em seis tiras para ver se tinha fundo falso; não tinha.

— Senhor querer favor de vir aqui junto do mim? Mim revistar o bolso do seu calça.

— Minha calça? Isto é uma humilhação, o senhor está pelos exageros, já virou minha fábrica do avesso, rasgou meu paletó, não reclamei, mas já passou da conta! Não deixo, o senhor está mangando comigo!

— Non mango e non jabutico; mim pedir por favor primeira. Agora mim revistar sem favor.

O Mister espichou o braço por cima da mesa, guindastou o anão no ar, depositou-o deitado na mesa e puxou fora os bolsos da calça. Achou só uma carta dentro dum envelope e abriu o envelope e começou a ler a carta. Dessa vez a calma do anão saiu fora de centro, principiou a bufar e a gritar:

— Não leia esta carta, é uma barbaridade, não pode, não pode. É assunto íntimo, o senhor não tem direito, é carta da minha namorada!

O Mister deu uma piscada de olho-que-ri para o anão:

— Mim saber guardar segredinhas, mim non contar nada.

E leu até o fim. Não é que aquele anão velho tinha mesmo namorada! Tem gosto pra tudo nesse mundo e a namorada estava muito apaixonada e escrevia de mel para o anão. O Mister dobrou direitinho com respeito que se deve e devolveu. Nessa hora o Jonas invadiu o escritório, com cara de iluminado, tinha um fiapinho na mão e mostrou ao Mister que o fiapinho conferia com o que estava no caderno, dos que ele pegou na casa vizinha à escola. O Mister agarrou a lente, olhou um e um, e riu:

— Ah! Jonas, esta mania de fiapinhos! Ser dois fiapinhos do minha paletó, um que cair no casa de lá e outra que cair agora, quando mim rastejar no jardim. Este Jonas vai acabar com fiapinha no cabeça.

Se despediram de novo do anão e o Jonas ficou sem graça e se despediu também.

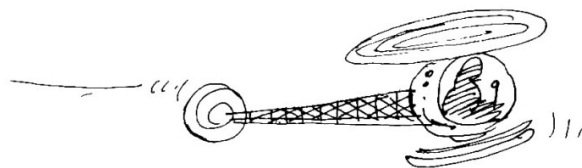
— Saludos amigos.

Montaram de novo no helicóptero.

— Non ver nada de suspeita neste fábrica, non ter lugar para tipografia, os operários ser operários de verdade, pessoas simples, e mim usar toda o meu capacidade de investigaçon; se gorda estivesse aí, mim ter descoberto algum pista. Como este ser o último número nove deste rua, nós ir agora ao próxima.

— É a rua Antonieta — disse Edmundo.

O helicóptero pulou e foi.



## Capítulo 37



Bolachão passou o dia no buraco, esperando que algum menino de Santos lesse seu recado e o socorro viesse e nem imaginou que o Mister e seus amigos andaram passeando em cima da cabeça dele.

Às oito e meia pontual a luz piscou e o alçapão abriu: Atlas desceu na frente com a banheira de

plástico debaixo do braço.

— Boa noite gordo — disse o chefe. — Os jornais só falam de você, olhe.

Jogou um jornal para o gordo, que lei as reportagens e viu seu retrato na primeira página: era uma fotografia, tirada pelo pai, no Natal, junto do Pirata; no fundo aparecia um pedaço da perna de Edmundo. O pilar encolheu e a máquina de tecelagem fechou o alçapão.

— Estás consagrado — falou o chefe. — Só se conversa de você em São Paulo.

— É mesmo chefe — disse Almeidinha. — Foi bom o senhor ter resolvido não entregar as figurinhas de Santos.

— Não foram entregues em Santos? — perguntou o gordo.

— Uai, por que tanto interesse? Não foram mesmo, nem em Santos nem em lugar nenhum, deixei tudo no depósito. Logo que li o jornal de manhã, vi que a coisa foi mais longe que eu esperava, deu saracutico coletivo no povo, ia ser perigoso mexer com figuras, mesmo em Santos. E as estradas podiam estar bloqueadas. Vou suspender o negócio por um bom tempo.

"Que burrice de espalharem o caso nos jornais" — pensou o gordo. "Agora não tem jeito vou ser dissolvido, bela droga!"

Lá na Fábrica de Figurinhas Escanteio, o Mister jantava com seu Tomé, Edmundo, Pituca, Berenice, o gerente e Jonas, e comiam com ar desanimado, sem fome, porque estavam tristes de não ter achado pista nenhuma.

Atlas botou a banheira no meio da sala das impressoras, Almeidinha ligou um tubo de borracha na torneira e foram enchendo a banheira d'água. O gordo ficou espionando o barulhinho da água encher e pensou na Berenice que queria namorar com ele; o gordo não sabia bem como é que se fazia para namorar, mas com a Berenice devia ser bom e não ia mais poder.

— A banheira está cheia, chefe.

O anão trouxe uns vidrinhos pequenos e deu aos grandões. Depois tirou um papel do bolso.

— Vou ler a receita e vocês vão pondo.

— Perfeitamente chefe.

— Meio vidro de ácido dissolvente azul.

— Já foi chefe — falou Atlas, e virou meio vidro na banheira.

A água ficou azul clara e soltou muitas bolhas.

— Puxa chefe! Viu as bolhas? Que pomposo, parece sal de fruta.

— Um vidro de ácido dissolvente vermelho.

Almeidinha entornou e saiu da banheira uma fumaça forte que esparramou na sala uma neblina fedida e vermelha que deu tosse nos quatro.

— Ligue o exaustor — mandou o chefe.

O exaustor aspirou a neblina e fez o ar circular na sala.

— Quatro gotas de ácido corrosivo 77. Cuidado, é fortíssimo; se põe uma gota a mais, explode tudo aqui.

— Não tenho coragem chefe, ponha o senhor; minha mão é muito grossa para pingar gotinha.

O anão pegou o conta-gotas, mergulhou no vidro com muito cuidado e pingou quatro gotinhas marrons na banheira. Cada gota que caía chispava ziguezague feito buscapé-peixe-louco no meio da água e fazia fuim-fuim.

O chefe explicou:

— Este ácido é para dissolver os ossos; foi inventado recentemente.

Com a junção dos preparados o líquido principiou a ferver na banheira dando umas apitadinhas e pondo fumacinha, menos que a neblina vermelha de antes, uma fumacinha pequena e sem cheiro. O azul, o vermelho e o marrom se misturavam, tinha hora que ficava mais marrom, outra mais vermelho, e os grandões ficaram com medo e recuaram.

— Caramba chefe, que receita do diabo! Isso aí vai estourar nós tudo!

De supetão a banheira quietou e o líquido ficou claro, calmo e transparente como uma água qualquer. Não se via cor nenhuma.

— Pronto — explicou o chefe. — A mistura está no ponto, os elétrons dos átomos de uns já se acasalaram nas órbitas carecentes dos átomos dos outros.

— Que é isso de elétron, chefe?

— Coisas elementares de química, Atlas. Não adianta explicar que você não entende e nem é hora. Traga a cobaia.

Almeidinha trouxe um gato bonitinho pendurado na pelanca do pescoço e jogou na banheira.

— Incrível chefe! O gato está sumindo!

Atlas e Almeidinha davam pulos entusiasmados, mexiam os braços e riam de olho arregalado.

— Está sumindo chefe. Está sumindo, está sumindo, está sumindo.

— Sumiu.

E era mesmo, o tal preparado evaporou com o gato sem mio nem pio e a água da banheira continuou clarinha e sem sujo nenhum, com jeito de água pura da fonte.

— Estão vendo — disse o chefe. — O gato foi dissolvido; o ácido dividiu o corpo dele em milhões e bilhões de partículas tão pequenas que nem de microscópio dá para ver e os átomos das partículas do gato se incorporaram aos átomos do ácido.

— Pela madrugada! Chefe, nunca me diverti tanto!

— Tratemos do peralvilho agora.

Os grandões pegaram Bolachão um por cada braço e arrastaram o gordo até a banheira.

— Olha a cara dele chefe; está branco de medo.

— E o lábio está tremendo, perdeu a dignidade, pensei que fosse mais machão.

## Capítulo 38



O Peludão e o dos cachos seguravam o gordo na frente da banheira.

— Podemos jogá-lo, chefe?

— Joguem e pulem para trás; atenção aos respingos! Uma gota dessas dá para cegar ou fazer queimadura muito grave.

— Lá vai, chefe!

Pum! Escapum! Pum! Pum!

Voou pedacinho de pedrinha para todo lado e a sala se encheu duma poeira fina de cimento esmigalhado e pó de estuque. Era uma explosão que tinha aberto um buraco no teto; todos coçaram os olhos e Bolachão viu a cabeça amarela espiando lá de cima.

John Smith Peter Tony, escocês de nascimento e detetive de profissão, se disincorporou do teto e caiu de bom estilo, um pé na cara de Atlas e um na cara do Almeidinha, que tombaram para trás soltando o gordo.

— *Good night* Bolachon. Mim estar aqui.

— Cuidado a banheira Mister! Tem ácido dissolvente.

— Mim conhecer pelo cheira. Ser o ácida 77.

Os grandões já vinham ferozes para cima do Mister, e vou te contar, luta como essa nunca teve e nunca terá: era soco, cabeçada, mordida, dentada, rasteira, cotovelada, joelhada, karatê, judoca, rabo-de-arraia, beliscão, barrigada, chave-de-perna, gravata, fura-olho, pé-de-ouvido, upercute, sanduíche, unhada, pescoção, cama-de-gato, coice-de-mula, capoeira-do-pastinha, trança-pé, paulistinha e daí para mais.

O dinamite do Mister estragou a luz vermelha que disparou piscando forte sem parar vermelhando o pega e só faltava o diabo descer ali de corpo presente praquilo virar o inferno inteirado. O gordo ativamente pegou do chão um fio velho da impressora que tinha sido trocado e jogado no chão, e como estava descascado na ponta, Bolachão ligou na tomada e botou-se no meio da sala, segurando a ponta de cá, pertinho do descascado. O Mister já estava com quatro cachos do Almeidinha na mão e despejou um sopapo no Atlas que veio de ropodio, cai não cai, derrapou capotou e pranchou no chão junto do gordo. O gordo tuchou o fio no túnel da orelha do grandão e o fio escorregou bem que tinha muita cera e deu lá no fundo o relâmpado dum curto-circuito que alumiu de amarelo o gigante todo e os pelos dele ficaram retos de pé igual porco-espinho. Mas era um grandão resistente porque ainda se levantou largando fumaça pelas orelhas e continuou a brigar com o Mister.

E o chefe? Não ficou parado, vinha do escritório trazendo um revorvão e, como era calmo, descansou o braço na beira da máquina para fazer a pontaria certinha na cabeça do Mister. O gordo viu e veio puxando o fio até ali e encostou a pontinha descascada no cano do revólver: ixi faísca! as lentes dos óculos ficaram preto-carvão e a pele do chefe assumiu um colorido de frango assado. O gordo descontou o completo troco todo da raiva engasgada, coitado do anão: era três choques e um beliscão, três choques e uma mordida na nuca, três choques e uma joelhada na boca, três choques e, quando o anão pensava que vinha uma bordoadada diferente, o gordo dava um quarto de surpresa, para variar. E acompanhava falando:

— Quem é que é filhinho de papai hein, seu nanico toquinho piolho pulguinha pixote caquinho micróbio tampinha!

Edmundo, Pituca, Jonas e Berenice apontaram no buraco do teto.

— Ei, Bolacha! Guenta a mão aí que a polícia está chegando.

Pularam dentro da sala.

O Mister estava cansado e peludão agarrou-lhe um golpe no pescoço e começou a bater com a cabeça do escocês na impressora; em cada batida a sala tremia e as letrinhas de chumbo pulavam. Almeidinha aproveitou, veio por trás do gordo e levantou-o no ar.

— Gordo arrenegado! Estragou nossa vida. Pelo menos vou ter a satisfação de dissolvê-lo.

E dali mesmo onde estava, fez pontaria de basquete, rodopiou o pacote do gordo lá em cima, dobrou um pouco os joelhos e zum! arremessou Bolachão, que o gordo foi pelo ar e era para encestar direitinho.

— Acode o Bolacha, Mister! — gritou Edmundo.

Foi um arremesso de curva, Bolachão subiu e agora descia reto no ácido.

"Hum, vou ser dissolvido".

Mas o Mister se livrou do peludão e se jogou no ar muito Gilmar todo espichado e quando o Bolacha estava a dois centímetros do ácido o Mister passou voando e com a pontinha dos dedos do braço esticado deu um peteleco no gordo e desviou-o para trás da banheira; o gordo caiu rolando no chão.

— Olha só! O Mister pôs o Bolacha a escanteio!

O Mister se levantou do espetacular mergulho e o olho dele estava olhando dum jeito diferente que os meninos ainda não tinham visto.

— Bandidas querer de novo dissolver a gordinho no ácida. Isto ser muito maldade, maldade fortíssima. Agora mim ficar brava de verdade!

Gente, o Mister deu um soco que não existe: o peludão levantou três metros do chão e tão depressa

que ninguém viu ele passar, só viram um racho na parede e o peludão cair amassado no chão, esponja mole e roxo inteiro.

O Mister xingava em inglês, estava brabo mesmo, só de olhar o olho dele o Almeidinha nem quis saber, deu meia volta e disparou: foi pego pelo cangote virado puxado trazido e Pumba! levou uma malhada que pelo amor de Deus — decolou reto, braço aberto em cruz, mais para o alto se inclinou de banda, parou um átimo de segundo no espaço e Pracachum! mergulhou de ponta cabeça roxo esponjinha igual o amigo.

Mister John Smith Peter Tony esfregou a mão uma na outra e abotoou o paletó marrom.

— Mim pensar que caso estar resolvido, non ser verdade, Jonas?

— *Yes Sir, I think so.*

## Capítulo 39



Chegaram os guardas e levaram os bandidos para cima, no galpão.

E chegou repórter, chegou rádio, chegou televisão, chegou polícia técnica, chegou parente, chegou delegado, chegou povo, e o galpão tava um quizumba que só mesmo. Os câmeras da TV cruzavam pelo galpão em cima daquelas máquinas altas de rodinhas e como eram muitos canais o fio de um enrolava no fio do outro; o do canal 4 puxava o do canal 5; um fio tava ali quieto, de repente dava um bote: era o cara do canal 7 que puxou o fio do canal 13, e reclama e grita e bate chapa e tropeça e não me empurra, todo mundo fumando e a fumaceira subindo e a confusão foi por aí indo.

— Como fizeram para achar o esconderijo? — perguntou o gordo, logo que viu seu Tomé.

O homem estava feliz e disse:

— Ora, gordinho, ainda me pergunta. Pois foi sua ideia de mandar o recado no verso das figurinhas. Um menino levou a figurinha na fábrica com o recado, em cima da hora, quando estávamos jantando.

— Não entendo, nenhuma figurinha foi entregue hoje.

— Só sei que o menino levou a figurinha lá e se não fosse ele, meu gordinho, você estaria agora batendo asinha no céu. Olhe, é aquela criança simpática de camisa verde, que está conversando com o delegado.

Nisso, sete guardas de uniforme azul principiaram a abrir caminho no meio da gentarada, porque levavam o Atlas para o carro de presos, todo esbandalhado, do modo que o Mister deixou. O menino da camisa verde deu um grito:

— Papai!

O grandalhão fez um esforço para levantar a cabeça e olhar na direção do grito; olhou triste e virou de lado para esconder as algemas.

— Meu filho que está fazendo aqui?

— Nas figurinhas que o senhor me trouxe tinha um bilhete do gordo raptado e fui eu quem o salvei. O senhor brigou com os bandidos pai? Está muito ferido?

Atlas apressou o passo e saiu depressa, com vergonha. O gordo ficou com pena do menino e falou

para Edmundo e Pituca que estavam junto:

— Vou agradecer. Aquele garoto salvou minha vida.

Depois que essa história começou, Edmundo e Pituca haviam visto coisas muito fora do normal, mas dessa vez o queixo deles caiu e o espanto foi grande.

— Pituca, veja só! O Bolacha vai dizer obrigado para alguém, é o milagre!

— Só vendo mesmo, vamos lá. O gordo agradecendo é fenômeno de primeira espécie.

Rodearam o filho de Atlas que tinha passado de alegre para triste porque entendeu o caso do pai. O gordo veio chegando, no seu passo de avestruz cansado, parou em frente no menino, levantou a mão, num gesto de carinho, para por no ombro dele.

— Olha, Pituca, vai ter milagre mesmo, o gordo está afetivo.

Mas o gordo era o gordo, já tinha feito muito e não deu para continuar. Em vez de por a mão no ombro do menino, parou o braço no meio do caminho, recolheu de novo, olhou encabulado para o teto e para o chão e disse:

— Puxa vida, que coisa né?

Edmundo e Pituca e mesmo o garoto entenderam bem que esse puxa-vida-que-coisa-né era um sincero e grande agradecimento que o gordo fazia no seu modo, que ele era esse gordo. Juntou a Berenice e com Edmundo e Pituca fizeram festa para o menino, consolaram e convidaram para almoçar e brincar na casa deles e para ver os brinquedos modernos do gordo.

E o galpão se entupia mais, toda a cidade veio espremer lá dentro, romaria de gente que queria ver o gordo de perto, que o gordo era o mais charmoso de São Paulo depois daquele barulho que fizeram. Um cutucava o outro e apontava:

— Ólá, o gordo é aquele.

Olá-o-gordo-é-aquele! Olá-o-gordo-é-aquele! e quem tava lá trás veio para frente e fizeram uma roda imensa rodeando o gordo e olhando ele. Olhavam e apontavam, faziam psiu, gordo, tchau, gordo, olha pra cá, gordo, boa, gordo, dá-lhe, gordo, gostei, gordo, aí, gordo, positivo, gordo, toca aqui, gordo, machão hein, gordo, gordo durão, gordo porreta, meus para-choques, gordo, gordo, meu amor, gordo pra frente, gordo quente, gordo maravilhoso, gordo divino, gordo, salvação da pátria, gordo nacional!

Pituca estava iluminado por um holofote e dava entrevista a um canal de TV:

— Então eu peguei pract! mandei um soco no baixinho.

— E o senhor doutor delegado? — perguntou um repórter. — Com o braço engessado, foi de luta com a quadrilha?

— Não meu caro, foi aquele diacho dos remedadores. Chegou um remedador português, disse que remedava touro, eu fiquei curioso, perguntei como era, e o burro me deu uma chifrada.

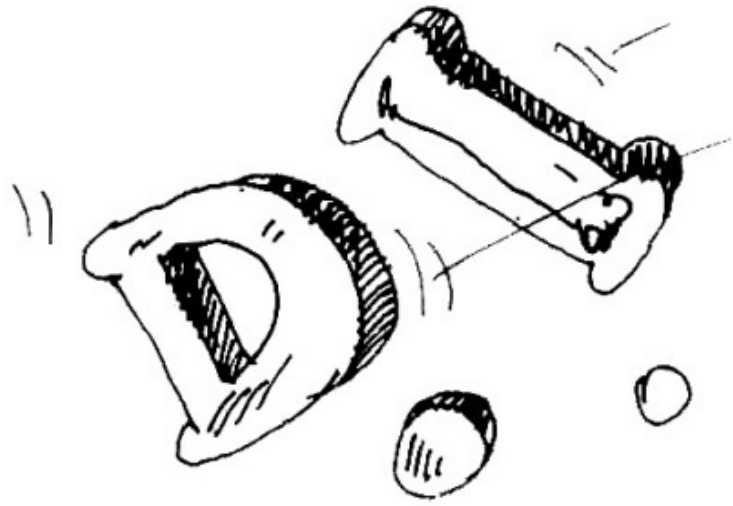
O pai do gordo pedia desculpas a seu Tomé.

— Ora, meu bom senhor, não fiquei aborrecido não, imagine. Tinha toda a razão de me dar um soco; o importante é que tudo terminou bem, o gordinho está salvo. Nem acredito.





# Capítulo 40



O rebuliço se acalmou aos poucos e Edmundo puxou o braço do Pituca:

— Não vejo o Mister desde que a polícia chegou; se raspou logo sem dar entrevista nem nada.

Saíram correndo no jardim, olharam e viram lá no fundo o helicóptero azul estacionado junto da jabuticabeira.

O escocês estava sentado no chão e mexia nas letras douradas com uma chave de parafusos. Perguntaram o que era aquilo e o Mister explicou que não era mais detetive invicto e por isso tirava as letras D.I. da porta do helicóptero. O gordo ganhara dele, ele salvara a vida do gordo, é certo, mas quem descobriu realmente a fábrica clandestina foi o Bolacha. O mérito era do Bolacha, era deles, do Edmundo, do Pituca, da Berenice, e detetive que é passado para trás não é mais invicto.

Edmundo falou que não, que foi trabalho de equipe, mas o Mister respondeu que não adiantava, o regulamento de detetive escocês era assim, coisa de rigor, senão não tinha mérito nenhum ganhar título de invicto, cada um dava um jeitinho e ficava invicto a vida inteira, e o mérito principal não é o que os outros ficam sabendo da publicidade, mas o que a gente sente que é para valer dentro de si.

Mister John jogou as letras D.I. num canto do jardim e levantou-se. A ponta dum galhinho fino da jabuticabeira enfiou no cabelo e jogou uma franja amarela por cima do olho azul. John Smith arrumou o cabelo e olhou o céu que não tinha lua dessa vez: noite só para as estrelas, noite limpa escura de se enxergar longe longe, as estrelas pequeninas e nítidas sem o pisco e sem o clarãozinho embaçado em redor. Olhou e falou:

— Noite bonita de essas o gente sentir uns saudades misturados em dentro do cabeça do gente.

Montou no helicóptero numa pernalongada e chamou o Jonas:

— Jonas *come here*.

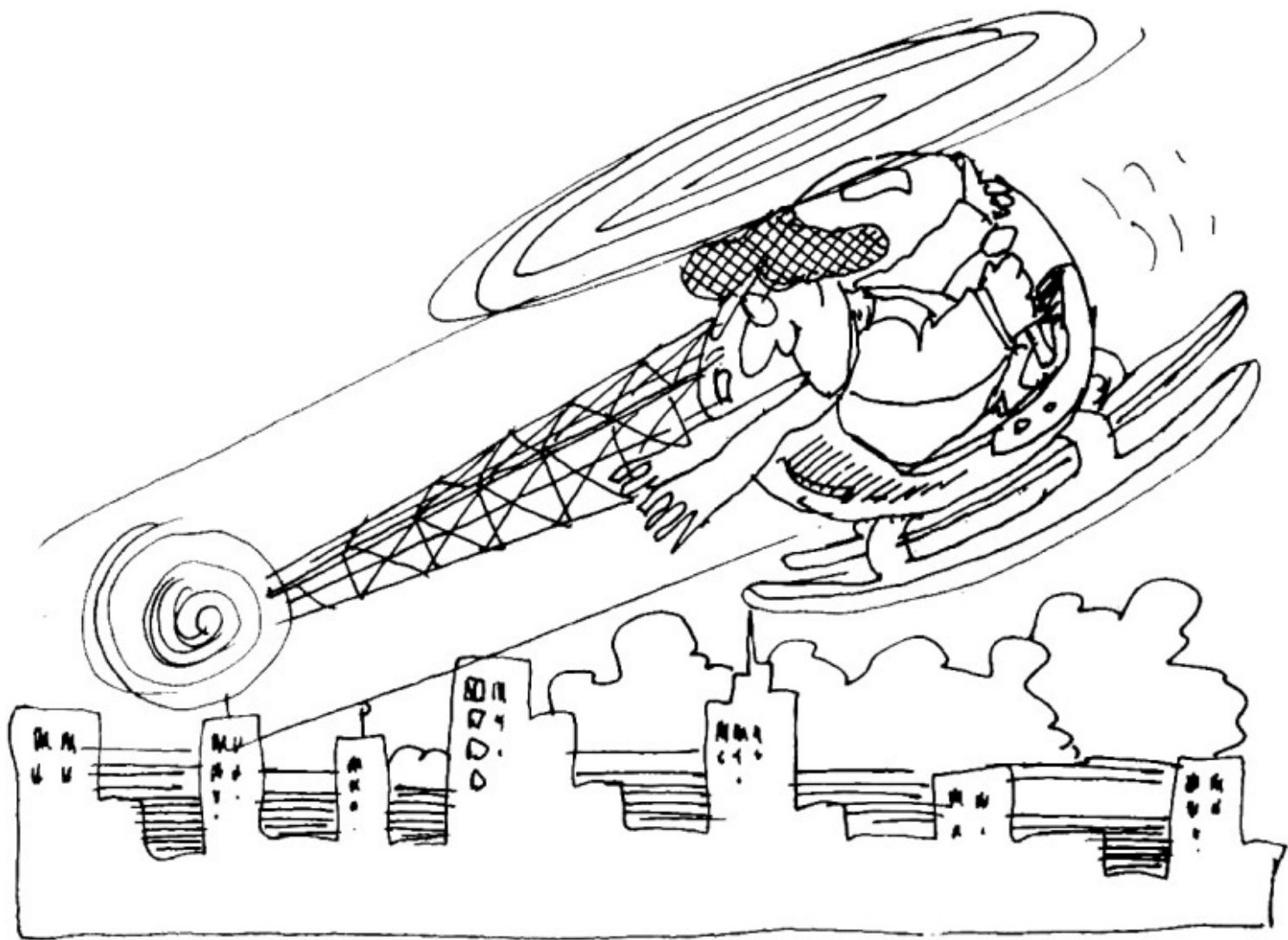
O velho ajudante de detetive apertou a mão dos meninos, falou "saludos amigos" e trepou no helicóptero. As pás principiaram a rodar dando uma ventania nas folhas da jabuticabeira. Edmundo falou:

— Até logo *Mister*.

O *Mister* pôs a cabeça fora do helicóptero, olhou uma última vez aos meninos, e falou articuladamente para que o barulho do motor não impedisse que fosse ouvido:

— Um dia mim voltar na Brazil porque mim ficar pensando no Escócia um gozaçon fortíssima para vingar o do garrafinha; o gorda vai ficar danada do vida. Mim non estar triste de perder o meu invencibilidade; neste aventura mim achar em vocês novas amigas e um bom amizade ser mais importante que ser invicta; lembrar sempre de este grande verdade.

Apertou o botão e o helicóptero azul pulou e sumiu na noite de São Paulo.



## Leia de João Carlos Marinho

### Pela Global Editora

#### I

Aventuras da turma do gordo  
GÊNIO DO CRIME  
CANECO DE PRATA  
SANGUE FRESCO  
LIVRO DA BERENICE  
BERENICE DETETIVE

#### II

##### Contos

PAI MENTAL E OUTRAS HISTÓRIAS

#### III

##### Poesias

ANJO DE CAMISOLA

*O Gênio do Crime* : Inaugurou em 1969 as aventuras da turma do gordo (Bolachão), Berenice, Edmundo e Pituca.

*O Caneco de Prata* : Biquinha, Mariazinha, Godofredo e Sílvia entram para a turma. Primeira aparição da professora Jandira.

*Sangue Fresco* : Prêmio Jabuti e Grande Prêmio da Crítica de 1982. Hugo Ciência e Zé Tavares entram para a turma. Primeira aparição do frade João.

*O Livro da Berenice* : Um bandido grego, através de um sistema de computador, rouba o livro da Berenice, instantaneamente, enquanto ela o escreve. A turma e o frade João entram em ação.

*Berenice Detetive* : Um mistério empolgante e uma obra-prima do suspense. Leia comentário na página seguinte.

*Pai Mental e outras histórias* : Sobre este livro Fanny Abramovich escreveu: "Quatro histórias de uma beleza irresistível: são crianças em situações diversas, buscando compreender o mundo dos adultos, o mundo, e sobretudo a si próprias.

*Anjo de Camisola* : Obra poética que coloca João Carlos Marinho entre os poetas significativos da língua portuguesa.

Opinião da renomada escritora Vivina de Assis Viana

sobre o estilo de João Carlos Marinho e em especial sobre o livro *BERENICE DETETIVE*

### Emoção na medida certa

Quem estiver procurando, na literatura juvenil, obras quase mágicas, sérias e divertidas ao mesmo tempo, contemporâneas e atemporais, aventurescas e científicas, não precisa ir longe, pedindo socorro aos escritores estrangeiros. A fórmula, ao alcance de todos, espalha-se fartamente pelos vários livros de João Carlos Marinho.

O último deles, **Berenice Detetive** (Global Editora, São Paulo), pode ser considerado como uma festa para os olhos e o espírito do leitor inteligente. Dominando com perfeição uma técnica difícil — a da literatura de suspense —, João Carlos Marinho transforma **Berenice Detetive** numa obra-prima do gênero policial.

Personagens e fatos, misturando-se e cruzando-se rápida e misteriosamente em ritmo crescente, fazem do livro de Marinho leitura imprescindível — para não dizer obrigatória, que soa mal — para jovens e adultos exigentes, acostumados ao compasso alucinante dos computadores ou fiéis à sintonia antiga dos realejos.

Não há como resistir ao fascínio da linguagem trabalhada pelo escritor paulistano, morando há alguns anos em Guarulhos, onde é advogado trabalhista.

Nessa linguagem, nada falta nem sobra, parecendo cronometrada para emocionar na medida certa. O cronômetro, magicamente, funciona. Se alguém duvidar, é simples: basta ler o primeiro capítulo das aventuras incríveis dessas crianças que, com as respectivas famílias, empregados e amigos, têm povoado os últimos livros do escritor.

De fato, para não se ler João Carlos Marinho, só há um jeito: não começar.

Começando, o processo, contagiante e contagioso, toma conta do leitor. E transforma-o num indivíduo mais rico e mais feliz interiormente. Um indivíduo com a alma lavada, como se costuma dizer. Resultado da obra quase mágica do autor que enriquece o leitor desde o aparecimento do primeiro livro — **O Gênio do Crime** — em 1969.

Vivina de Assis Viana

(Jornal da Tarde de 26/06/87)

PRÊMIO MERCEDES-BENZ DE LITERATURA JUVENIL -1988  
MELHOR OBRA

Considerado  
"ALTAMENTE RECOMENDÁVEL PARA O JOVEM"  
pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - 1988

**JOÃO CARLOS MARINHO**

Nascido no Rio de Janeiro em 1935, João Carlos Marinho (cujo nome completo é João Carlos Marinho Homem de Mello) fez os primeiros estudos em Santos, mudando-se logo para São Paulo onde cursou a admissão e o ginásio no Colégio Mackenzie. Em seguida, fixou residência em Lausanne, Suíça, onde obteve o certificado de *Maturité Fédérale Suisse*. Em 1962, formou-se em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco e passou a morar em Guarulhos onde foi titular do escritório de advocacia trabalhista J. C. MARINHO até 1987, ano em que voltou a morar em São Paulo.